



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE DANÇA

**A Educação Física e a Dança: A abordagem estética do Desporto como uma
possibilidade na área da Composição Coreográfica, com alunos do 5º vocacional da
Academia de Música de Vilar do Paraíso**

Bárbara Teixeira

Orientação:

Especialista Ana Silva Marques

Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Dança, com vista à obtenção do
grau de Mestre em Ensino de Dança

Setembro de 2015



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE DANÇA

**A Educação Física e a Dança: A abordagem estética do Desporto como uma
possibilidade na área da Composição Coreográfica, com alunos do 5º vocacional da
Academia de Música de Vilar do Paraíso.**

Bárbara Teixeira

Orientação:

Especialista Ana Silva Marques

Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Dança, com vista à obtenção do
grau de Mestre em Ensino de Dança

Setembro de 2015

AGRADECIMENTOS:

A apresentação deste relatório encerra um período fundamental da minha aprendizagem enquanto professora de Dança. Durante dois anos, este processo reflexivo e bastante trabalhoso, trouxe-me experiências, partilhas e saberes que ficarão comigo para sempre. Foi o reviver de um passado saudoso e ao mesmo tempo a busca de um maior conhecimento e segurança para o desenvolvimento do meu percurso profissional, enquanto professora de dança. Mais que uma simples aprendizagem foi uma troca de vivências e conhecimentos que me enriqueceram acima de tudo enquanto pessoa, mas seria impossível percorrer este percurso sem o apoio de algumas pessoas e por isso deixo aqui o meu sincero agradecimento.

Em primeiro lugar tenho que agradecer à Professora Ana Silva Marques, antes de mais, pela sua garra e paixão que transmitiu nas suas aulas durante o 1º ano do Mestrado, que me ajudou também na escolha do tema e claro, pela sua orientação e apoio na execução deste relatório de Estágio.

À Professora Alexandra Mendes, Marina Vasques e ao Professor Mário Gonçalves, pela disponibilidade, paciência e ajuda que me foram dando.

À Academia de Música de Vilar do Paraíso onde realizei o meu estágio, por abraçarem este projeto e me permitirem concluir esta importante fase.

Não poderia ainda deixar de agradecer aos meus pais e irmã que estão sempre “lá” a apoiar-me. Os meus pilares, que me ajudam a seguir mesmo nos momentos em que tudo parece impossível.

E por fim, ao meu mais que tudo, Hugo Silva, por ter sido sempre o meu companheiro e amigo, por ter estado sempre ao meu lado, não me deixando nunca desistir nem enfraquecer. Obrigada Hugo pela disponibilidade em me levar ao comboio de madrugada vezes sem conta, (que acredito, que não era nada fácil), pela ajuda “nas coisas da informática”, que tantas dores de cabeça me causam, por teres ouvido os meus desesperos, aflições, por limpares as minhas lágrimas nos momentos mais difíceis e angustiantes, por me ajudares a acreditar sempre em mim...por seres tu!

RESUMO:

A Composição Coreográfica é uma área que valoriza o potencial criativo, que passa pelas qualidades técnicas de um bailarino e sua aquisição de competências físicas, a par das suas capacidades expressivas (Batalha, 2004). Esta capacidade criativa dos bailarinos pode ser comparada com as capacidades criativas de um atleta.

Questionamo-nos se o estímulo da prática desportiva e, especificamente, os movimentos corporais e respetivas táticas de execução de uma atividade desportiva não podem reverter para o desenvolvimento criativo desta área, numa formação da sensibilidade estética de determinado movimento, em prol do desenvolvimento de um processo criativo em Dança.

Neste sentido, o relatório de estágio final que se apresenta concretizou-se na sequência do Curso de Mestrado em Ensino de Dança da Escola Superior de Dança e foi desenvolvido na área da Composição Coreográfica, na disciplina de Técnica de Dança Contemporânea II, no 5º ano do Ensino Vocacional de Dança da Academia de Música de Vilar do Paraíso, no ano letivo de 2014/15.

Os objetivos inerentes ao estágio desenvolvido tiveram como temática e orientação metodológica a abordagem da estética desportiva, e suas especificidades técnicas e táticas como pontos de partida para o desenvolvimento de um trabalho de Composição Coreográfica, procurando-se uma articulação e pesquisa de estudo de movimento, aliada à análise e reflexão das temáticas. A exploração da metodologia da área desportiva permitiu dar a conhecer aos alunos de Dança novos conhecimentos, visto que a área do Desporto não está contemplada no seu curriculum Académico.

Desta forma foi possível, a partir da abordagem da Educação Física e, mais especificamente, do Futebol, do Basquetebol e do Atletismo, concretizar um trabalho coreográfico final.

Este Estágio, de natureza profissional, foi sustentado pelo paradigma da investigação-ação, através da recolha de dados resultantes da observação, apoiado na utilização de um Diário de Bordo e uma Grelha de Observação sistemática. Tal permitiu que as etapas de observação, reflexão, planificação e ação da atividade letiva fossem mais objetivas e estruturadas, integrando-se os conhecimentos epistemológicos necessários na prática e reflexão pedagógica de ensino especializado, numa perspetiva de aperfeiçoamento profissional nos domínios artístico, científico e relacional.

Palavras-chave: Dança, Composição Coreográfica, Educação Física, Estética Desportiva.

ABSTRACT:

The Choreographic Composition is an area that values the creative potential, which involves the technical qualities of a dancer and his acquisition of physical skills, along with their expressive skills (Batalha, 2004). This creative ability of dancers can be compared to the creative abilities of an athlete.

We wonder if the stimulus of sports and, more specifically, body movements and the implementing tactics of a Sports activity cannot revert to the creative development of Choreographic Composition, given the appeal the aesthetic sensibility of a certain movement for the development of a creative process in Dance.

Therefore, the submitted final internship report, was held following the Masters Course in Dance Teacher Training of the Higher Dance School and was developed in the Choreographic Composition area, in the Contemporary Dance Technique II subject, in the 5th year of the Dance Vocational Education of the Music Academy of Vilar Paraíso, in the year of 2014/2015.

The inherent objectives of the developed internship had as thematic and methodological orientation the approach of Sports aesthetics and its technical and tactical characteristics, as starting points for the development of a Choreographic Composition work, searching for a joint and motion study research, coupled with the analysis and reflection of the theme. Exploitation of the Sports area of methodology, allowed to make known to dance students new knowledge, since the area of sport is not included in its Academic curriculum.

Thereby, it possible, from the approach to physical education and, more specifically, to football, basketball and athletics, to accomplish a final choreographic work.

This professional nature internship was supported by the paradigm of research-action, by collecting data from observation, sustained by the use of a Logbook and a systematic Observation Grid. This allowed steps observation, reflection, planning and action of teaching activity to be more objective and structured, integrating the necessary epistemological knowledge in the practice and pedagogical reflection of specialized teaching, in a professional improvement perspective in the artistic, scientific and relational domains.

Keywords: Dance, Choreographic Composition, Physical Education, Aesthetics

INDICE GERAL:

INTRODUÇÃO:	8
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO GERAL	11
1.1.Ensino Artístico Vocacional:	11
1.2.Caraterização da instituição de acolhimento/Escola cooperante:	12
1.3.Recursos físicos e humanos:	13
1.4.Caraterização do Curso Básico Vocacional de Dança no 3º Ciclo	15
1.4.1. Enquadramento geral	15
1.4.2. Programa de TDC do 9º Ano de escolaridade, 3º ano vocacional de dança:	15
1.5.Plano de atividades:	16
1.6.Caraterização da turma de estágio (amostra):	16
1.7.Identificação do objeto de estudo:	17
1.8.Identificação dos Objetivos do Estágio:	21
1.9.Plano de ação e cronologia das várias fases do estágio:	22
CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	27
2.1.Considerações gerais sobre Educação Estética:	27
2.2.Dança, Desporto e Estética:	28
2.3.Educação Estética no Desporto:	32
2.4.Desporto e Composição coreográfica: caminhos cruzados?	35
2.5.Processos de criação: Metodologia de ensino da TDC II:	37
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO	45
3.1.Descrição dos métodos: investigação-ação:	45
3.2.Instrumentos de recolha de dados:	46
3.3.Avaliação das atividades:	48
3.3.1. Organização da prática de estágio:	48
3.3.2. Estratégias:	50
3.3.3. Planeamento das aulas de estágio:	51
3.3.4. Planificação geral (continua):	52

3.3.5. Conteúdos programáticos (continua):	56
3.3.6. Estrutura das aulas:	65
3.4.Etapas de estágio:	66
3.4.1. Prática de Observação Estruturada:	66
3.4.2. Prática de Participação Acompanhada:	67
3.4.3. Prática de Lecionação Autónoma:	68
3.5.Interpretação de resultados:	69
3.5.1. Observação, Lecionação acompanhada e lecionação autónoma:	69
3.6.Participação noutras atividades:	75
4. CONCLUSÃO/REFLEXÃO CRÍTICA	78
5. BIBLIOGRAFIA	82

ANEXOS, APÊNDICES E REGISTO AUDIO-VISUAL

ÍNDICE DE QUADROS:

Quadro nº 1 - Objetivos gerais e específicos.	22
Quadro nº 2 - Plano de ação.	23
Quadro nº 3 - Organização da prática de estágio.	48
Quadro nº 4 - Planificação a longo prazo.	52
Quadro nº 5 - Conteúdos de Dança e Educação Física.	56
Quadro nº 6 - Atividade Exposição sobre rodas – Dançar os afetos.	75
Quadro nº 7 - Atividade 4º Concurso Jovens Coreógrafos.	76
Quadro nº 8 - Atividade Comemorações do Dia Mundial da Dança.	76
Quadro nº 9 - Atividade European Music Festival for Young People – Neerpelt.	77
Quadro nº 10 - Atividade Espetáculo de Dança.	77

INTRODUÇÃO:

O presente relatório surge no âmbito do desenvolvimento do Estágio Profissional decorrente do Curso de Mestrado em Ensino de Dança, da Escola Superior de Dança (ESD), na área de Composição Coreográfica, desenvolvida na disciplina de Técnica de Dança Contemporânea II (TDCII), com alunos do 5º vocacional, do Curso de dança, da Academia de Música de Vilar do Paraíso (AMVP), ano letivo de 2014/2015.

A Composição Coreográfica é uma área artística que valoriza o potencial criativo, que passa pelas qualidades de um bailarino ao nível técnico e pela aquisição de competências físicas, a par das suas capacidades expressivas (Batalha, 2004). Será que podemos assemelhar esta capacidade criativa dos bailarinos às capacidades criativas de um atleta, quer na execução de um contra ataque, quer numa finta ou na execução de um remate à baliza?

Assim, e a par destas considerações, questionamo-nos se o estímulo da prática desportiva, e mais especificamente os movimentos corporais e respetivas táticas de execução de uma atividade desportiva, não podem reverter para o desenvolvimento criativo da Composição Coreográfica, tendo em conta a sensibilidade estética de determinado movimento, em prol do desenvolvimento de um processo criativo em Dança.

A partir da educação da sensibilidade Estética dos alunos, acreditámos ter sido possível, com o desenvolvimento do estágio, promover o processo criativo, a participação coletiva, a tomada de consciência, a autonomia e liberdade de movimentos, permitindo-lhes contactar com novos movimentos corporais.

Considerámos que a sensibilidade Estética pode servir de base para a avaliação de situações, na medida em que sentindo-se a si mesmo e aos outros, cada um poderá tornar-se sujeito das suas decisões, expressões e ações em relação a um coletivo. A Dança como elemento pertencente à cultura de movimento e enquanto arte, desenvolvida a partir das sensações, perceções e emoções dos alunos, pode ser compreendida como um processo de auto-conhecimento, conhecimento do mundo e suas complexas relações, configurando-se como um fenómeno histórico-social de carácter educativo e por isso, cada vez mais está a marcar a sua posição dentro do curriculum nacional, na área da Educação Física. No entanto, quando conhecemos a realidade dos programas de Educação Física/condição física dos cursos de Dança, verificamos que existe uma grande lacuna o nível desportivo. Porque não aprendem também estes nossos alunos a correr, a saltar barreiras, a fazer um passo picado ou um lançamento do peso? Não será esta uma formação limitada no que respeita a estes aspetos técnicos do movimento desportivo?

Deste modo, e tendo em consideração a especificidade da Dança como a área de ensino designada para o desenvolvimento deste trabalho, e a pretensão do desenvolvimento de competências artísticas, pedagógicas, didáticas e metodológicas, inerentes à área da Composição Coreográfica, foi determinante a definição e o desenvolvimento de objetivos claros, de uma estrutura coerente de trabalho e o aprofundamento e integração dos conhecimentos de ambas as áreas, tendo como base a perspectiva de autores de referência.

No sentido de se desenvolver uma metodologia orientada para complementar uma prática onde os conteúdos desportivos, estão contemplados na conciliação ou como estímulo para a prática da execução da dança e, neste caso, no desenvolvimento criativo e expressivo dos alunos de Dança quer ao nível do trabalho individual, quer ao nível do trabalho colaborativo e cooperativo da prática e com o intuito de sinalizar e trabalhar os problemas identificados, optou-se pelo método da investigação-ação, como suporte para o desenvolvimento do período de estágio.

A metodologia a que recorreremos para a realização deste Estágio Profissional foi a investigação-ação, metodologia esta utilizada para estudos na área da educação e serve-se de métodos qualitativos para a sua avaliação. O seu objeto de estudo tem presente todos os intervenientes no processo e procura melhorias na qualidade dos procedimentos, intervindo e aplicando os seus métodos nas situações sociais e pedagógicas a que se propõe.

Propôs-se desta forma com o trabalho desenvolvido e a pesquisa em causa, refletir sobre as particularidades do Desporto, como estímulo para a criação coreográfica, num processo de sensibilização para uma educação Estética, capaz de propiciar a aquisição, desenvolvimento e consolidação de conhecimentos desportivos técnico-táticos, a partir de diferentes métodos de criação, pela aplicação de macro e micro estruturas coreográficas, da exploração dos elementos de produção, de apoio à criação do espetáculo e do trabalho de diferentes elementos de análise crítica.

No que concerne à sua **estrutura**, o presente relatório divide-se em:

Introdução, onde se faz uma breve contextualização da temática e as motivações que determinaram o desenvolvimento do estágio. Apresentam-se também aqui os objetivos do trabalho, assim como as metodologias, técnicas e instrumentos usados ao longo do processo.

O desenvolvimento do trabalho é constituído por três capítulos:

Capítulo 1 - Enquadramento Geral: apresenta-se e caracteriza-se a instituição de acolhimento (AMVP) e contextualiza-se o curso vocacional de dança, especificamente no 3º

ciclo, no âmbito da disciplina de TDCII. Neste capítulo estão também incluídos os objetivos gerais e específicos do relatório, assim como a caracterização da amostra.

Capítulo 2 – Enquadramento Teórico: exposição de aspetos relacionados com a Estética em geral, a Estética desportiva, a relação entre Desporto e Dança e a caracteriza-se a área da Composição Coreográfica.

Capítulo 3 – Metodologia de Investigação: é apresentada a metodologia de investigação utilizada – a investigação-ação – assim como os vários instrumentos de recolha de dados selecionados para o período de estágio. Neste capítulo é explicitada, em forma de tabela, a organização cronológica das aulas do estágio e as estratégias aplicadas para atingir os objetivos definidos. Evidenciamos ainda as quatro modalidades do período de estágio (observação, observação participada, lecionação e participação noutras atividades) e a forma como estas foram abordadas e desenvolvidas.

Na **Conclusão ou Reflexão** crítica do Relatório de Estágio, é realizada a reflexão de todo o trabalho teórico-prático levado a cabo ao longo do período de estágio, onde se procura analisar e perceber se os objetivos previamente definidos foram alcançados com sucesso, delineando planos para colmatar as falhas detetadas e sugerindo estratégias para a melhoria do quadro existente.

No final do relatório é apresentada a **Bibliografia** na qual se apresenta, por ordem alfabética, todas as referências bibliográficas consultadas para a fundamentação deste relatório e aprofundamento do tema em questão. Os apêndices e anexos do Relatório final, encontram-se após a bibliografia do trabalho e vão sendo referenciados ao longo do Relatório, sendo que como suporte audiovisual, aparece um DVD, que contém registos do processo de criação coreográfica, assim como o registo audiovisual da apresentação coreográfica (Anexo K).

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO GERAL

Neste capítulo pretende-se, fornecer uma visão do enquadramento da prática de estágio desenvolvida, nomeadamente sobre o Ensino Artístico Vocacional e sobre a AMVP, a escola cooperante onde se realizou o Estágio Profissional.

1.1. Ensino Artístico Vocacional:

A Arte assume-se como excelência dos nossos pensamentos e emoções, fundadora de capacidades criativas, comunicativas e estéticas, potenciadora do desabrochar das capacidades expressivas e a “problematização do objeto artístico”, que se “assumem (...) como uma inovação artística” (p. 9), devendo por isso, ser parte integrante da educação, já que as aprendizagens que potenciam a dialética razão e emoção, são extremamente motivadoras, dinâmicas e produtivas, fomentando uma educação mais rica e completa. (Batalha, 2004).

A Arte é o lugar privilegiado da atividade criadora intencional e, por isso, deve ser promovida pelo Sistema Educativo e consequentemente pelas nossas Escolas.

Dentro das experiências educativas artísticas temos a Educação Artística Vocacional que consiste “(...) numa formação especializada, destinada a indivíduos com comprovadas aptidões ou talentos em alguma área específica.” (Decreto-Lei nº 344/90, de 2-11 – Bases da Educação Artística, Artº11, p.4524) (Anexo A). Esta formação é ministrado em estabelecimentos públicos ou em estabelecimentos de ensino particular ou cooperativo e tem como objetivo fundamental a formação de artistas e promovem o desenvolvimento das capacidades técnicas, criativas e expressivas, necessárias para o exercício da Arte. Para Batalha (2004) “(...) as Artes promovem um desenvolvimento humano completo, permitindo ampliar noções do real e criar uma identidade própria, favorecem experiências criativas, estéticas e críticas variadas, respeitam a individualidade de cada um e oferecem liberdade na solução de problemas.” (p. 20), promovendo uma formação harmoniosa da personalidade, numa ação integradora com os outros e com o ambiente.

O Ensino Artístico na sua dimensão educativa promove a formação harmoniosa da personalidade, numa ação integradora com os outros e com o ambiente. Esta vertente de ensino desenvolve a componente sensorial, a sensibilidade estética, a imaginação e a espontaneidade. Assim sendo, “(...) a arte deverá estar inserida na educação, tendo em conta objetivos formativos e educativos, os quais deverão apontar para o desenvolvimento das capacidades de inovação, abertura à mudança, para a ação pessoal, social e cívica, de atender

à qualidade, à estética dos processos e de desenvolver a consciência cultural.” (Marques, 2007, p. 29).

Read (1982) define a Arte como base da educação. Para o autor esta deverá ser concedida à criança “(...) sob a forma lúdica-expressiva-criativa, de modo livre, num clima que proporcione a inspiração, motivando a expressão dos sentimentos e a estimulação da criatividade.” (Sousa, 2003, p. 24). Para Read a educação deve-se focar na formação de uma personalidade integrada, que quando baseada em valores, obrigam o indivíduo a tomar as suas próprias decisões. A Arte caracteriza-se pela noção de que é um meio de expressão que possibilita a comunicação exterior de sentimentos, emoções e pensamentos interiores (Osborne, 1983, citado por Gehrs, 2008).

Batalha (2004) refere ainda que “(...) o objetivo é desenvolver competências criativas e performativas adquiridas através de movimentos de exploração e de resolução de pequenas situações-problema.” (p.18).

Nesta perspetiva de ensino, a Dança é desenvolvida com base em conceitos generalistas, em que importa perceber a ideologia da educação pela Arte, para depois se entender toda a formação adjacente ao ensino especializado. Ou seja, quando se aborda o ensino da Dança numa dimensão vocacional, para além da dimensão educativa genérica, a dimensão artística é sobressaída, no sentido em que a formação de profissionais especializados na área da Dança é uma prioridade.

A Dança organiza-se em função de diversos saberes. “A conceção e a realização do ato de dançar, necessitam de uma coerência relativa a todas as componentes da Dança que vão do argumento, ao estilo, à técnica do performer, às ideias do coreógrafo, ao confronto com o público (...)” (p. 22). Assim, o Ensino Artístico Vocacional de Dança realça a importância do Corpo no processo da imaginação criadora, do Corpo enquanto instrumento Técnico, mas também enquanto objeto de expressão e comunicação (Batalha, 2004).

1.2.Caraterização da instituição de acolhimento/Escola cooperante:

A AMVP, fundada em Fevereiro de 1979, pelo Professor Hugo Berto Coelho foi oficializada em Maio de 1990 e é uma escola de ensino vocacional artístico, em Vila Nova de Gaia, na freguesia de Vilar do Paraíso.

Desde a sua fundação que a AMVP tem sido pedagogicamente orientada no sentido de, através de uma interação ativa e criativa, possibilitar a formação de cursos oficiais em vigor e

dotar os seus alunos das competências inerentes às exigências da sociedade e do mercado de trabalho atual.

A AMVP ministra cursos oficiais na área da música – formação musical, canto e instrumentos musicais – e na área da Dança, cursos correspondentes ao 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário, à exceção do curso de dança que abrange até ao ensino básico. Integra ainda cursos de música e de dança, no regime livre, alargando-se, assim, a oferta formativa a diferentes públicos-alvo. Lecionaram-se nesta academia, em regime livre, até ao ano letivo de 2014/2015, aulas de dança jazz, bem como cursos de iniciação de música e de dança para o nível pré-escolar.

A AMVP tem ainda o curso de Teatro Musical¹, criado em 2003, que tem estabelecido um protocolo com uma prestigiada escola de teatro musical de Londres - a *Mountview Academy of Theatre Arts*² – que certifica este curso.

O regime integrado³, existe na Escola desde 2009 e consiste num currículo em que se integra a componente académica regular e a componente Vocacional Artística (Música ou Dança), lecionadas na mesma escola. No ano letivo 2014/2015, o ensino integrado abrange os alunos inscritos no 2º e 3º ciclos, do 5º ao 9º ano de escolaridade.

1.3. Recursos físicos e humanos:

A AMVP é uma instituição que se insere na rede de estabelecimentos de ensino particular e cooperativo, no âmbito do ensino artístico especializado de Dança e de Música. Está localizado na confluência das freguesias de Mafamude e Vilar do Paraíso, no concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto.

Está próxima das escolas de ensino básico e secundário das freguesias de Vilar do Paraíso e de Valadares, facilitando a mobilidade entre escolas. Contudo, tem protocolos com

¹ Este curso proporciona uma formação específica em artes performativas, destacando-se a interpretação, a voz (falada e cantada) e a dança, vertentes interventivas em musicais. (Academia de Música de Vilar do Paraíso [AMVP], s.d.)

² A *Mountview Academy of Theatre Arts* é uma instituição inglesa de ensino superior que oferece cursos de teatro, teatro musical e encenação. Defende um ensino de alta qualidade e, por isso, as turmas são pequenas e os alunos têm, regularmente, sessões individuais com os tutores que lhes foram atribuídos. Tem como objetivo a preparação dos seus alunos para a entrada direta no mercado de trabalho, dando-lhes a oportunidade, ao longo do curso, de trabalhar com profissionais da área em estudo. (AMVP, s.d.)

³ O ensino integrado consiste num currículo que integra a componente académica regular e a componente vocacional artística (música ou dança), lecionada na mesma escola. O ensino integrado tem a vantagem de eliminar os problemas de compatibilidade de horários e deslocações entre escolas, proporcionando aos alunos que querem estudar música ou dança um ambiente de aprendizagem plena. Remete-se para anexo A toda a legislação relacionada com o ensino vocacional artístico de dança do 2º e 3º ciclos de escolaridade. (AMVP, s.d.).

escolas de áreas geográficas mais afastadas, ultrapassando assim os limites do seu próprio concelho.

No concelho de Vila Nova de Gaia estão implementadas várias escolas com características idênticas, no entanto, a Academia destaca-se como sendo a única a proporcionar o regime de ensino integrado e a oferecer os cursos oficiais de dança e de música, assim como o curso livre de teatro musical. A Academia acolhe, por conseguinte, uma população escolar vasta e heterogénea (AMVP, s.d.)

Em Setembro de 2009, após a concretização do projeto, a Academia transita para o seu novo espaço, na Rua do Cruzeiro, n.º 49, também na freguesia de Vilar do Paraíso.

Estas instalações são constituídas por três núcleos com tipologias próprias e distintas entre eles: um destinado à Dança e ao Teatro, distribuído por dois pisos, com quatro estúdios, uma *blackbox*, quatro salas teóricas, um laboratório de ciências, casas de banho e balneários; outro, destinado à música, distribuído por três pisos e composto por onze salas teóricas, dois auditórios e vinte e duas salas para instrumento; um terceiro elemento térreo, que liga os edifícios anteriormente citados, onde se encontram a receção, os serviços administrativos, a tesouraria, a reprografia, a sala de professores, os gabinetes de direção, a sala de reuniões e instalações sanitárias. No piso inferior ao rés-do-chão está localizada a cantina/bar (onde são servidos os almoços e lanches), uma ampla biblioteca, o auditório principal e instalações sanitárias. A área circundante conta com recreio, campo de jogos, áreas verdes e estacionamento.

Todo o recinto escolar está dotado de boa iluminação, aquecimento e salas de aula com mobiliário moderno e bem conservado. Todo o recinto escolar é vedado e as portas de saída são controladas por funcionários (AMVP, s.d.).

A comunidade educativa da AMVP, no ano letivo 2014/2015, é constituída por 103 docentes, 3 diretores executivos, 18 funcionários e 786 alunos, dos quais 155 são alunos de Dança.

Da Direção da Academia fazem parte o Diretor Hugo Berto Coelho, da Direção executiva Hugo Berto Coelho; Luísa Coelho e Victor Hugo Coelho e da Direção logística Victor Hugo Coelho. A direção pedagógica da escola é composta por duas docentes: Sofia Novo, na área da música e Alexandra Mendes, na área da Dança. A direção pedagógica tem a seu cargo a gestão anual dos cursos ministrados e a orientação vocacional artística dos alunos. Para uma melhor organização e distribuição de tarefas, cada grupo disciplinar é constituído pelos

docentes que lecionam cada uma das áreas e por um delegado de grupo que reúne, quinzenalmente, com as diretoras pedagógicas, em conselho pedagógico. (AMVP, s.d.)

1.4.Caraterização do Curso Básico Vocacional de Dança no 3º Ciclo:

1.4.1. Enquadramento geral:

O Curso Básico Vocacional de Dança, no 3º ciclo, ministrado na AMVP, abrange alunos do 7º, 8º e 9ºanos de escolaridade, estando, no ano letivo 2014/2015, maioritariamente todos inseridos no Ensino Integrado. A carga horária destinada aos diferentes níveis aumenta gradualmente de ano para ano, de acordo com o plano de estudos do curso básico de dança criado ao abrigo da Portaria n.º 225/2012, de 30/07 (Anexo A). No 3º ciclo, a carga horária é distribuída pelas disciplinas de Técnicas de Dança (Técnica de Dança Clássica e Técnicas de Dança Contemporânea), Práticas Complementares de Dança e Música, à exceção do 9º ano, onde é distribuída pelas disciplinas de Técnicas de Dança e Música.

O Curso Básico Vocacional, no 3º ciclo, pretende, segundo os programas elaborados pela instituição de ensino para este ciclo, “(...) desenvolver a noção de dança como forma de arte, motivar e desenvolver uma sensibilidade estética, expressiva e artística, fomentando a criação de novos públicos, desenvolver consciência corporal e motora, desenvolver sensibilidade musical, fomentar a comunicação e a socialização – ser social e formar profissionais de Dança.” (Anexo B, p. 5).

1.4.2. Programa de Técnica de Dança Contemporânea (TDC) do 9º Ano de escolaridade, 3º ano vocacional de dança:

O programa de TDC do 9º ano de escolaridade (Anexo B) foi elaborado pelos docentes da disciplina da AMVP. Neste programa, para além dos conteúdos programáticos a lecionar ao longo do ano letivo, estão também explícitas as finalidades do mesmo, os seus objetivos gerais, uma abordagem generalizada dos conteúdos a lecionar, as sugestões metodológicas, as competências a adquirir, os recursos materiais a utilizar e a avaliação a aplicar. No início de cada ano letivo, o grupo de docentes elabora uma planificação a longo prazo, referente a cada turma, especificando a listagem das competências técnicas a adquirir, consoante o nível e desempenho demonstrados pelos alunos, no ano letivo anterior.

1.5.Plano de atividades:

O plano de atividades para o ano 2014/2015 (Anexo C), foi elaborado pelos docentes responsáveis por esta área, tendo em consideração todas as atividades a realizar durante o ano letivo, tanto ao nível do ensino regular como do ensino vocacional artístico. Neste plano, pretende-se uma eficiente e clara organização do ano letivo, tanto ao nível interno (direção, professores e alunos), como a nível externo (encarregados de educação e comunidade escolar). Além do Plano anual de atividades foi concretizado o Plano de Atividades da área de Dança (Anexo D). Foram incluídas neste plano todas as visitas de estudo programadas, as datas da semana de avaliação referentes aos três períodos, os vários concursos (Concurso Jovens Coreógrafos), todas as apresentações públicas (por exemplo: Paraíso Solidário, espetáculo de dança, espetáculo final da AMVP), entre outros.

1.6.Caraterização da turma de estágio (amostra):

O estágio desenvolvido na base deste relatório foi realizado numa turma do 9º ano de escolaridade, 5º ano vocacional, constituída por 12 alunos – 10 raparigas e 2 rapazes. Todos eles frequentam o Curso Vocacional de Dança da AMVP desde o 5º ano de escolaridade/1º ano vocacional. Alguns alunos desta turma também frequentaram o 1º ciclo na área de dança, nesta escola.

A turma resultou da junção de alunos oriundos da turma A do 6º ano (turma de ensino integrado) e 2 elementos da turma E do 6º ano (turma de ensino articulado).

Consideramos que os alunos revelaram um grande potencial criativo, na medida em que no desenvolvimento das atividades pedagógicas responderam sempre de forma positiva às propostas apresentadas e desenvolvidas nas aulas; não obstante esta situação verificamos que evidenciavam dificuldades a nível da concentração e atenção. Demonstraram alguma facilidade na memorização de sequências dadas ou criadas, mas pensamos que poderiam ser mais consistentes na interiorização das correções apresentadas em aula. Revelaram empenho e persistência nas tarefas, disponibilizando-se para ter aulas extra para ensaios. Em geral a turma revelou um bom ritmo de trabalho na aprendizagem, salvo algumas exceções pontuais.

A maior parte da turma revelou grande motivação e vontade de aprender, esforçando-se na execução dos exercícios propostos e na superação das suas fragilidades, expondo as suas dúvidas sempre que necessário.

No início do período de observação, foi elaborado, para cada aluno, um texto que refere as principais características de cada um, informações essas remetidas para anexo (Anexo E). No

final de cada período, apesar da avaliação dos alunos ter sido dada pelo professor titular, houve sempre diálogo sobre cada aluno, tendo sido os indicadores resultantes do trabalho do estágio uma referência que foi tida em consideração.

Relativamente às relações humanas, a interação entre colegas da turma revelou-se bastante saudável. Demonstraram ser um grupo unido e coeso que acolheu de forma muito positiva a temática do estágio, revelando grande entusiasmo, principalmente nas aulas das práticas desportivas. Os alunos possuem espírito de interajuda, companheirismo, quer entre eles quer com os professores. A relação estabelecida com os professores de TDCII foi sempre positiva, tendo-se criado empatias em que o diálogo e o entendimento foram uma realidade constante.

1.7. Identificação do objeto de estudo:

O Desporto é uma área da Educação Física, complexa que desenvolve competências motoras, o bem-estar, o ritmo, a promoção de relações, o espírito de equipa, mas é também motor de valores como a solidariedade, a partilha e a interajuda, o saber estar, saber comportar-se, brincar, divertir e ser feliz. É uma disciplina demasiado abrangente para ser reduzida a uma única área.

Segundo Brás e Bom (2002) a Educação Física tem como objetivo o desenvolvimento do sujeito no âmbito da prática educativa das atividades físicas e é um processo contínuo e aberto, cujo objetivo se prende com a contribuição para o desenvolvimento das pessoas; assim, nas nossas escolas, ela está orientada para o desenvolvimento sensório-motor dos alunos, na diversidade dos seus componentes bio fisiológicos, psicológicos, sociais e axiológicos, contribuindo para a aquisição de uma condição física saudável e promove o desenvolvimento da personalidade nos planos emocional, cognitivo, estético, social e moral.

Esta área educativa promove não somente a prática de atividades corporais, lúdicas e desportivas, mas o seu entendimento enquanto fator cultural e de concretização de valores sociais, estéticos e éticos. Claro está que, a prática desportiva é, nesta área, o meio privilegiado de desenvolvimento pessoal, interpessoal e comunitário e que estimula e desenvolve o espírito de equipa e as atitudes de cooperação, solidariedade, autonomia e criatividade mas, por outro lado, o desenvolvimento das capacidades de interpretação e de compreensão das potencialidades do desporto como fatores de desenvolvimento humano (Nobre, 2010).

No 3º ciclo, a disciplina de Educação Física contempla por um lado as atividades físicas desportivas, como o Futebol, o Voleibol, o Basquetebol, o Andebol, o Atletismo, a Patinagem

e a Ginástica (Ginástica no Solo, Ginástica de Aparelhos, Ginástica Rítmica), as modalidades com uso de Raquetes, como o Badminton, o Ténis e o Ténis de Mesa, atividades de Orientação, Escalada, Luta e Natação, a área de Jogos Tradicionais e Populares, a área de atividades de Exploração da Natureza e por fim, não menos importante, a área de Dança ou Atividades Rítmicas e Expressivas.⁴

Presente na escola desde o Pré-Escolar, a Dança acompanha o desenvolvimento dos nossos alunos, primeiramente enquanto segmento das áreas de Expressões Musical e Motora ou do bloco de Atividades Rítmicas e Expressivas e depois, já no 2º ciclo, como extensão da Educação Física, integrada no bloco das atividades rítmicas e desportivas¹.

Nas nossas escolas, a área da Dança é imensamente abrangente, podendo-se trabalhar este campo pela Dança Moderna, pelas Danças Tradicionais Portuguesas, pelas Danças Sociais, pela Aeróbica⁵ mas, a Dança Criativa/Composição Coreográfica, pelos seus métodos e processos criativos, traz à educação uma visão de aprendizagem mais rica na experimentação do corpo, na exploração de um espaço, na vivência de um tempo e na interação com os que o rodeiam, promovendo uma educação mais rica, interativa, global e interdisciplinar que permite, o desenvolvimento simultâneo da sensibilidade, da afetividade, personalidade, uma integração progressiva no meio social, a aquisição de regras e transformação de atitudes de forma lúdica: a aula não se dá; vive-se, partilha-se, constrói-se. A Dança Criativa proporciona um contacto mais efetivo e intimista com a possibilidade de se expressar criativamente através do movimento. Dançar não significa apenas fazer, mas apreciar e contextualizar (Barbosa, 1991), integrando o dançar com o pensar criticamente sobre ela. Assume-se como uma dança de “livre expressão”, acessível a todos, seduzindo-nos pelas suas inúmeras qualidades e pela capacidade de nos proporcionar uma possibilidade de comunicação rica e entusiasta, tornando-nos pessoas diferentes a cada instante; ela é “(...) forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social (...)” (Marques, 2003, p. 23).

A Composição Coreográfica é um processo complexo que envolve o ser humano nas dimensões artísticas e intelectuais: o conhecimento do seu corpo e consequentemente do seu movimento próprio, o sentido crítico e estético, a capacidade reflexiva e a análise crítica, o sentido rítmico, a noção de estrutura, a relação com outros corpos e objetos, com o espaço e com o tempo, a perspetiva artística, a capacidade expressiva e interpretativa, o conceito de performance, a motivação; é um processo complexo que parte tanto da intuição, como de um

⁴ <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/ensino-basico/metas-de-aprendizagem/>

⁵ http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Progr_educ_%20fis_reaj.pdf

trabalho exaustivo de procura, pesquisa e exploração (Shahn, 1957, citado por Aguiar, 2013). Na Composição Coreográfica o estímulo é o ponto de partida para a criação, podendo ser externo ou interno, numa busca pela intenção comunicativa do movimento. A partir dos estímulos, produzem-se improvisações que levam a uma seleção de material ou de movimentos, que aperfeiçoados, constituem o trabalho criativo. A intuição aliada aos conhecimentos é de facto fundamental no trabalho criativo.

Desta forma, presentes na formação da Composição Coreográfica, estão três eixos fundamentais: a interpretação (o fazer, o trabalho técnico, a experiência do movimento e a sua expressividade); a composição ou criação (a experiência de criar, coreografar, a imaginação e a invenção); e a apreciação (o analisar, o sentir, pensar e intervir num discurso coerente e reflexivo) (Smith-Autard, 2002). A improvisação pode atender aos objetivos de aprendizagem da Dança como Arte, na medida em que acontece a reelaboração Estética das experiências vividas no processo expressivo, através de meios representativos. A improvisação em áreas artísticas e educativas e especificamente na Dança, consolida numa “práxis”, baseada em “vivências”, nas quais se aliam o fazer, a problematização e o diálogo, gerando a experiência. Continua a ser uma ferramenta importante da exploração artística e da sensibilidade Estética e fundamental na libertação do corpo para o movimento interno e para as emoções, explorando as potencialidades criativas de cada indivíduo.

Por outro lado, a Dança, como outras atividades expressivas, pode ser um momento possível de transformação da sensibilidade Estética, que provoca o esclarecimento de si e do mundo e uma compreensão do “outro” em si e no mundo, conforme refere Kunz (2003).

Segundo Bannon e Sanderson (2000) é muitas vezes assumido que é na observação da Dança que a experiência Estética e a apreciação se encontram. O professor deverá fomentar nos seus alunos um diálogo mais íntimo e profundo sobre os trabalhos e produções culturais, ampliando horizontes, novas visões, analisando os diferentes contextos em que se inserem, trazendo reflexão, experiências e vivências, não pela criação mas também apreciando.

Segundo Fritsch (1988), na Dança, o ser humano tem uma vivência fundamentada na experiência do prazer e incorpora, dançando a sua realidade social, o que configura um “recontecer” simbólico das experiências vividas, transformadas então numa representação Estética (citado por Saraiva, 2005). Como afirma Adorno (1970, citado por Saraiva, 2005, p. 162), “(...) o comportamento estético é a capacidade de perceber nas coisas mais do que elas são.”.

Por outro lado, também o Desporto, tal como a Dança, é um fenómeno passível das mais diversas análises, ele é um fenómeno multifacetado, possível de ser explicado a partir de determinadas características, entre as quais a vertente Estética e artística.

Para Baitsch et al. (1974) o Desporto como fenómeno Estético faz-se com maior ou menor intensidade de acordo com a amplitude que se concede ao termo Estética, conceito demasiado ambíguo, já que nos remete ao sentido original “aisthesis”, que significa sensibilidade (Citado por Lacerda, 2002).

Independentemente do seu significado, Desporto, Estética e Arte são fenómenos que se relacionam entre si, já que, sendo a Estética a área de estudo voltada para o questionamento filosófico relativo à beleza e à Arte, como refere Huizinga (1980, citado por Lacerda, 2002), na sua origem, o exercício físico também foi associado à criatividade no âmbito das Artes plásticas, literárias, musicais e foram motivo de atenção para áreas como a escultura e a arquitetura.

A Estética, na área desportiva, não existe de forma abstrata mas aliada às perceções de uma dada realidade e por isso, a atenção deve ser voltada para as características percebidas e não para os movimentos físicos que as possibilitam (Beardsley & Hospers, 1997).

Então o que é Estética? Segundo Marques (1993) é “(...) um modo de perceção da realidade – de um objeto, de uma atividade” (p. 32) e surge no desporto como “(...) exaltação do belo, do verdadeiro, do ético e do estético(...)” (p. 33).

São diversos os estudiosos da existência de Estética no Desporto e são várias as definições para esta realidade.

Porque continuamos a distanciar estas duas áreas? Um trabalho conjunto não seria mais benéfico para todos? O que conhecem os alunos de Dança sobre o Desporto?

Partindo destas ideologias, surgiu, neste estágio profissional, a possibilidade de associar estas duas áreas: a Dança e o Desporto.

O Objetivo deste estágio profissional, parte da abordagem da Estética, intimamente ligada ao Desporto (Futebol, Basquetebol e Atletismo) no que respeita às suas especificidades técnicas e táticas, usadas como estímulo para o desenvolvimento de um trabalho de Composição Coreográfica, numa articulação e pesquisa de estudo de movimento, aliada à análise e reflexão das temáticas em causa. A exploração dessas ferramentas permitiram dar a conhecer aos alunos novos conhecimentos relativos à área desportiva, tendo em conta os conteúdos programáticos da Educação Física do 9º ano de Escolaridade (Anexo F), já que este não está contemplado no seu curriculum Académico, permitindo-lhes contactar com novos movimentos técnicos. O desenvolvimento deste estágio profissional parte da exploração, aquisição, desenvolvimento e

consolidação de conhecimentos desportivos técnico-táticos, a partir de diferentes métodos de criação e passa pela aplicação de macro e micro estruturas coreográficas, da exploração dos elementos de produção, de apoio à criação do espetáculo e do trabalho de reflexão e análise de movimento.

1.8. Identificação dos Objetivos do Estágio:

Uma educação Estética fomenta um novo sentido para a ação, fomenta uma atitude crítica e criativa e na Dança isso ganha uma dimensão maior já que ser crítico é ser capaz de questionar, dialogar e dar diferentes soluções a uma questão. Tudo isto torna-se mais fácil quando se está corporalmente envolvido (Kunz, 1998, citado por Saraiva, 2009).

Pela Dança, somos capazes de expor os nossos sentimentos, pensamentos e ideias, partindo de diferentes estímulos, explorando-se assim, o corpo e o movimento como meios de comunicação. O corpo move-se numa trajetória, em sincronia com uma música, assume relações de dependência e independência, explora ritmos, “desenha” movimentos”, o corpo em Dança emociona-se, comunica, cria, constrói e desconstrói, explora o belo e o feio, interpreta, pulsa, vibra, sente o silêncio e vive a pausa, dançar é explorar “(...) possibilidades de movimentos, de formas(...)” (Mansur, s.d., p. 212), é modificar, reconstruir, pensar, refletir, dançar é refinar, é elaborar e ser crítico.

Ao dançar o aluno é sujeito da ação: aberto, sensível, criativo e crítico, onde as experiências passam por caminhos de incorporação interior e de reelaboração do vivenciado, mas o Desporto pode ser considerado também como o cultivo da capacidade sensível, na construção do “dar a forma” prático e perceptivo em situações de contraste, assim, se a Estética é convocada para dar sentido ao desporto, também terá que ser na educação desportiva.

Pelas formas dos movimentos, pela exploração das dinâmicas, pelas relações entre os atletas e atletas/objetos, pelas cores, pela execução técnica, harmonia dos corpos, pelas roupas, o Desporto aproxima-se cada vez mais do campo performativo e consequentemente da Arte. Assim, o enquadramento temático desta prática de estágio foi no sentido da exploração do movimento criativo e das potencialidades Estéticas desportivas, a partir da exploração de técnicas e táticas. Associou-se a Dança e o movimento à exploração, descoberta e consciência dos movimentos técnicos do futebol, basquetebol e atletismo.

O presente relatório de estágio e a estruturação da prática pedagógica, com base nesses conceitos mencionados, tiveram subjacentes os objetivos que abaixo se apresentam:

Quadro nº 1:

Objetivos gerais e específicos.

Objetivos Gerais:	Objetivos Específicos:
<ul style="list-style-type: none">Promover o desenvolvimento das Unidades temáticas: corpo, espaço e relações.	<ul style="list-style-type: none">Desenvolver a consciência corporal, a partir das formas do corpo e ações técnicas desportivas.
<ul style="list-style-type: none">Promover a aquisição e consolidação de competências criativas, expressivas e interpretativas.	<ul style="list-style-type: none">Desenvolver as dinâmicas do movimento, através de noções desportivas como fintas, recuperação e contra ataque.
<ul style="list-style-type: none">Consciencializar para a dimensão individual e social quer da dança quer do desporto, enquanto expressão artística e cultural.	<ul style="list-style-type: none">Desenvolver conceitos espaciais como o desenho do corpo, a progressão espacial, a tensão espacial, os níveis e as direções a partir de disposições táticas, estratégias de ataque e defesa e gestos técnicos.
<ul style="list-style-type: none">Acompanhar todo o processo criativo dos alunos até à concretização final dos seus trabalhos;	<ul style="list-style-type: none">Desenvolver a capacidade de relação entre os alunos a partir das formas de relação Atleta/atleta e atleta/objeto.
	<ul style="list-style-type: none">Avaliar a capacidade criativa e de Composição Coreográfica dos alunos na apresentação dos seus trabalhos finais.
	<ul style="list-style-type: none">Articulação dos conteúdos e objetivos do Desporto com os conteúdos e objetivos da Composição Coreográfica.
	<ul style="list-style-type: none">Promover uma abordagem da temática estética da área desportiva e suas componentes técnico-táticas.

1.9.Plano de ação e cronologia das várias fases do estágio:

Para a prática do estágio na AMVP, foram adotados procedimentos de acordo com a carga horária prevista pelo regulamento do estágio do Mestrado e pela própria dinâmica das atividades da escola.

No final do 3º Período do ano letivo de 2013/2014, foi apresentado ao grupo de Dança o Projeto de Relatório de Estágio e especificamente os seus objetivos

No início do ano letivo 2014/2015, numa reunião informal com a Professora Cooperante, a estagiária e a Professora Orientadora de Estágio, foram apresentados os parâmetros, normas e o objetivo do estágio.

O quadro que se segue, pretende esquematizar, de forma clara e objetiva, as várias etapas do desenvolvimento do estágio, considerando que este prevê 8 horas de observação estruturada, 8 horas de participação acompanhada, 40 horas de lecionação e 4 horas de colaboração noutras atividades. A fase de observação estruturada, observação participada e da colaboração noutras atividades ocorreu durante o 1º Período. A fase de lecionação ocorreu durante todo o 2º e 3º Períodos, em aulas semanais com a duração de 1h30 min.

Quadro nº2:

Plano de ação.

	MÊS	AÇÕES
1º Período Letivo	Setembro (4h30min de observação)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do Projeto de Estágio à AMVP • Reunião na Instituição de Acolhimento com Professora cooperante e Professora Orientadora. • Revisão Bibliográfica • Análise do programa de Técnica de Dança Contemporânea II do 9º Ano de Escolaridade • Observação das aulas do professor Titular
	Outubro (4h30 min de observação) (3 horas de participação acompanhada)	<ul style="list-style-type: none"> • Observação e análise das maiores dificuldades de cada aluno do 9º ano, recorrendo à grelha elaborada para as aulas de observação. • Participação acompanhada nas aulas de TDCII do 9º ano. • Entrega do questionário inicial aos alunos e entrega do pedido de autorização para a recolha de registos audiovisuais e fotográficos.
	Novembro	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de exercícios específicos para cada aluno do 9º ano, indo ao encontro das necessidades do grupo e dos feedbacks do Professor Titular.

	(6 horas de participação acompanhada)	<ul style="list-style-type: none"> • Observação e análise das maiores dificuldades de cada aluno do 9º ano, recorrendo à grelha elaborada para as aulas de observação. • Participação acompanhada nas aulas de TDCII do 9º ano.
	Dezembro (3 horas de participação acompanhada) (2 horas “Dançar os afetos”)	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de exercícios específicos para cada aluno do 9º ano, indo ao encontro das necessidades do grupo e dos feedbacks do Professor Titular. • Observação e análise das maiores dificuldades de cada aluno do 9º ano, recorrendo à grelha elaborada para as aulas de observação. • Participação acompanhada nas aulas de TDCII do 9º ano. • Avaliação de final de período; • Apresentação final do trabalho coreográfico “Mendigos” no evento “Dançar os afetos”
	Janeiro (4h30 min de leção)	<ul style="list-style-type: none"> • Planificação das aulas referentes ao 2º Período • Aplicação de aulas de TDCII, referentes ao 2º Período, de acordo com a planificação a Longo Prazo; <p>O Futebol:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interdisciplinaridade: Experimentação prática; • Desenvolver a consciência corporal, explorar a mobilidade do corpo como um, todo, promover o movimento de partes do corpo isoladas e suas articulações e promover as ações que o corpo pode fazer. • Explorar distintas dinâmicas do movimento em relação ao tempo, peso, espaço e qualidade. • Promover o desenvolvimento de conceitos espaciais como o desenho do corpo, a progressão espacial, a tensão espacial, os níveis e as direções. • Promover as relações: de olhar, próximo/distante, rodear, tocar e carregar.
2º Período Letivo	Fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> • Construção e aplicação de aulas referentes ao 2º Período de acordo com a planificação a Longo Prazo;

	(6 horas de lecionação)	<ul style="list-style-type: none"> • Continuação das propostas do mês de Janeiro • Interdisciplinaridade: Experimentação prática – prática de uma aula de basquetebol <p>O Basquetebol:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a consciência corporal, explorar a mobilidade do corpo como um todo, promover o movimento de partes do corpo isoladas e suas articulações e promover as ações que o corpo pode fazer. • Explorar distintas dinâmicas do movimento em relação ao tempo, peso, espaço e qualidade. • Promover o desenvolvimento de conceitos espaciais como o desenho do corpo, a progressão espacial, a tensão espacial, os níveis e as direções. • Promover as relações: de olhar, próximo/distante, rodear, tocar e carregar.
	Março (4h30min. de lecionação)	<ul style="list-style-type: none"> • Continuação do trabalho de composição coreográfica com base no Basquetebol. • Interdisciplinaridade: Experimentação prática – prática de uma aula de Atletismo <p>O Atletismo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a consciência corporal, explorar a mobilidade do corpo como um, todo, promover o movimento de partes do corpo isoladas e suas articulações e promover as ações que o corpo pode fazer. • Explorar distintas dinâmicas do movimento em relação ao tempo, peso, espaço e qualidade. • Promover o desenvolvimento de conceitos espaciais como o desenho do corpo, a progressão espacial, a tensão espacial, os níveis e as direções. • Promover as relações: de olhar, próximo/distante, rodear, tocar e carregar.

3º Período Letivo	Abril (6 horas de lecionação)	<ul style="list-style-type: none"> • Continuação do trabalho de criação coreográfica.
	Mai (8h30 min. de lecionação)	<ul style="list-style-type: none"> • Continuação do trabalho de criação coreográfica.
	Junho (3 horas de lecionação)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da coreografia “Os desportos que dançam”. • Preparação para espetáculo final de Dança

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1.Considerações gerais sobre Educação Estética:

Foi apenas no Século XVIII, que a palavra “Estética” surgiu, com o significado de teoria da sensibilidade: “aisthesis”; no entanto, o seu conceito existe desde a Antiguidade, e já mesmo na Pré-história (Bayer, R., 1995).

O conceito de Estética esteve sempre ligado à reflexão filosófica, à história da Arte ou à literatura e foi recentemente que ela se constituiu como ciência independente. Os valores Estéticos não surgem isolados, eles surgem ligados a valores morais e políticos, de acordo com o período a que se referem; no entanto, podemos considerar a Estética uma forma de pensamento reflexivo, uma forma do ser humano refletir sobre a uma criação, artística ou não e sobre a sua sensibilidade na apreciação dessa criação. Assim, o prazer Estético advém da relação sujeito/objeto, é um prazer/desprazer contemplativo, que amplia o conhecimento e que é pessoal. O prazer Estético está, por isso, dependente de uma experiência que, por sua vez, depende de uma atitude Estética que pode ou não ser racional (Blayer, R., 1978).

Os problemas da Estética são certamente tão velhos quanto a filosofia, mas ao mesmo tempo são uma temática muito atual.

Mas qual é o propósito de uma Educação Estética? E como surge ela nas nossas Escolas?

Nas Escolas Artísticas Vocacionais destacam-se talentos, vocações técnicas e apela-se à criatividade, desenvolvem-se *skills* técnicos e vivenciam-se experiências Artísticas, mas onde surge uma verdadeira Educação Estética?

A Educação Estética não premeia a uniformização do gosto, mas a possibilidade de constituição de objetos Estéticos.

Focamos o nosso estudo para a investigação da dimensão sensível do corpo, a sensibilidade Estética que é manifestada na própria experiência, no tempo e no espaço da ação. A dimensão Estética é fundamental na formação global dos nossos alunos, sendo os seus efeitos o resultado de um envolvimento pessoal e afetivo nas ações e comportamentos, reflexo da personalidade e expressão da emotividade de uma ação perfeita, que pode ser vivida e contemplada (Sérgio, 2003). Por outro lado, de acordo com Andrieu (1980, citado por Lacerda, 2004), o prazer Estético é estimulado pela observação, sendo que esse prazer resultante da realização implica um envolvimento livre e criativo, que conduz ao aperfeiçoamento e promove o desejo de superação dos modelos. Assim, uma aprendizagem Estética é resultado de uma experimentação prática e real, resultante do auto-conhecimento, da mestria do julgamento, do controle das

emoções, do amor e sensibilidade com que se vive essa experiência, sendo o efeito Estético um elemento fulcral para a procura do auto-aperfeiçoamento (Marinho, N. 2007)

É, fundamental a consciência de que a quantidade e diversidade de experiências vividas em contexto educativo, quer em Dança, quer em Desporto, ou em qualquer outra área, contribuem para a estruturação e formação do *eu* de cada um, educando no sentido da descoberta de respostas livres mais favoráveis e adequadas em diferentes contextos, respostas essas que o próprio aluno terá de desenvolver e criar. Por isso, é fundamental promover uma formação Estética para a construção da identidade de cada um (Lacerda, 2009).

2.2.Dança, Desporto e Estética:

Paralela a uma Educação Artística deverá existir uma Educação Estética.

O conceito de Estética, numa perspetiva histórica da Dança, sofreu algumas alterações. Nos anos 20, o ensino da Dança foi considerado, como treino físico, sem qualquer finalidade Estética ou Artística, nos anos 60 a Dança assume um papel de livre expressão, mais como processo individual, cuja preocupação não se prendia com a técnica e nos anos 70 este conceito evolui para os happenings performativos que enfatizavam o processo criativo, mais do que o seu resultado final. É já nos anos 80, após a reflexão de alguns autores sobre o tema em causa, que se apresentam diferenças significativas entre designação, conteúdo e objetivos da prática da Dança Educacional. O conceito foi subdividido em diferentes áreas curriculares como a dança criativa, a performativa e a observação/ avaliação crítica e com isso o aluno passa a assumir uma postura mais criativa e ativa, no seu processo de ensino/aprendizagem, que parte da procura de um conceito a desenvolver, explorando e selecionando o material mais relevante, seguindo-se um momento de reflexão sobre o material recolhido e o seu resultado que leva a uma evolução do conceito Estético do aluno (Shahn, 1957, citado por Bergano, 2013).

A Dança, para além da fisicalidade de corpos que se movimentam, promove o desenvolvimento da sensibilidade, já que desperta sensações e sentimentos, numa exploração da potencialidade comunicativa e qualitativa de conceitos formais relativos a conteúdos coreográficos como o equilíbrio, a harmonia, a textura os contrastes.

O trabalho criativo passa, em grande parte, pela pesquisa de movimento, através das vivências e experiências significativas do indivíduo, que se refletem posteriormente nas suas improvisações. Durante uma improvisação o foco deverá ser dado ao desenvolvimento do processo criativo e não ao resultado final. A performance evolui consoante a noção que o aluno possui do conceito de cinesfera, e a consciência que tem da conjugação do espaço e do tempo.

A Dança acadêmica dos anos 80 sempre reprovou esta ênfase dada à expressão própria do corpo de cada um, procurando uma linha estética uniforme em detrimento da criatividade e Estética próprias.

Para Jacqueline Smith-Autard (2002) a Dança é uma disciplina que requer dos alunos a exploração de ideias, a improvisação, a procura de soluções e a seleção de ações e formas do movimento, para as suas frases e trabalhos coreográficos. Desta forma, a Dança combina habilidades, conhecimentos e a reflexão crítica sobre as suas criações, estimulando o aluno para a importância do saber observar e analisar, estimulando-o para um criterioso conhecimento ao nível da sensibilidade artística e das perceções de diferentes estilos e formas de Dança. Com isto, os princípios organizacionais na Educação Artística da Dança, deverão envolver no seu processo: o criar, o interpretar e o analisar (Smith-Autard, 2002). O aluno assume um papel mais dinâmico na sua formação de ‘Dança como Arte’, na medida em que integra duas propostas para a Dança no ensino, sendo conjugados aspetos do modelo educacional e do profissional e assim, o processo de Ensino da Dança resulta do movimento natural e expressivo, mas também do conhecimento de novas habilidades, da forma, de técnicas e estilos coreográficos (Bannon & Sanderson, 2000).

De acordo com este novo Modelo Educacional, segundo Marques (1999), devemos destacar pelo menos três funções relevantes no Ensino da Dança: como forma de conhecimento do “eu”, como experiência Estética (que é considerada pela autora como uma forma de conhecimento) e como expressão do ser humano. Duarte Jr. (1986), apoiado na Arte-educação, defende a Dança, tal como a autora anteriormente referida, como um campo que promove o desenvolvimento de uma consciência Estética: “(...) uma capacidade crítica para não apenas submeter à imposição de valores e sentidos, mas para seleccioná-los e recriá-los, segundo a nossa situação existencial (...)” (p. 73). Assim, a experiência Estética é concebida como fonte de conhecimento, de compreensão para os saberes e sua interpretação pelos sujeitos que dançam (Marques, 1999).

Falar em Dança na Educação é falar sobre uma Educação Estética, entendida como processo de sensibilização do indivíduo. Trata-se de permitir a formação de parâmetros através da experimentação de uma relação com o sensível e com o cultural, acrescentando ao Universo racional, outros valores, num trabalho que enfatiza o racional e o emocional, criando, por meio da experimentação Estética, alunos mais críticos (Medeiros, 2002, citado por Santos, 2006).

E o Desporto não terá também esse papel? Qual a sua importância no desenvolvimento Estético dos nossos alunos?

Quando falamos em Dança verificamos que as suas potencialidades transcendem outras atividades físicas (Pellegrini, 1988). Mas através do Desporto não podemos também Educar Esteticamente os nossos alunos?

Na verdade são poucos os alunos do ensino regular que dançam, apesar da Dança fazer parte do Curriculum Escolar, mas o contrário também não é uma realidade; o estudante de Dança não joga, não corre, não tem contacto com a prática desportiva. Então estas duas áreas onde se podem cruzar?

Se por um lado alguns autores defendem que não podemos reduzir a Dança a atividade física, valorizando apenas a sua parte motora, já que essa possui um carácter artístico que não pode ser negligenciado, envolvendo todo um desenvolvimento Estético, com grande carga expressiva (Katz, 1994), permitindo o conhecimento físico e expressivo do corpo, não sendo nunca negligenciada a emotividade e a sensibilidade, mas o uso harmonioso de todas estas componentes (Robinson, 1992), por outro, defendem outros autores, também, através do Desporto, os nossos alunos aprendem novas formas de ver, de pensar e de compreender e através da reflexão crítica promovem o gosto pela cultura e pelas artes. Assim, pelo Desporto, os nossos alunos desenvolvem a sua sensibilidade Estética através por exemplo, da observação do “ritmo e dinâmica de uma corrida de barreiras “(...) a graciosidade e harmonia dos movimentos na natação sincronizada ou o desequilíbrio e o ataque num jogo de andebol” (Lacerda & Gonçalves, 2009, p. 107). Trata-se então, de dar importância tanto à funcionalidade e utilidade das coisas como apreciar as suas formas e estruturas.

Lacerda (2004), ainda sobre a importância da Estética desportiva refere que essa “(...) assegura o acesso a novas dimensões da criatividade e imaginação” (p. 245), já que nos transmite graciosidade e emoção e que por isso, “(...) constitui uma fonte rica de experiência, já que “(...) o que está no centro do poder do acontecimento desportivo é a sedução de performance atlética e Estética do desafio corporal.” (Osterhardt, 1991, p. 134).

Bet (1983, citado por Lacerda, 2004) faz a distinção de Desportos de resultado e Desportos Estéticos, reconhecendo nestes últimos, desempenhos quer Estéticos quer Artísticos. O termo Estético para o autor, refere-se a um conceito de avaliação que se aplica às percepções dos espectadores e, por isso, correlaciona com o Desporto quer a beleza das ações desportivas, quer o sentido de prazer/desprazer que ele provoca.

Morgan e Meier (1995) reúnem as posições de diversos filósofos do Desporto numa das obras que relacionam Desporto e Estética e sublinham que a questão verdadeiramente significativa é saber se o Desporto é ou não uma forma de Arte (citado por Lacerda, 2002).

Assim, podemos assumir que Desporto é arte?

Para Marques (1993) o facto de um Desporto possuir qualidades Estéticas não significa necessariamente que ela seja uma forma de Arte já que “(...) toda a expressão artística comporta significado Estético, mas nem toda a expressão Estética reveste a forma de Arte.” (p.32). Além disso no campo desportivo, o desejo de vitória muitas vezes evidencia-se em detrimento do objetivo de representar a beleza dos movimentos.

Por outro lado, para autores como Baistch et all (1994), Osborne (1968) e Barthes (1957), Desporto é Arte, já que neste se evidencia a existência de material sensível, expressivo e emotivo, traduzido no corpo do atleta, pelas formas e harmonia dos movimentos, pelo desenho muscular dos seus corpos, pelo ritmo e emoções que suscitam e a existência ontológica e transcendente do Desporto que nos remete para a variedade de possibilidades e formas de realização. Além disso o Desporto, desde a Antiguidade Clássica, mantém uma forte relação histórica quer com a religião, quer com as Artes plásticas, como a pintura e a escultura (citado por Lacerda, 2004).

Com isto, um objeto pode tornar-se objeto de experiência Estética quando evoca qualquer tipo de resposta em termos de prazer emocional e, por isso, também o Desporto, já que “(...) pressupõe um ato de perceção por parte do espectador” (Aspin, 1974, citado por Lacerda, 2002, p. 103). Os Desportos evidenciam então uma série de categorias como indicadores de uma performance Estética: a agilidade, o equilíbrio, a força, a elasticidade, o ritmo, a harmonia, a proporcionalidade, a elegância, e a precisão. Já Kuntz (1985, citado por Lacerda, 2004) quando se refere aos saltos para a água, ressalta categorias como a suavidade, a precisão, o estilo, a energia, a confiança e a amplitude, que estão estritamente ligados a valores estéticos valorizados muitas vezes no campo da Dança.

Distanciam-se então, assim tanto, estas duas áreas quando falamos de uma Educação Estética?

É inegável a existência de uma associação entre Estética e Desporto, visto que existem desportos cujas formas de execução se orientam no sentido de realizar movimentos criativos e expressivos e que, por isso, possuem uma dimensão artística, apesar de existirem Desportos possuidores de uma dimensão artística mais evidenciada e clara que outros, pelos seus movimentos, pelas sequências de movimentos, como a patinagem artística, a natação sincronizada, a ginástica rítmica ou artística (Marques, 1993).

O aluno que Dança é considerado como sujeito da ação: aberto, sensível, criativo e crítico, onde as experiências passam por caminhos de incorporação interior e de reelaboração

do vivenciado, mas o Desporto pode ser considerado também como o cultivo da capacidade sensível, na construção do “dar a forma” prático e perceptivo em situações de contraste como rápido-lento; polarizar-constatar, relaxamento-contração e pela promoção de momentos reflexivos e interpretativos e, por isso, também ele é uma forma de educar esteticamente o aluno.

As performances do atleta são cada vez mais criativas, mais ricas, mais diversificadas. As formas dos movimentos, a relação entre os atletas, as cores, a execução técnica, as cores, a harmonia dos corpos, as roupas, são pontos que aproximam o Desporto da Arte e concretamente da Dança, já que esta, para além de uma atividade Artística ligada à Arte e à criação, também é vista como um meio para o desenvolvimentos de determinadas especificidades técnicas de movimentos.

O conceito Estético é por isso um conceito geral “(...) não somente da Arte, mas também de fenómenos triviais como processos de perceção, de realização, de comunicação e de interpretação.” (Haselbach, 1995, p. 298, citado por Duarte, 2006).

2.3.Educação Estética no Desporto:

Tal como temos vindo a realçar no ponto anterior, a Estética do Desporto tem merecido cada vez mais o interesse da investigação em Ciências do Desporto. Tem sido crescente o interesse da Estética do Desporto e como exemplo disso é o tema do XIV Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, “Desporto: Cultura, Estética e Excelência” e um número inteiramente dedicado à Estética do Desporto do *Journal of the Philosophy of Sport*.

O conceito de Estética ampliou-se, qualificando quer julgamento e apreciações, quer propriedades, atitudes e experiências, deixando de se restringir a sua aplicação apenas à beleza e à Arte (Goldman, 2005).

É importante ter um olhar diversificado sobre o Desporto, já que este assume um abrangente papel na formação dos nossos alunos, a nível cultural, ético, moral, Estético, cognitivo e motor.

Focando-nos no importante papel do Desporto na formação Estética dos nossos alunos, podemos evidenciar o envolvimento pessoal do atleta no desafio e no movimento corporal. Antes do prazer Estético do espectador, há o prazer do próprio atleta (Kreft, 2012). Assim, se por um lado não é legítimo estabelecer uma relação direta entre a habilidade técnica e o valor Estético, por outro, é inegável que esta relação é frequentemente estabelecida (Arnold, 1978, citado por Coelho; Lacerda & Kreft, 2014). São diversas as ações e os conteúdos que

evidenciam o carácter Estético do Desporto, como a execução técnica referida à pouco, mas são muitos os aspetos que enriquecem o ato Desportivo: a concentração dos atletas, a velocidade, a amplitude, a relação entre jogador ou dos atletas com os objetos, o controle corporal, a precisão ...a “proficiência técnica abre ao atleta a possibilidade de interpretar de forma singular cada habilidade técnica, de lhe conferir a sua marca pessoal, distintiva, libertando-o para encontrar e definir um estilo próprio (Coelho; Lacerda & Kreft, 2014, p. 20). O Atleta é desafiado, tal como o bailarino, a improvisar, a readaptar-se e a antecipar as situações, explorando quer a relação de diálogo com os seus colegas, quer as fraquezas do oponente. O Atleta procura compreender as formas, as qualidades e os significados dos seus movimentos e por isso, a experiência Estética caracteriza-se por um fenómeno de cognição da nossa perceção, já que cada individuo vai sentir o prazer Estético onde o encontrar (Kant, 2010).

A Estética é um valor interno do Desporto, que decorre dos atributos e características específicas de cada modalidade desportiva, sejam elas o lançamento na passada, o contra-ataque num jogo de futebol ou a beleza da forma do corpo do atleta num salto em altura. Na realidade cada Desporto tem a sua abertura para a criação, a improvisação, a expressividade. A agressividade dos movimentos, a precisão técnica, a velocidade de execução, a beleza dos corpos e dos movimentos, a proficiência técnica dos atletas...tudo contribui para um espetáculo Esteticamente enriquecido. (Kant, 2010).

Por outro lado o valor Estético de um objeto, depende da sensibilidade e imaginação de cada um e da sua própria experiência enquanto apreciador e, neste sentido, a experiência Desportiva está entretida na dimensão Estética, permitindo ao ser humano interagir, comunicar, conhecer, criar, reconstruir, reinventar e redescobrir-se (Lacerda, 2002).

A Estética do desporto manifesta-se concretamente, segundo Osterhoudt (1991), na procura de padrões de excelência, na intimidade entre espectadores e atletas, na intensidade, espontaneidade, e jogabilidade, na indiscutível beleza do corpo humano em movimento, na imprevisibilidade do resultado, nas expectativas de espectadores e atletas, aspetos aos quais Lacerda (2004, 2007) acrescenta, a interação entre atacantes e opositores, a vontade por vencer as dificuldades colocadas pelo adversário, as estratégias de parceria e cumplicidade com os companheiros, a experiência de superação das limitações próprias e das adversidades do jogo, o domínio técnico evidenciado pelos jogadores, as decisões e opções táticas que conduzem à concretização das jogadas, a eficácia, a economia dos gestos e o permanente ambiente comunicativo, movimentos individuais e de grupo, ataque e defesa, contra-ataque, ritmo, cor,

composição, elegância, estilo, graça, poder e economia, transcendência e superação, cooperação e competição, desafio e excelência.

Há de facto uma panóplia infinita de atributos emergentes que contribuem para uma abordagem Estética do Desporto criados quer pelos artistas/jogadores, quer pelo espetáculo proporcionado pelos próprios adeptos (Sérgio, 2003), já que, o Desporto é um meio de expressão e afirmação de identidades sociais e culturais (Constantino, 2007).

Podemos classificar os desportos em: Desportos qualitativos, Desportos formais ou Desportos competitivos. Os quantitativos evidenciam a relação entre o movimento humano e o resultado numérico. Aqui apreciamos a suavidade e fluidez dos movimentos, o movimento sem esforço perceptível, como é o caso da natação e do atletismo. Nos desportos formais, como a patinagem artística e a ginástica, o que se pretende observar é a forma perfeita de como o corpo se move, estando a dificuldade de execução dos movimentos ligada à apreciação Estética. Nos desportos coletivos o confronto e a cooperação entre jogadores multiplicam as possibilidades estéticas destes (Kupfer, citado por Lacerda, 2002).

Tal como em Composição Coreográfica, mais que valorizar o resultado final é necessário valorizar o processo, onde se sensibiliza o aluno para o espaço criativo e, por isso, ele deve ser visto como uma experiência mais qualitativa do que quantitativa, onde o aluno aprende a sentir e a jogar com emoção, a “viver” o jogo com prazer e ao mesmo tempo aprender a apreciar o jogo, o seu ritmo, a harmonia e o equilíbrio dos movimentos, o “estilo”... O esforço dos atletas, a ideia de superação, a beleza dos corpos, a plasticidade dos movimentos, as emoções, a cor, a vitória e a derrota, a festa e o drama, são valores que estão presentes em todas as atividades físicas, logo, é inegável a dimensão estética dos desportos.

O conceito de Estética ampliou-se, qualificando não apenas julgamentos e apreciações, mas também propriedades, atitudes e experiências, pelo que a sua aplicação deixou de se restringir exclusivamente á beleza e aos objetos de Arte Esteticamente agradáveis (Goldman, 2005, citado por Lacerda, 2002). “(...) a Estética não se refere ao objeto mas à atitude que tomamos em relação aos objetos” (Ferreira, 2007, p. 17).

A experiência Estética necessita de um território partilhado. O encontro Estético entre o apreciador e o jogo necessita de uma dimensão intelectual e comunicativa. Intelectual porque o Desporto possui uma teoria, regulamentação, convenções, cria protagonistas, está vinculado a procedimentos técnicos, orientações táticas e estratégias. É uma forma de comunicar porque ele não se desenvolve isoladamente, ele fala, canta, envolve, questiona, responde, contagia,

convida e arrasta, que se “traduz num diálogo entre quem realiza, o que é realizado e quem assiste” (Lacerda, 2004, p. 306).

Na verdade, o corpo que comunica, num espaço, num tempo, que se exprime a partir de diversas dinâmicas de movimento e transmite sentimentos, dor, desgaste, sofrimento, leveza, superação e alegria impõe a qualquer atividade física um sentido Estético (Arnold, 1983), seja ele dança, expressão corporal, ginástica ou futebol. Faz sentido então Dança, Desporto e Estética serem caminhos que se cruzam?

2.4.Desporto e Composição coreográfica: caminhos cruzados?

Toda a ação educativa deve, centrar-se no desenvolvimento harmonioso da relação corpo/mente, possibilitando ao aluno uma segura consciencialização do seu funcionamento e uma correta interpretação do seu conteúdo e das suas estruturas psicológicas. Dar ao aluno meios que lhe permitam essa consciencialização do seu corpo, é dar-lhe acesso ao seu ser interior. Abrir-lhe espaço mental para, de forma correta, afirmar a sua individualidade, ganhar um amplo sentido de liberdade e de confiança em si (Arruda, 2011).

É por isso, muito importante, que todo o sistema educativo considere o corpo como um importante instrumento de expressão, pelo que as crianças e jovens têm o direito de experimentar o prazer que a atividade física proporciona. Deve-lhes ser dada a oportunidade de desenvolverem tantas experiências de movimento quanto possível. O desenvolvimento da perceção cinestésica da linha, do movimento, da forma, do volume e do ritmo, aumenta não só a apreciação do seu próprio corpo num contexto global de mente, espírito e físico, como a apreciação das formas de expressão do outro, onde se incluem as expressões artísticas (Gehrs, 2008).

O aluno não pode ser tratado pelo sistema educativo apenas como um repositório infinito de conhecimentos cognitivos, deixando ao abandono a sensibilidade, o sentido Artístico e Estético da sua vida e do relacionamento com os outros e consigo próprio, e por isso, a Educação do corpo e do movimento, o deve acompanhar desde o Ensino pré-escolar.⁶

Para alcançar os objetivos referidos, surge uma proposta de atividade de movimento educativo que permeia a criatividade, a forma e o ritmo, rasgando horizontes e alargando as perspetivas para um enriquecimento gradual do conteúdo da ação, ao qual chamamos Dança, mais especificamente a Dança Criativa ou, mais tarde a Composição Coreográfica. Esta surge

⁶ <http://www.dge.mec.pt/index.php?s=noticias¬icia=396>

como um processo que foge ao formal e rígido treino de Dança e que permite que as crianças/jovens se expressem livremente (Marques, 1999).

A liberdade de movimentação no espaço, o espírito coletivo de participação em movimento rítmico com o grupo e o uso da Dança para expressão pessoal são a herança que, por direito, pertence ao homem desde sempre e descobrir isto por si próprio é muito estimulante.

Quando falamos em Dança na escola, verificamos que esta tem uma presença real nos nossos currículos escolares. Presente na escola desde o Pré-escolar, a Dança acompanha o desenvolvimento dos nossos alunos, primeiramente enquanto segmento das áreas de Expressões Musical e Motora ou do bloco de Atividades Rítmicas e Expressivas e depois, já no 2º ciclo, como extensão da Educação Física, integrada no bloco das atividades rítmicas e desportivasⁱⁱ. Falamos da dança enquanto processo criativo, onde o aluno, se conhece e se torna sujeito mais ativo criativo e espontâneo, um sujeito que atua, interage, constrói e modifica a sua Dança, envolvendo-se numa experiência Estética com os demais colegas e mediados/orientados pelo professor. É um processo de relação com os seus pares que se configura como uma Dança construída, para eles e com eles, de acordo com a sua realidade e necessidade, anseios e desejos, por meio da intensificação dos processos do sentir (Pacheco, 1999).

No entanto, confrontando estes dados no real campo escolar, deparamo-nos com um espaço que fica muito aquém das expectativas. Pacheco (1999), refere que alguma da má lecionação desta área nas escolas passa precisamente pela falta de preparação e conhecimento dos professores de Educação Física; antes de mais pela reduzida carga horária destinada ao estudo da Dança, depois pela própria organização dos seus conteúdos e por último, pelo diminuto contacto destes enquanto alunos, no seu percurso académico, que se traduz em fracos conhecimentos da área e conseqüentemente pela insegurança na lecionação.

Por seu lado, a Educação Artística Vocacional consiste numa formação especializada, que pretende desenvolver nos alunos aptidões ou talentos numa área Artística específica (Decreto-Lei 399/90 de 2 de novembro, artº11) que visa uma formação técnica, criativa e expressiva necessária para o exercício da Arte.

Dentro do plano curricular dos cursos de Dança há a oportunidade dos alunos construírem os seus próprios trabalhos coreográficos com base nas aprendizagens realizadas, a que chamamos Composição coreográfica. Este deverá ser o lugar da experiência, da exploração, da descoberta do indivíduo; que abre as portas da imaginação, da intuição e da criatividade; que impulsiona respostas diversas e originais; e que transmite o conhecimento necessário para compor, ou seja, coreografar.

Segundo Smith-Autard (2004): “The material elements of the composition need to be experienced and understood and also, the processes or methods of fashioning or combining these various elements have to be learned and practiced (...) There are rules or guidelines for construction which need to be part of his awareness when he sets about making dances.” (p. 3).

2.5.Processos de criação: Metodologia de ensino da TDC II:

Sendo a Técnica de Dança Contemporânea II, a disciplina alvo desta prática de estágio, importa refletir sobre o seu processo de ensino-aprendizagem em que tem subjacente o desenvolvimento da criação coreográfica. Neste sentido, consideramos ser pertinente neste trabalho querer saber:

Quais os seus desafios, estratégias e princípios pedagógicos e metodológicos nesta disciplina.

Como ensinar a desenvolver a criatividade em Dança? Como sensibilizar os alunos para uma educação Estética a partir do movimento?

A Composição Coreográfica é o enredo de múltiplos elementos da área da Dança e do movimento e a ligação desses elementos exige um conhecimento vasto adquirido através do ensino e da experiência de fazer e criar (Smith-Autard, 2004).

É essencial que o bailarino ou aluno de dança, tome consciência de si, do seu corpo como um todo e suas partes, que seja versátil nas suas qualidades técnicas e que esteja atento a si mesmo, às suas aptidões, limitações, dificuldades e às suas sensações corporais, para que possa evoluir nas experiências da dança (Bannon & Sanderson, 2000). A Composição Coreográfica permite que os alunos adquiriram conhecimento de si mesmos, do seu corpo e do movimento por si, através da consciencialização da sua própria capacidade de se movimentarem, em vez de ficarem presos aos princípios tradicionais e convencionais de uma técnica, através de uma metodologia de ensino/aprendizagem equilibrada, que promove uma educação de criar, observar, refletir.

Batalha (2004) defende que a Composição Coreográfica se trata de um ato criativo com significado e intenção de comunicar, que passa pelas qualidades de um bailarino ao nível técnico e da aquisição de competências físicas, a par das suas capacidades expressivas e criativas. Enquanto criador, o bailarino deverá desenvolver as suas capacidades comunicativas, Estéticas, conceptuais e artísticas. É na Composição Coreográfica que o aluno experimenta, explora, descobre, cria; este é o espaço para os nossos alunos darem asas à sua imaginação e criatividade. Assim, a Composição Coreográfica deve ser vista de duas formas: como

capacidade que pode ser aprendida através do equilíbrio entre imaginação e pela análise do produto criado e como um processo em que corpo e pensamento adquirem novos conhecimentos acerca de si e dos outros. A Dança deve ser vista como um processo expressivo em construção, que parte da manipulação do movimento, sendo a composição do movimento comparável à linguagem e por isso, o processo de composição depende de elementos complementares de movimento (Marques, A. S. , Xavier, M., 2013).

O aluno de Dança deve compreender os princípios de movimento e a forma de abordar a matéria de movimento como um meio de expressão. O aluno criador precisa de espaço aberto para criar e se expandir livremente, sem dogmas Estéticos. Deve criar e “Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. “(...) O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar.” (Vianna, A., s.d., p.9). Criar implica, refletir, e conseqüentemente o desenvolvimento da capacidade intelectual e o conhecimento cognitivo, já que é um processo consciente que envolve a consciência de conhecimentos anteriores e a ação de pensar, perceber, experienciar e concretizar.

O ato de criar, compor, coreografar “é um conjunto de movimentos, que possui um nexo, quer dizer uma lógica de movimento, próprio. (Gil, 2001, p. 81, citado por Marques, A. S., Xavier, M., 2013, p.5 4) e é possível pela exploração de novas estratégias de pensamento e diferentes estímulos, pela flexibilidade de ideias e pela abertura a novas perspectivas (Ribeiro, 2011). Os estímulos assumem um papel fundamental no processo de criação e podem ser visuais, cinestésicos, auditivos, táteis ou ideológicos; um impulso para a improvisação e exploração do material. Ele é o ponto de partida para a criação, podendo ser externo ou interno ou até, agregar as duas vertentes, dando mais intensidade e intenção ao movimento. A partir dos estímulos, improvisa-se e essas improvisações levam a uma seleção de material ou de movimentos, que aperfeiçoados, constituem o trabalho de criação e essa intuição aliada aos conhecimentos são fundamentais no trabalho criativo (Smith-Autard, 2002).

Mas como ensinar a criar?

Batalha (2004), refere que os modelos de ensino estão em constante modificação, não existindo apenas um modelo. Perante os paradigmas da educação na Dança, reforça a ideia de que o seu foco de ensino deverá incidir numa interação motora, cognitiva, social e afetiva do aluno. Assim, o processo de formação do aluno deverá ser mais importante do que o produto, mas a sua avaliação será subjetiva. A autora defende que, no ensino da Dança, tem que existir um grande equilíbrio entre o processo que desenvolve: a criatividade, imaginação, individualidade, sensação, subjetividade e princípios, sendo um método aberto; e o produto que

inclui: a obra de arte, o público, reportório, *skills* desenvolvidas, objetividade, virtualidade e técnica. Assim, “Compor é escolher uma ideia, um tema coreográfico, um estilo estético, transformar o real e construir um discurso articulando-o com um princípio, meio e fim. O impacto no espectador está sempre presente (...)” obrigando assim a uma seleção de ideias e estímulos variados, elementos cénicos e toda a conceção que envolve o produto artístico, para que a mensagem seja comunicada de forma “(...) elaborada, estruturada e sensacional.” (Batalha, 2004, p. 26).

Xavier e Monteiro (2012) destacam a importância do processo ensino-aprendizagem da Composição Coreográfica como experiência criativa e enumeram alguns conteúdos que caracterizam algumas práticas de intervenção pedagógica e Artística:

- A tradução de pensamentos ou ideias em corpo/movimento;
- A improvisação como ferramenta de um processo de composição;
- O estudo de estímulos;
- A construção e composição da frase de movimento;
- A consciencialização de elementos da composição (corpo, movimento, frase, transições, sequências, secções, unidade; variedade e contraste, clímax);
- As componentes estruturais do movimento (ações, dinâmicas, espaço e relações); etc.

A criatividade e a inovação correspondem à sensibilidade do criador, à flexibilidade de raciocínio, da capacidade de comunicar e transmitir pensamentos e ideias, à capacidade de transformar materiais artísticos em novas relações. Na realidade a Composição é um reordenar, reorganizar, ou misturar elementos do real sem a preocupação da sua funcionalidade (Batalha, 2004).

Mas como ensinamos os nossos alunos a criar? Que métodos usamos? A que recursos recorreremos?

A Composição Coreográfica deve abarcar uma diversidade de métodos e processos e a aplicabilidade desses métodos e processos dependerá sempre do professor, da sua formação e sensibilidade. Não há, por isso, um modelo coreográfico único, mas uma grande diversidade de abordagens (Marques, A. S., Xavier, M., 2013).

Preston-Dunlop defende que a criatividade e a Composição Coreográfica estão intimamente ligadas ao trabalho desenvolvido por Laban e aos contextos artísticos

contemporâneos. Para Smith-Autard o seu “Midway Model” facilita a destreza de novos conceitos de movimento interligando-os com as práticas de criação artística profissional; Green Gilbert dá igual ênfase à prática de movimento e à resolução dos seus problemas através de processos criativos, de apresentação e de análise da Dança; Lavender direciona a sua metodologia em prol das capacidades do pensamento crítico dos bailarinos no contexto da improvisação em aula, explorando as analogias entre a expressão individual e a forma; Butterworth com seu modelo “espectro didático democrático” considera que a interação entre coreógrafo e bailarino está intimamente ligada ao produto final. Todos, apesar de defenderem diferentes métodos, parecem reconhecer que o conhecimento e o domínio da Composição Coreográfica são fundamentais à formação de um intérprete ou de um criador, e que a qualidade do seu processo criativo refletir-se-á na qualidade do seu produto coreográfico (Press & Warburton, 2007, citado por Aguiar, 2013).

O que se procura, como refere Batalha (2004) é a criação de “(...) um contexto adequado à aprendizagem do aluno e que selecione estratégias de ensino, com base nas condições de sucesso” (p. 139).

Xavier e Monteiro (2012) propõem alguns princípios pedagógicos que consideram essenciais a qualquer processo criativo:

- Exploração e Experimentação – estimular a pesquisa do corpo e do movimento na construção em dança; valorizar a importância do processo criativo; encorajar a pesquisa de novos desafios coreográficos através do rompimento com modelos pré-estabelecidos; disponibilizar tempo para que o pensamento criativo possa emergir; promover a resolução de propostas de carácter aberto com o intuito de abordar as suas diversas perspetivas.
- Concretização/Materialização – desenvolver a capacidade de decisão; desenvolver a capacidade de articular, transformar e redefinir ideias; valorizar a importância do produto criativo através da sua materialização em propostas coreográficas singulares.
- Reflexão Crítica – alargar o conhecimento estético e técnico da área de intervenção; estimular a reflexão como um lugar de questionamento.

Batterworth (2004, citado por Marques, A. S., Xavier, M., 2013) defende uma abordagem coreográfica que estabelece uma relação entre o didático e o democrático e que a prática é a base para a aprendizagem. Apoia-se no Modelo Didático-Democrático sustentado por

diferentes formas de transmitir conhecimento e experiências, assim como os estímulos ou pontos de partida que motivam a criação.

Já Donna Davenport (2006), defende que os alunos devem aprender a compor mas também a refletir sobre as suas criações e que o ensino da composição deverá ser um processo que segue a direção artística, onde os alunos deverão coreografar por tentativa e erro, observar criticamente e usar *feedback* verbal como processo evolutivo, identificando seis alvos pedagógicos, considerados fundamentais para uma boa estrutura da aula, onde o professor deve centrar o seu método de ensino/aprendizagem na criação de exercícios criativos que promovam as capacidades coreográficas dos alunos e que facilitem o seu sentido artístico:

- Critical Reflection - reflexão crítica para um processo evolutivo de aprendizagem;
- Reason for dance making – motivação coreográfica;
- Exploration/experimentation - exploração e experimentação em busca da criatividade e do movimento;
- Aesthetic - sentido estético e artístico;
- Thematic/ Integraty - integração temática e fio condutor;
- Expression/Experience - expressão, experiência e vivência do aluno.

Para Danvenport (2006) estes seis pontos mencionados poderão evitar fatores contraproducentes numa aula de composição, como: o tempo insuficiente para guiar/conduzir a exploração das ideias para o movimento; o foco constante nos trabalhos mais fortes dando sempre a estes o feedback positivo; a hierarquia explícita de que a opinião do professor é que é especializada; tempo insuficiente para praticar o método de improvisação em busca de movimentos/momentos coreográficos; dar especial atenção à verbalização das ideias, qual o fio condutor lógico em relação às percepções cinestésicas; um ritmo de trabalho, mostrar-analisar-criticar, que podem acabar com a sensação-sentimento-emoção e abafar o espírito criativo. Para a autora os professores devem proporcionar aos seus alunos linhas-estilos-linguagens de Dança diferentes, para que possam encontrar uma linguagem própria; fomentando a interdisciplinaridade.

Neste sentido, em contexto de sala de aula, coloca-se muitas vezes a grande dualidade, processo criativo versus produto final. Acredita-se então, que os processos de composição deverão conduzir à aprendizagem, não sendo muitas vezes fácil para os alunos, pois envolvem vulnerabilidades humanas e revelam dificuldades da personalidade de cada um. São processos

que levam ao autoconhecimento, a memórias que evocamos e a comportamentos defensivos (Davenport, 2006).

Davenport coloca então uma questão: o que podemos ensinar?

Dolezan (2003, citado por Arends, 2008) sugere que no processo de criação o professor deverá responsabilizar os alunos, criar um ambiente de sala de aula positivo, definir de forma clara os objetivos e expectativas, recorrer a uma aprendizagem cooperativa, encorajar os alunos positivamente, estimular o pensamento cognitivo dos alunos e ser motivador. Davenport (2006) refere também o transporte de ideias mentais para o corpo/movimento; determinar quando a dança não é o melhor meio para exprimir uma ideia; desenhar a improvisação como uma ferramenta fundamental à criação; explorar diferentes frases de movimento para a mesma ideia; promover a noção de uma lógica interna entre as frases e sequências; aplicar o conceito de um todo em relação ao foco, expressão facial, energia, dinâmica, performance ações e partes do corpo envolvidas; manipulação de secções de movimento; mudanças de ritmo e dinâmica, direções e utilização do espaço; finalização "orgânica", encontrando as resoluções próprias e lógicas na dança; consideração da visão do público; aprender a ser um observador da sua própria criação, desenvolvendo a autocritica e a perceção visual; etc.

Neste processo criativo, o aluno deve estar totalmente envolvido, quer na criação/exploração de movimentos, quer na seleção/edição musical, escolha de figurinos, na escolha do cenário e noutros aspetos performativos. O professor deverá auxiliar os seus alunos, promovendo:

- Processo *versus* Produto
- Imaginação/Criatividade/Individualidade *versus* Peças Artísticas/Repertório
- Sentimentos *versus* Competências
- Subjetividade *versus* Objetividade
- Princípios *versus* Técnica

Assim compor, interpretar e apreciar conduzem à educação artística, educação estética e educação cultural. A reflexão na Composição vai promover o desenvolvimento de conhecimento estético, apura a perceção e abre a mente para diferentes interpretações e perspetivas da mesma composição.

Lavender (2006), defende, sobre o ensino da dança, que os alunos necessitam de adquirir e acumular experiências na exploração e invenção do movimento, aprender a reconhecer e aplicar os conceitos básicos que a dança contempla e aprender a observar, descrever e analisar

os seus trabalhos. Reforça ainda, a importância do aluno poder refletir e conhecer a causa das suas criações. Reconhecer os desafios que lhe estão associados como forma de conhecimento do seu próprio processo criativo. Através da reflexão constante, o aluno poderá melhor controlar a sua obra e ter uma visão mais ampla do que está a desenvolver. Sendo assim, baseia a sua teoria em quatro operações intrínsecas à realização/criação em dança, baseada no acrónimo IDEA:

- **Improvisation:** invenção e criação do material (mentalmente ou pelo espaço); gerar material partindo de diferentes improvisações inerentes ao tema/estímulo.
- **Development:** manipulação do material e criação da forma de composição; testar a tolerância do movimento, nos seus limites e possibilidades (dinâmica, tempo, forma, tamanho, espaço, estrutura, etc.).
- **Evaluation:** avaliação das suas ações de composição para poder modificar se precisar; avaliação intuitiva ou reflexiva do material gerado e a sua manipulação.
- **Assimilation:** diz respeito à própria composição coreográfica; unir as partes como um todo; estabelecer ligações; completar e terminar a coreografia.

Os métodos de exploração coreográfica, parecem ser aqueles que congregam aspetos determinantes entre si: a improvisação, a análise, a reflexão, a história, os estudos socioculturais e o conhecimento da técnica para a criação de uma arte esteticamente importante. A improvisação continua a ser uma ferramenta importante da exploração artística e da sensibilidade estética. É uma ferramenta fundamental na libertação do corpo para o movimento interno e para a libertação de emoções, explorando e um meio para a exploração das potencialidades criativas de cada indivíduo e por isso, a educação artística deverá ser paralela a uma educação estética, devendo estar implícita no currículo da Dança.

As improvisações levam a uma seleção de material de movimentos, que aperfeiçoados e memorizados constituirão o trabalho de criação. A intuição aliada aos conhecimentos é de facto fundamental no trabalho de criação e por isso, têm de estar presentes no trabalho de criação três eixos fundamentais: a interpretação (o fazer, o trabalho técnico, a experiência do movimento e a sua expressividade); a composição ou criação (a experiência de criar, coreografar, a imaginação e a invenção); e a apreciação (o analisar, o sentir, pensar e intervir num discurso coerente e reflexivo). Segundo Donaldson (1994, citado por Bergano, 2013), esta análise coreográfica deve fazer parte de todas as aulas de dança, tanto na performance como na

composição e na apreciação do movimento, chegando-se, assim, a uma entidade estrutural de estética significativa.

Jacqueline Smith-Autard (2002) refere que a Dança é uma disciplina que requer que os alunos componham e explorem ideias, improvisem soluções para vários problemas, selecionem as mais apropriadas ações e formas do movimento para as suas frases e trabalhos coreográficos. A Dança combina a competência técnica com ensaios interpretativos. Exige disponibilidade para comentar, através da crítica construtiva, um trabalho finalizado ou em progresso. Requer observação e competências analíticas, conhecimentos criteriosos e percepções de diferentes estilos e formas de Dança.

Segundo Bannon e Sanderson (2000) é muitas vezes na observação da dança que a experiência estética e a apreciação se encontram. O professor deverá fomentar nos seus alunos um diálogo mais íntimo e profundo sobre os trabalhos e produções culturais, ampliando horizontes, novas visões, analisando os diferentes contextos em que se inserem, trazendo reflexão, experiências e vivências, não só criando mas também apreciando.

Em dança “compor é escolher uma ideia, um tema coreográfico, um estilo estético, transformar o real e construir um discurso articulando-o com um princípio, meio e fim. O impacto no espectador está sempre presente (...)” (Batalha, 2004, p. 26).

O aluno deve ser desafiado a desenvolver as suas capacidades comunicativas, estéticas, concetuais e artísticas, com alguma autonomia e para isso o desenvolvimento da criatividade fundamental (Taylor, 1976, citado por Marques, 2013).

Na dimensão educativa e artística da Dança, quando enquadrada no ensino vocacional, contém um alto nível técnico e profissional. Desta forma, é encarada como uma das finalidades principais, a criação de obras para a apresentação pública, onde os bailarinos poderão ser os criadores e os intérpretes dessas mesmas obras. Existindo assim, a adaptação das técnicas e metodologias a objetivos educativos específicos.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO

3.1. Descrição dos métodos: investigação-ação:

Tal como identificado nos objetivos deste relatório, o projeto de estágio que nos propusemos concretizar surgiu com o intuito de dar a conhecer aos alunos do Ensino Vocacional de Dança, o potencial Estético e criativo da área desportiva, estimulando os alunos a criar a partir de movimentos técnicos e táticas do Futebol, do Basquetebol e do Atletismo, processo esse que resultou na realização de uma coreografia final. Visto isto, optou-se pela investigação-ação, onde o investigador se envolve de forma ativa no estudo em causa (Bogdan & Biklen, 1994). Maioritariamente utilizada para estudos na área da educação, serve-se de métodos qualitativos para a sua avaliação e permite a resolução de problemas surgidos na prática, utilizando processos científicos.

O seu objeto de estudo tem presente todos os intervenientes no processo e procura melhorias na qualidade dos procedimentos, intervindo e aplicando os seus métodos nas situações sociais e pedagógicas a que se propõe.

Segundo Moreira (2001), a Investigação-Ação procura tornar a prática do professor refletida, informada, sistemática e que promove uma reflexão autocrítica objetiva e uma avaliação dos resultados que facilita a sua formação, promovendo o seu posicionamento investigativo face à prática e à sua própria emancipação. Assim, este tipo de intervenção visa o funcionamento do real e a análise atenta dos efeitos dessa intervenção e por isso, ela é situacional, no sentido em que identifica um problema num contexto específico e as soluções para o mesmo; é colaborativa, promovendo e implicando o trabalho em grupo; é participativa, não existindo distinção entre observados e observadores e é auto-avaliativa, uma vez que as alterações observadas são sempre registadas e avaliadas para que seja possível melhorar a situação (Fonseca, 2012)

O processo de investigação-ação pode assumir vários instrumentos de recolha de dados baseados: 1) na observação – observação participante, notas de campo, diários ou memorandos analíticos; 2) na conversação – questionários, entrevistas ou grupos de discussão e 3) na análise de documentos – oficiais ou pessoais ou meios audiovisuais – fotografias, gravações em vídeo e gravações em áudio. (ibidem)

Para Fonseca (2012) a investigação-ação “pode ser representada como uma metodologia de investigação que utiliza em simultâneo a Ação e a Investigação num processo cíclico, onde há uma variação progressiva entre a compreensão, a mudança, a ação e a reflexão crítica da prática docente.” (p. 18)

Mertler (2006) refere que o processo básico através do qual se conduz uma investigação-ação assenta em quatro etapas: identificar as áreas de foco, recolher dados, analisar e interpretar os dados recolhidos e desenvolver um plano de ação. Através da investigação-ação, os professores podem analisar as suas turmas, o seu próprio método de ensino, os seus alunos e a sua forma de avaliação, com o objetivo de melhorar a qualidade e eficácia do ensino.

Neste sentido na concretização do Estágio subjacente a este relatório procurou-se que, a partir da metodologia da investigação-ação, se conseguisse uma melhoria da prática pedagógica com o sentido de se investir na resolução dos trabalhos que iam sendo desenvolvidos, apostando numa educação/formação eficiente, no sentido de sinalizar e resolver os problemas identificados. Trata-se de um estudo de carácter prático e evolutivo, que intervém no processo pedagógico, exigindo a colaboração dos seus intervenientes para que se obtenham resultados. Assim, esta investigação caracteriza-se por ser situacional, no sentido em que identifica um problema num contexto específico e procura as soluções para o mesmo; é colaborativa, promovendo e implicando o trabalho em grupo; é participativa, não existindo distinção entre observados e observadores e é auto avaliativa, uma vez que as alterações observadas são sempre registadas e avaliadas para que seja possível melhorar a situação. (Fonseca, 2012, p. 19)

Em seguida expomos os procedimentos utilizados durante o estágio desenvolvido e uma descrição dos instrumentos, estratégias e métodos usados.

3.2. Instrumentos de recolha de dados:

Os instrumentos de recolha de dados visaram a avaliação dos objetivos a alcançar, o respetivo melhoramento e a adaptação à realidade existente. Neste sentido, apresentam-se de seguida e de forma sintética os vários tipos de instrumentos utilizados, e os quais considerados pertinente desenvolver e aplicar, especificando o objetivo e intenção de cada um:

- **Questionário Inicial:**

Segundo Sousa e Baptista (2011, citado por Bergano, 2013), um questionário é um instrumento de investigação que tem como objetivo recolher informações baseando-se, geralmente, na averiguação de um grupo representativo da população em estudo. Este tipo de instrumento de recolha de dados permite recolher uma amostra dos conhecimentos, comportamentos, valores e atitudes.

O questionário aplicado aos alunos teve como principal finalidade a) aferir as suas motivações para a frequência de aulas da Técnica de Contemporâneo II, b) perceber os conhecimentos dos alunos ao nível desportivo, c) saber quais os alunos que praticam desportos (Apêndice A). A análise de dados do Questionário Inicial encontra-se nos Apêndices deste trabalho (Apêndice B).

- **Diários de bordo** (Apêndice C, F e G):

Os diários de bordo foram utilizados no decorrer de todo o estágio com o objetivo de registar, analisar e refletir sobre o desempenho e a reação dos alunos a cada aula. Em todas as aulas foram registados os objetivos e conteúdos para essa sessão de trabalho, num plano de aula, assim como a resposta dos alunos às diversas situações propostas e a reflexão do professor (pontos positivos, pontos negativos, principais dificuldades e pontos a melhor na aula seguinte).

- **Registo, em vídeo, de algumas aulas e respetiva observação:**

Algumas aulas foram registadas em vídeo e assumidas como elemento de observação. Através da sua visualização, professor e alunos puderam perceber com melhor eficácia as suas criações, podendo fazer uma análise e reflexão mais detalhada e eficiente. Os vídeos serviram, concomitantemente, como elemento de avaliação no sentido em que através dos registos audiovisuais das aulas, para além do professor avaliar em tempo real o desenvolvimento da aula e prestação dos alunos, serviu para permitir à estagiária a visualização posterior permitindo uma observação focada em algumas situações e pormenores e consequentemente uma avaliação mais precisa, dirigida e justa.

- **Grelhas de observação** (Apêndice B):

Durante o desenvolvimento do estágio foi igualmente implementada uma Grelha de Observação com o intuito de facilitar a retenção e a análise de importantes elementos e fatores para a melhoria da prática pedagógica. Foram, com base neste instrumento de recolha de dados concretizados registos regulares que permitiram avaliar o desempenho dos seus alunos e a evolução do trabalho coreográfico em desenvolvimento na disciplina em causa (Anexo D).

3.3. Avaliação das atividades:

Antes de iniciarmos uma prática pedagógica e para que esta seja uma ação consciente, detalhada, coerente, controlada, eficiente e com garantias de sucesso, é importante ajustar os

programas, Planificações, metodologias e estratégias de ensino ao público-alvo, indo ao encontro das suas características e especificidade.

3.3.1. Organização da prática de estágio:

O processo de estágio dividiu-se em Quatro partes fundamentais:

Quadro nº 3:

Organização da prática de estágio:

Prática de Observação Estruturada		
Duração:	Instrumento de recolha de dados:	Objetivos:
<ul style="list-style-type: none"> • 9 Horas 	<ul style="list-style-type: none"> • Diários de bordo • Grelhas de observação • Questionário inicial 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a turma e o seu funcionamento enquanto grupo • Conhecer as metodologias e pedagogias usadas pelo professor titular • Conhecer as características dos alunos, nomeadamente, motivação e interesse pela disciplina, potencialidades criativas, competências técnicas, entre outros.
Prática de Participação Acompanhada (cooperando com a professora da disciplina):		
Duração:	Instrumento de recolha de dados:	Objetivos:

<ul style="list-style-type: none"> • 9 Horas 	<ul style="list-style-type: none"> • Diários de bordo • Grelhas de observação 	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidar os pontos anteriores • Adaptação à turma • Preparar soluções coreográficas. • Exploração prática de metodologias de ensino.
Prática de Lecionação Autónoma:		
Duração:	Instrumento de recolha de dados:	Objetivos:
<ul style="list-style-type: none"> • 40 Horas 	<ul style="list-style-type: none"> • Diários de bordo • Grelhas de avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular os alunos para a aquisição de novas linguagens de movimento, tendo como base o Desporto • Estimular a criatividade e a capacidade interpretativa • Realizar momentos de reflexão/discussão acerca dos trabalhos coreográficos dos alunos
Participação em Outras Atividades:		
Duração:	Instrumento de recolha de dados:	Objetivos:
<ul style="list-style-type: none"> • 4 Horas 	<ul style="list-style-type: none"> • Documentos fornecidos pelos colegas de grupo e/ou 	<ul style="list-style-type: none"> • Colaborar com o grupo de trabalho ou outros docentes da Academia. • Dinamizar a AMVP.

	coordenadora de grupo.	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a interdisciplinaridade. • Promover a relação entre AMVP e a comunidade escolar.
--	------------------------	--

3.3.2. Estratégias:

O ensino da Dança, como qualquer área de educação/formação deve ser o mais clara possível e para que isso se viabilize, é importante que esta seja uma ação consciente, organizada, participada e coerente. Desta forma o professor deve clarificar os objetivos e competências a adquirir pelos seus alunos, as condições de realização e os critérios de êxito, deve, através de planificações, antecipar ações educativas e prever situações de aprendizagem, estabelecer uma boa relação interpessoal onde prevalecem valores de cooperação, compreensão e comunicação e deve orientar de forma clara e objetiva (Batalha, 2004). Assim, a adoção de estratégias iniciais de Ensino são também uma ferramenta de relevante importância para o Professor. Assim, é importante ter-se em consideração:

- Transmissão e execução de propostas de exploração/criação coerentes com a planificação a longo prazo resultante dos objetivos e conteúdos definidos;
- Recorrer a diferentes estratégias no momento de apresentação e explicação das propostas:
- Explicação verbal;
- Uso de diferentes estímulos (verbais, físicos ou ideológicos);
- Interdisciplinaridade Dança/Educação Física: Experimentação prática Desportiva;
- Demonstrações práticas;
- Atribuição de maior responsabilidade/autonomia aos alunos, nos momentos de exploração, criação e reflexão do processo;
- Recorrer a objetos específicos da modalidade, promovendo a sua exploração e desconstrução dos movimentos;
- Promover momentos na aula onde possa existir a observação entre alunos e a partilha de conhecimentos, sugestões e opiniões;
- Uso do feedback como orientação no processo de composição;
- Traçar/definir timing e metas (prazos) para cada fase do processo de composição.

3.3.3. Planeamento das aulas de estágio:

O planeamento das aulas de estágio foi elaborado, após a construção de uma tabela com os conteúdos das duas áreas em estudo (Dança e Educação Física), tendo em conta a planificação a longo prazo da disciplina de TDCII. Este planeamento foi concebido numa fase inicial do Estágio e serviu de base para a concretização dos planos de aula. Este planeamento foi ao encontro dos conteúdos programáticos previamente definidos, incluindo, na distribuição dos conteúdos por aula, momentos destinados à experimentação desportiva, momentos de improvisação/exploração e desconstrução dos movimentos, momentos de criação, momentos de composição e momentos de reflexão, tendo em conta os conteúdos e as competências definidas para o ano em causa.

A disciplina de TDCII, no 9º ano de escolaridade, prevê uma aula semanal, com a duração de 1h30m. Este reduzido tempo de lecionação da disciplina dificultou, antes de mais, o cumprimento das 40 horas de lecionação previstas e, por outro lado, as expectativas para a exploração de cada modalidade ficou aquém do desejável. Para colmatar esta situação houve a necessidade de marcar aulas extra, fora do horário das aulas, para ensaios, já na fase final de Estágio.

As aulas foram reformuladas semanalmente, tendo em conta o desenvolvimento das aulas anteriores e do próprio processo de criação coreográfica. Para cada aula lecionada foi concretizada uma reflexão geral.

No próximo ponto será apresentada um quadro no qual se apresenta a distribuição e organização cronológica das aulas do período de estágio, referentes ao período de lecionação.

3.3.4. Planificação geral (continua):

Quadro nº 4:

Planificação a longo prazo.

Período	Modalidade	Especificidade trabalhadas	
Prática de Observação estruturada: 17 de Setembro a 22 de Outubro	TDCII	Observação das aulas do professor titular de turma.	
Prática de Participação Acompanhada: 29 de Outubro a 17 de Dezembro	TDCII	Observação e participação pedagógica nas aulas do Professor titular de turma.	
Prática de Lecionação Autónoma:			
7 de Janeiro	Futebol	Aula prática desportiva	Experimentação do passe curto e longo Experimentação do passa e cruza Experimentação do remate e da defesa Exploração de pontaria – jogo do derruba o cone Jogo reduzido

<p>14 de Janeiro 21 de Janeiro 28 de Janeiro 4 de Fevereiro 11 de Fevereiro</p>		<p>Aulas práticas de TDCII</p>	<p>Exploração de movimentos da bola: Nível baixo, saltos (passe longo) e deslizes (passe curto). Linhas de campo: Exploração de direções espaciais, equilíbrios/desequilíbrios, planos (bola fora/bola dentro). Condução da bola: relação entre pares (manipulação) Exploração do “chutar” – partes do corpo Relação entre pares: bola jogador – próximo/distante, olhar a bola, rodear a bola, tocar a bola (ideia de pontapé), manipular a bola/carregar (condução da bola). Relação entre pares – defesa/atacante/bola Relação atacante/defesa: contacto físico e sem contacto físico</p>
<p>4 de Março</p>	<p>Basquetebol</p>	<p>Aula prática desportiva</p>	<p>Relação ataque/defesa – jogo do rabo da raposa. Experimentação do passe de peito e passe picado. Experimentação do drible – contornar obstáculos Passe e cruza Exploração do lançamento na passada Jogo reduzido</p>

<p>8 de Abril 15 de Abril 22 de Abril</p>		<p>Aulas práticas de TDCII</p>	<p>Exploração de movimentos do corpo tendo como ponto de partida a ideia de passe, recepção e drible. Exploração do movimento de drible – partes do corpo Experimentação da ideia de lançamento na passada. Relação bola/jogador atacante Criação de uma sequência com bola</p>
<p>29 de Abril 30 de Abril a 3 de Maio 6 de Maio 13 de Maio</p>	<p>Atletismo</p>	<p>Aula prática desportiva</p>	<p>Exploração de corridas – resistência e velocidade Exploração do salto em comprimento – exploração da técnica de salto e recepção Exploração do salto de barreira – aprendizagem técnica da posição dos M.I. Treino de velocidade: Jogo da corrente, suicidas Exercício de passagem do testemunho Exploração da posição de partida nas corridas. Lançamento do peso – aprendizagem da técnica</p>
		<p>Aulas práticas de TDCII</p>	<p>Ida a Neerpelt Aprendizagem de uma sequência de movimentos</p>

15 de Maio			<p>Exploração de movimentos para a criação de uma sequência de movimentos tendo em conta:</p> <p>Estrutura das barreiras, execução do salto nas barreiras, movimento de receção do salto em comprimento, lançamento do peso e passagem do testemunho.</p>
<p>20, 27 e 28 de Maio</p> <p>3 de Junho</p> <p>26 e 27 de Julho</p>	Ensaios da coreografia		<p>Montagem da coreografia final</p> <p>Apresentação do Projeto final de Estágio “Desportos que dançam”</p> <p>Espetáculo de Dança “As cinco trançar de Ynari”.</p>

3.3.5. Conteúdos programáticos (continua):

Quadro nº 5:

Conteúdos de Dança e Educação Física.

Futebol (2º período)	Corpo	Conteúdos de dança	Conteúdos de Educação física
		<ul style="list-style-type: none"> • Ações 	<ul style="list-style-type: none"> • Remate, lançamento lateral, desarme, locomoção, passe, rotação, cruzamento
		<ul style="list-style-type: none"> • Formas do corpo 	
		<ul style="list-style-type: none"> • Corpo como um todo 	
		<ul style="list-style-type: none"> • Partes do corpo 	Predominantemente ao nível dos membros inferiores
	<ul style="list-style-type: none"> • Articulações 		
		Conteúdos de dança	Conteúdos de Educação física
		<ul style="list-style-type: none"> • Desenho do corpo 	
		<ul style="list-style-type: none"> • Progressão espacial 	<ul style="list-style-type: none"> • Drible em progressão, remate na passada, desmarcação, passe e corte

	Espaço	<ul style="list-style-type: none"> • Níveis 	<ul style="list-style-type: none"> • Baixo: carrinho • Médio: Drible, corrida • Alto: Salto
		<ul style="list-style-type: none"> • Direções 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidimensionais • Bidimensionais • Tridimensionais
		<ul style="list-style-type: none"> • Organização espacial 	<ul style="list-style-type: none"> • Ataque/defesa e contra ataque • Variabilidade das posições no campo • Criação e ocupação dos espaços livres • Criação das linhas de passe
	Dinâmicas	Conteúdo de dança	Conteúdos de Educação física
		<ul style="list-style-type: none"> • Tempo: urgente e suspenso 	<ul style="list-style-type: none"> • Drible, desmarcação, remate, cabeceamento
		<ul style="list-style-type: none"> • Espaço: direto e flexível 	<ul style="list-style-type: none"> • Passe, reposição de bola, remate, cabeceamento, desmarcação, finta, deambulação
	Conteúdos de dança	Conteúdos de Educação física	

	Relações	Entre corpos	<ul style="list-style-type: none"> • Atenção a... 	<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos ofensivos e movimentos defensivos
			<ul style="list-style-type: none"> • Aproximar/ Afastar 	<ul style="list-style-type: none"> • Desmarcações, passe, marcação defensiva,
			<ul style="list-style-type: none"> • Rodear 	<ul style="list-style-type: none"> • Marcação, bloqueio
			<ul style="list-style-type: none"> • Tocar 	<ul style="list-style-type: none"> • Carga de ombro, carrinho
		Com objeto	<ul style="list-style-type: none"> • Atenção a... 	<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos ofensivos e movimentos defensivos
			<ul style="list-style-type: none"> • Aproximar/ Afastar 	<ul style="list-style-type: none"> • Recepção no passe, remate, passe, cabeceamento, cruzamento
			<ul style="list-style-type: none"> • Tocar 	<ul style="list-style-type: none"> • Drible, lançamento, passe, remate
			<ul style="list-style-type: none"> • Carregar 	<ul style="list-style-type: none"> • Lançamento lateral, reposição manual do guarda-redes, pega de bola pelo guarda redes

Basquetebol (2º e 3º períodos)	Corpo	Conteúdos de dança	Conteúdos de Educação física
		<ul style="list-style-type: none"> • Ações 	Ressalto, lançamento, desarme de lançamento, locomoção, passe, drible, rotação
		<ul style="list-style-type: none"> • Formas do corpo 	<ul style="list-style-type: none"> • Redondas, retas
		<ul style="list-style-type: none"> • Corpo como um todo 	
		<ul style="list-style-type: none"> • Partes do corpo 	<ul style="list-style-type: none"> • Predominantemente ao nível dos membros superiores
		<ul style="list-style-type: none"> • Articulações 	
	Espaço	Conteúdos de dança	Conteúdos de Educação física
		<ul style="list-style-type: none"> • Desenho do corpo 	
		<ul style="list-style-type: none"> • Progressão espacial 	<ul style="list-style-type: none"> • Drible em progressão, Lançamento na passada, desmarcação, passe e corte
		<ul style="list-style-type: none"> • Níveis 	<ul style="list-style-type: none"> • Baixo: Disputa de bola, • Médio: Drible, lançamento, corrida e passe • Alto: Ressalto e lançamento
	<ul style="list-style-type: none"> • Direções 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidimensionais 	

			<ul style="list-style-type: none"> • Bidimensionais • Tridimensionais
		<ul style="list-style-type: none"> • Organização espacial 	<ul style="list-style-type: none"> • Ataque/defesa e contra ataque • Variabilidade das posições no campo • Criação e ocupação dos espaços livres <ul style="list-style-type: none"> • Criação das linhas de passe
	Dinâmicas	Conteúdos de dança	Conteúdos de Educação física
		Tempo: urgente e suspenso	<ul style="list-style-type: none"> • Drible, desmarcação, lançamento, afundações
		<ul style="list-style-type: none"> • Espaço: direto e flexível 	<ul style="list-style-type: none"> • Lançamento isolado na passada, drible em progressão
		Conteúdos de dança	Conteúdos de Educação física
		<ul style="list-style-type: none"> • Atenção a... 	<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos ofensivos e movimentos defensivos
		<ul style="list-style-type: none"> • Aproximar/ Afastar 	<ul style="list-style-type: none"> • Desmarcações, passe, marcação defensiva,
		<ul style="list-style-type: none"> • Rodear 	<ul style="list-style-type: none"> • Marcação, bloqueio

	Relações		<ul style="list-style-type: none"> • Tocar 	<ul style="list-style-type: none"> • Bloqueio, marcação, ressalto
		Com objeto	<ul style="list-style-type: none"> • Atenção a... 	<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos ofensivos e movimentos defensivos
			Aproximar/ Afastar	<ul style="list-style-type: none"> • Recepção, lançamento, no passe, ressalto
			<ul style="list-style-type: none"> • Tocar 	<ul style="list-style-type: none"> • Drible, lançamento, passe, ressalto
			<ul style="list-style-type: none"> • Carregar 	<ul style="list-style-type: none"> • Passe e lançamento

<p>Atletismo: Velocidade Resistência Salto em altura Salto com vara Salto de barreiras</p>	Corpo	<p>Conteúdo de dança</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ações 	<p>Conteúdos de Educação física</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotação, corrida, extensão e flexão, torção, salto, transferência de peso, inclinação, queda nos saltos
		<ul style="list-style-type: none"> • Formas do corpo 	Arco das cortas do salto em altura e com vara, posição reta na corrida de velocidade e corrida de resistência
		<ul style="list-style-type: none"> • Corpo como um todo 	
		<ul style="list-style-type: none"> • Partes do corpo 	
		<ul style="list-style-type: none"> • Articulações 	
<p>Salto em comprimento Lançamento do peso Passagem de testemunho (3º período)</p>	Espaço	<p>Conteúdo de dança</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenho do corpo 	<p>Conteúdos de Educação física</p> <ul style="list-style-type: none"> • Trajetórias retas e em curva
		<ul style="list-style-type: none"> • Progressão espacial 	<ul style="list-style-type: none"> • Corrida de velocidade e corrida de resistência, salto em comprimento, salto de barreiras, salto com vara e salto em altura, passagem de testemunho
		<ul style="list-style-type: none"> • Níveis 	<ul style="list-style-type: none"> • Baixo: Partida de tacos • Médio: corrida, lançamento do peso, passagem de testemunho • Alto: Salto com vara, salto em altura, salto em comprimento, salto de barreiras

		<ul style="list-style-type: none"> • Direções 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidimensionais • Bidimensionais • Tridimensionais 	
	Dinâmicas	Conteúdos de dança	Conteúdos de Educação física	
		<ul style="list-style-type: none"> • Tempo: urgente e suspenso 	Corrida de velocidade, corrida de resistência, lançamento do peso	
		<ul style="list-style-type: none"> • Espaço: direto e flexível 	Corrida de velocidade, corrida de resistência, lançamento do peso, técnicas de salto	
	Relações	Conteúdos de dança	Conteúdos de Educação física	
		Entre corpos	<ul style="list-style-type: none"> • Atenção a... 	<ul style="list-style-type: none"> • Corrida de velocidade, corrida de resistência, corrida de barreiras
			<ul style="list-style-type: none"> • Aproximar/ Afastar 	<ul style="list-style-type: none"> • Corrida de velocidade, corrida de resistência, corrida de barreiras

		Com objeto	<ul style="list-style-type: none"> • Atenção a... 	<ul style="list-style-type: none"> • Salto de barreiras – barreira • Salto em altura - barra • Salto com vara – barra e a vara • Salto em comprimento – linha de chamada • Lançamento do peso – peso • Passagem do testemunho – testemunho
			<ul style="list-style-type: none"> • Aproximar/ Afastar 	<ul style="list-style-type: none"> • Salto de barreiras - barreira • Salto em altura - barra • Salto com vara – barra • Salto em comprimento – linha de chamada • Lançamento do peso – peso • Passagem do testemunho – testemunho
			<ul style="list-style-type: none"> • Tocar 	<ul style="list-style-type: none"> • Linha de chamada
			<ul style="list-style-type: none"> • Carregar 	<ul style="list-style-type: none"> • Peso, vara, testemunho

3.3.6. Estrutura das aulas:

Nas aulas lecionadas durante o período de Estágio, procurou-se atingir uma aprendizagem de qualidade, tendo em conta o programa de TDCII, do 5º Vocacional da AMVP e o Programa de Educação Física do 9º ano de escolaridade, para o qual se considerou determinante a organização das aulas em que existisse uma lógica sequencial de todas as fases da aula por forma a se obter o sucesso pedagógico que se pretendia. Todos os planos de aula foram construído obedecendo às regras da estrutura estabelecida para o desenho das aulas de TDCII da escola cooperante em causa, iniciando-se pela fase de aquecimento, seguindo-se exercícios de exploração/improvisação, exercícios de criação, momento de reflexão e por fim o retorno à calma.

A qualidade da aprendizagem depende muito da organização das próprias aulas, contribuindo uma sequência lógica das fases das aulas para um maior sucesso pedagógico; assim, previu-se uma progressão do trabalho, onde prevaleceu uma continuidade entre as temáticas e para cada aula, foi elaborado um Plano de Aula, que seguiu uma linguagem simplificada e de fácil compreensão (Apêndice C).

Houve sempre a preocupação da introdução de exercícios novos de exploração de movimentos, mas também com a criação de sequências de movimentos, em solo, dueto ou grupo, partindo de material improvisado e explorado, tendo sempre em atenção o objetivo final do Estágio e como ponto de partida a temática definida. Para a construção das aulas tivemos também em conta as características específicas dos alunos, o espaço e materiais disponíveis e o tempo da aula para uma máxima rentabilização (Batalha, 2004).

A atividade pedagógica foi sempre adaptada ao desenvolvimento da sequência das aulas havendo, por vezes, a necessidade de se proceder a ajustes metodológicos e pedagógicos, de acordo com as respostas e resultados no decorrer do processo da prática pedagógica

3.4. Etapas de estágio:

3.4.1. Prática de Observação Estruturada:

Nas aulas de Prática de Observação Estruturada, o objetivo principal incidu na observação e reflexão sobre as características dos alunos, pois apesar de já ter lecionado nesta turma, no ano letivo anterior, considerou-se esta etapa muito importante para um maior conhecimento das competências e qualidades dos alunos, mas, acima de tudo, para ficar a par das metodologias e pedagogias desenvolvidas em aula, no processo ensino- aprendizagem. Neste sentido, optou-se por recorrer a um registo escrito sistemático (diário de bordo- Apêndice A), onde se apresenta a estrutura da aula observada e metodologia utilizada, havendo um momento de reflexão sobre o trabalho desenvolvido. Recorremos também a uma Tabela de Prática de Observação/reflexão (Apêndice B), que acompanhou todo o processo de Estágio. Nesta etapa do Estágio foram ainda entregues aos alunos as devidas autorizações para a recolha de imagens e vídeos e um questionário inicial. Nesta fase de Observação Estruturada, foi possível compreender melhor o Plano de Atividades e o programa referente à disciplina, estabelecidas para o 5º Vocacional, de forma a ser possível organizar e estruturar de forma mais eficaz as restantes fases do estágio.

As aulas de observação estruturada decorreram de dia 17 de Setembro a dia 22 de Outubro de 2014. O professor titular da disciplina, Professor Mário Gonçalves, desenvolveu as suas aulas a partir de um poema de Mauro Gouvêa (Anexo J). Com base no conceito ideacional subjacente ao poema em causa, as aulas observadas foram desenvolvidas de acordo com a ideia de mendigar e a imagem da personificação do mendigo. Maioritariamente o professor respeitou a estrutura de uma aula de dança, mas nem sempre definiu de forma clara as três fases de aula – aquecimento, exploração e retorno à calma. Já na fase de exploração o Professor Titular também nem sempre explorou as fases de Interpretação/Criação/Análise.

Na primeira aula após a leitura do poema, professor e alunos fizeram uma reflexão sobre as principais ideias sobre o texto e tema, traduzindo-se alguns conceitos em noções de dinâmicas de movimento. Numa fase inicial o professor privilegiou o trabalho de improvisação, a solo e posteriormente introduziu o trabalho a pares e em grupo. Fez questão de em todas as aulas relembrar as etapas trabalhadas nas aulas anteriores. O Projeto final “Afetos” partiu de muito material explorado e criado pelos alunos, material esse que foi enriquecido com sequências de movimento ensinadas pelo professor.

O professor partiu da ideia de espaço e corpo no espaço, havendo inicialmente apenas uma exploração de níveis e trajetórias, que foram complementadas com movimentos

locomotores e pela capacidade interpretativa de acordo com a temática (mendigar) e a personagem (mendigo). A esta etapa foi somado o trabalho criado em pequenos grupos de trabalho e uma sequência final, ensinada pelo professor.

Constatou-se do decorrer desta modalidade de observação que o Professor Mário estabeleceu sempre uma boa relação com os seus alunos, privilegiando um ensino de respeito e cooperação. É um Professor claro nas suas intervenções, mas consideramos que por vezes teve alguma dificuldade em passar de forma clara o que pretendia. Transmitiu *feedbacks* assertivos e objetivos e incentivou sempre os alunos a refletirem sobre o trabalho, durante todo o processo.

Percebeu-se que o método de ensino da Composição Coreográfica funcionava dentro de um esquema de aula em que os alunos trabalham de forma maioritariamente de forma autónoma e independente do professor, a partir da proposta dada. Ou seja, os alunos são encorajados a criarem os seus solos ou trabalhos de grupo sem a participação ativa do professor na fase de criação coreográfica. Elas exploram o movimento, através da improvisação, e concebem a forma das suas criações baseando-se na sua própria experiência enquanto alunas. Por outro lado o Professor está sempre atento ao desenvolvimento dos trabalhos, dando orientações, individuais aos alunos, fazendo no final do exercício uma reflexão geral do trabalho que alguns alunos exploraram pouco as possibilidades de cada movimento durante a fase de improvisação, e que encontraram para suportar as suas ideias soluções de movimentação mais confortáveis, desafiando pouco o seu corpo.

3.4.2. Prática de Participação Acompanhada:

De acordo com este trabalho de observação e reflexão, resultantes da etapa anterior, determinou-se com o professor titular Mário Gonçalves, quais as dificuldades mais evidentes dos alunos e que competências poderiam/deveriam ser aprofundadas nas próximas aulas. Ficou definido que a planificação das aulas, seria realizada pelos dois professores (professora estagiária e professor titular)

Numa fase inicial da Prática de Participação Acompanhada, lecionei a fase inicial da aula, com exercícios de aquecimento e exploração do corpo e espaço e em Novembro tive autonomia para ensinar uma sequência de movimentos. Houve ainda igualmente oportunidade de acompanhar todo o processo de exploração/criação da coreografia para a apresentação “Exposição sobre rodas – “Dançar os afetos” e no qual houve liberdade para intervir no processo de exploração/criação quando se achasse pertinente.

Numa fase final do processo, os exercícios foram partilhados, permitindo assim uma união de esforços para a obtenção de resultados mais eficazes e coerentes, exercícios esses sempre enquadrados nos objetivos a atingir, com base nas competências definidas para este nível de ensino.

Na fase de criação, na qual os alunos tiveram autonomia criativa (partindo de um estímulo fornecido) para comporem as suas soluções, os professores orientaram conjuntamente os alunos, fornecendo *feedbacks* coreográficos e auxiliaram na compreensão ou consciencialização nos conteúdos a serem explorados. A lecionação deste bloco de aulas foi partilhada de forma muito definida e, por vezes, um professor dirigia e o outro observava ou, então, ambos interagem com a turma, prevalecendo a cooperação entre ambos. Para a avaliação e reflexão desta fase de estágio, manteve-se o registo escrito sistemático (Diário de Bordo) apresentando-se uma reflexão final sobre os resultados obtidos, remetido para os apêndices (Apêndice D) deste trabalho.

3.4.3. Prática de Lecionação Autónoma:

A prática de Lecionação Autónoma decorreu de dia 7 de Janeiro a dia 3 de Junho e subdividiu-se em quatro grandes fases de exploração no 2º e 3º Períodos. Numa primeira fase, os alunos tiveram a experimentação prática de uma aula que incidiu sobre a Unidade Didática Futebol. Os objetivos gerais desta aula foram dar a conhecer aos alunos as ações técnicas e/ou táticas da modalidade, tanto em situação de exercício critério, como em jogo reduzido e jogo formal. Assim foi importante demonstrar aos alunos a necessidade de cooperação entre os atletas, para o alcance do objetivo do Jogo Desportivo Coletivo, dando-lhes a oportunidade de executarem novos movimentos locomotores e não locomotores, desenvolvendo a relação com bola e consequentemente a coordenação óculo-pedal.⁷ Assim dentro dos aspetos técnicos foram abordados o passe, a receção, a condução, o remate e o drible. Já na aprendizagem tática abordamos a marcação, a contenção defensiva, a cobertura defensiva, a pressão sobre o adversário, a desmarcação e a procura por espaços livres. Os movimentos específicos desse desporto foram explorados nas seguintes aulas, havendo sempre espaço para exercícios de improvisação e exercícios de criação. Após esta fase seguiram-se as seguintes, nas quais a modalidade do Basquetebol foi abordada (segunda fase) e posteriormente seguiu-se a modalidade do Atletismo (terceira fase). Na Segunda fase, referente à modalidade de Basquetebol, foram exploradas as ações técnicas posição base defensiva e ofensiva, passe de

⁷ <http://escolarinhadleonor.eu/plataforma/mod/resource/view.php?id=494>

peito, picado e de ombro, drible de progressão e proteção, drible com mudança de direção e os lançamentos em apoio, suspensão e na passada. Dentro da exploração tática da modalidade foram exploradas a desmarcação e marcação, a ocupação espacial, o bloqueio e o contra-ataque.⁸ Na terceira fase, referente à modalidade de Atletismo foram desenvolvidas as técnicas desportivas referentes à corrida de velocidade, à corrida de resistência, ao salto em altura, ao salto de barreiras, ao salto em comprimento e à corrida de estafetas.

A última etapa de estágio, quarta fase, foi a fase da criação da coreografia final, e na qual se pretendeu conciliar todas as abordagens realizadas, assim como, as sequências e micro-estruturas coreográficas exploradas. Desta forma atingiu-se um produto coreográfico final, apresentada dia 3 de Junho na Academia.

A atividade educativa foi sempre acompanhada de uma planificação e reflexão inerente a cada aula, tendo como base o programa de Educação física do 9º ano de escolaridade (Anexo F), assim como o Programa do 5º vocacional de TCDII (Anexo G), seus objetivos e conteúdos programáticos. Também se realizaram registos audiovisuais, ao longo do Estágio, registando-se as diferentes fases de exploração dos temas. Estes registos facilitaram a observação e avaliação do trabalho que estava a ser desenvolvido, registo esse que teve o consentimento quer da AMVP, quer dos alunos e seus Encarregados de Educação.

A atividade pedagógica foi sempre adaptada ao desenvolvimento da sequência das aulas havendo, por vezes, a necessidade de se proceder ao ajuste metodológico e pedagógico, de acordo com as respostas e resultados que iam surgindo no decorrer do processo da prática pedagógica. Sendo o objetivo do trabalho, criar um processo educativo e criativo com e para os alunos, foi fundamental, a criação de uma planificação interventiva, que se moldou às necessidades, dificuldades e respostas da turma. O processo foi sempre construído em função da turma e das suas características específicas, visando melhorar e desenvolver as suas capacidades criativas e de reflexão, numa sensibilização estética da área desportiva, com o objetivo final de criar uma coreografia, com base nos estímulos propostos e no qual tivesse contido as características e soluções dos alunos, estando subjacente a coordenação/orientação da professora cooperante e do professor titular de turma.

O processo metodológico partiu de exercícios de improvisações e da construção de sequências de movimento (micro e macro estruturas coreográficas), explorando-se o sentido,

⁸ <http://www.aeproencaanova.pt/documentos/conteudos/9ano/edf.pdf>

o significado e a mensagem do mesmo de acordo com cada modalidade desportiva. Exploraram-se os gestos técnicos, as formas e trajetórias, as dinâmicas e as relações, assim como a capacidade interpretativa, comunicativa e a expressividade. O trabalho de relação foi fundamental: o toque, o contacto, o sentir e o escutar o corpo do outro, percebendo que também os corpos desportivos num jogo também comunicam.

Em cada uma das três fases desta etapa do estágio houve uma reflexão escrita, apresentada nos apêndices deste trabalho. Nesta fase de estágio também foi acompanhada por momentos de reflexão, referentes às quatro etapas do processo (Apêndice E).

3.5. Interpretação de resultados:

3.5.1. Observação, Lecionação acompanhada e lecionação autónoma:

O período de estágio desenvolveu-se tendo em consideração as quatro modalidades estipuladas pela ESD pelo Regulamento do Curso de Mestrado em Ensino de Dança, da ESD, tais como: observação, observação participada, lecionação e participação noutras atividades.

Na sequência dos quadros apresentados anteriormente passa-se agora a evidenciar e refletir sucintamente acerca da concretização de cada uma das etapas. É importante referir que em todas as etapas de estágio houve momentos mais positivos que outros, mas que esses momentos mais frágeis e difíceis são os que nos tornam profissionais, mais fortes, perspicazes e audazes e que nos ajudam a progredir e desenvolver competências profissionais necessárias para o futuro de novas práticas letivas de sucesso.

O primeiro período foi dedicado à observação e à lecionação acompanhada das aulas do professor titular de turma Mário Gonçalves, que substituiu a Professora Marina Vasques, enquanto esteve de baixa Médica. Nesta fase de estágio o trabalho de criação teve como base o trabalho dos Afetos, coreografia apresentada no final do 1º período, no dia 12 de Dezembro de 2014, com o nome de “Exposição sobre rodas - Dançar os afetos”.

Com o intuito de desenvolver a prática pedagógica através da observação e da troca de experiências entre colegas que lecionam a mesma disciplina, e tal como já se mencionou anteriormente neste relatório, foram efetuados registos de dados, mais especificamente com a aplicação do Diário de bordo e foram preenchidas grelhas de observação, no sentido de se perceberem os conteúdos lecionados, perceber-se a estrutura das aulas, compreender-se a evolução dos exercícios, compreender-se as correções atribuídas e, acima de tudo, verificar o empenho, entusiasmo, motivação, capacidades e potencialidades dos alunos da turma.

Assim, e com base em todas estas premissas de observação e/ou recolha de dados foi possível aferir que os alunos mostraram-se maioritariamente disponíveis na concretização de novos desafios, mostrando alguma confiança nos exercícios de improvisação e criação, propostos, estabelecendo uma relação de respeito e cooperação entre todos. Não obstante esta situação consideramos que talvez tivesse sido importante o professor ter sido um pouco mais rígido em relação ao comportamento geral da turma, já que estes por vezes se manifestaram pouco concentrados e muito faladores, apesar de serem alunos muito aplicados, interessados e motivados para a disciplina, consideramos que estes fatores eram uma situação que provocava alguma distração e desconcentração que consideramos tão importantes para um processo ensino-aprendizagem que se quer o mais eficaz possível.

Na fase de **Lecionação Acompanhada**, decidimos seguir a mesma linha de trabalho iniciada pelo professor titular, respeitando a sua estrutura de trabalho no que respeita os seus objetivos e a sua metodologia de ensino. Os alunos mostraram-se maioritariamente empenhados ao longo das aulas, cooperantes e trabalhadores, apesar de continuar a haver nas aulas demasiada “brincadeira” e dispersão. A ligação com os alunos já existia, visto que tinha lecionado a disciplina no 1º período do ano letivo anterior, tendo havido desde logo uma grande empatia. Prevaleceu uma grande proximidade com os alunos em geral, obtendo-se resultados positivos e ao mesmo tempo respeito, quer pelo professor, colegas ou regras de aula.

Foi decidido entre o Professor titular da turma e a professora Estagiária que este só iniciaria a terceira fase (Prática de Lecionação) de estágio no 2º período, para se dedicar as aulas do 1º período inteiramente à criação da coreografia dos Afetos. Apesar desta fase de Estágio não estar diretamente relacionada com a temática do Projetos de Criação final, estive presente em todo o processo de criação da “Exposição sobre Rodas”, nomeadamente na seleção e orientação de exercícios e nas fases de criação coreográfica.

A fase de **Prática de Lecionação Autónoma** esteve diretamente ligada ao Processo de Composição Coreográfica

O objetivo final de todo o processo foi, tal como estava previsto, desenvolver um projeto criativo, partindo das temáticas já referidas anteriormente. A partir de exercícios de improvisação e das construções de sequências de movimento (micro estruturas coreográficas), numa exploração do gesto, da forma e do movimento livre e expressivo, criamos um produto final, apresentado na Academia. O trabalho individual foi promovido,

mas foi dado grande ênfase à relação e ao trabalho de grupo, permitindo o desenvolvimento da cooperação, do respeito e interajuda.

Esta fase de lecionação iniciou-se, em contexto de estágio, no princípio do 2º período e prolongou-se até ao final do 3º período, tendo sido concluído com uma apresentação final da coreografia “Desportos que dançam”, no dia 3 de Junho, pelas 19 horas no Auditório 4 da AMVP. O Estágio decorreu todas as quartas-feiras, tendo cada aula a duração de 90 minutos.

A **Prática de Lecionação Autónoma** teve início com a apresentação do projeto aos alunos, nomeadamente dos objetivos e conteúdos previstos e competências a desenvolver com o mesmo.

Esta terceira fase de estágio ocorreu em quatro fases de atuação. A primeira fase foi direcionada para a modalidade de Futebol, a segunda para o Basquetebol e a terceira para o Atletismo. A última, e quarta etapa destinou-se ao desenvolvimento da composição coreográfica e à concretização dos respetivos ensaios com vista à apresentação pública final. Pela dificuldade em cumprir as horas previstas desta fase do Estágio, houve a necessidade de marcar aulas extra, que foram essenciais numa fase final para ensaios e consolidação da coreografia. Em cada uma das três fases iniciais houve sempre uma primeira aula prática, no campo desportivo exterior da Academia, tendo sido explorados com os alunos, alguns exercícios de exercitação da prática desportiva da modalidade destinada a essa fase. Esses exercícios foram selecionados com o intuito de dar a conhecer aos alunos aspetos técnicos e táticos específicos de cada modalidade desportiva. Entretanto e durante as restantes aulas práticas de Dança, na disciplina de TDCII, houve espaço quer para a improvisação/exploração de movimento com base na modalidade em causa, quer para a criação e reflexão do processo de criação em desenvolvimento. A seleção de momentos da aula para a observação e reflexão crítica das criações de sequências de movimento esteve presente em algumas aulas, ao longo do processo criativo.

Ao longo do desenvolvimento do Estágio houve sempre uma forte comunicação e troca de ideias e sugestões quer com o professor titular de turma (Professor Mário Gonçalves), quer com a coordenadora da AMVP (Professora Alexandra Mendes). Nesta terceira e quarta etapa a Professora Marina Vasques regressou à Academia assumindo a titularidade da turma, neste período final.

Os alunos demonstraram grande motivação em relação à temática, reforçando o interesse pela mesma no ano letivo anterior, visto que no ano letivo 2013/2014 as aulas de TDCII eram lecionadas na sala de Educação Física da Academia.

Com o objetivo de colmatar os aspetos menos positivos, tais como a falta de concentração e atenção, o cansaço acumulado pela carga horária e pelos demais projetos em que a turma estava envolvida e numa perspectiva de promover a evolução da turma em geral no que concerne aos objetivos e competências prevista para a disciplina em causa e estágio em desenvolvimento, a professora estagiária foi dando maior autonomia aos alunos na construção do material coreográfico, responsabilizando os alunos e ao mesmo tempo encorajando-os e incentivando-os, ao longo das aulas, na realização dos exercícios. Assim, os alunos foram sendo cada vez menos dirigidos privilegiando-se uma metodologia baseada em exercícios de improvisação.

As propostas apresentadas para o desenvolvimento de cada fase, cada exercício e cada tarefa de trabalho foram maioritariamente feitas verbalmente, recorrendo-se a imagens ou a demonstrações, sempre que necessário e recorreu-se ao uso de vídeos relativos a cada modalidade desportiva, como por exemplo no caso da exploração da movimentação dos árbitros de Futebol. No caso do Futebol assistimos também a um jogo.

Com vista a uma melhor consolidação de alguns exercícios/sequências, procedeu-se à sua repetição de uma aula para outra, para que os alunos tivessem oportunidade de os incorporar e memorizar, aprimorando-os e executando-os com maior segurança e, conseqüentemente, melhor qualidade técnica e expressividade.

Ao longo das aulas foi sempre promovida a correção e reflexão recorrendo-se à demonstração e ao visionamento do material filmado.

Fui tentando respeitar os planos de aula criados, e conseqüentemente as fases de aula. Fui fazendo uma boa gestão do tempo da aula e fiz uma boa gestão do timing para cada fase de Estágio, aspeto esse que foi conseguido com sucesso, também pela calendarização das fases de Estágio feita no início do ano letivo.

O apoio musical selecionado para as aulas e para o trabalho de criação coreográfica, procuraram ser um elemento estimulante e motivador para a concretização prática, ajudando na aquisição de competências ligadas à dinâmica e ao ritmo de movimento e como complemento para o desenvolvimento da expressividade do movimento; no entanto, este não foi um estímulo primordial no processo de criação; até porque, a seleção musical para a apresentação coreográfica, foi só concretizada já após a conclusão da criação.

Na turma houve sempre um bom ambiente e companheirismo entre colegas e a relação de abertura estabelecida com a professora estagiária foi positiva para o resultado final no sentido em que foi possível uma partilha constante e um progresso muito positivo do trabalho coreográfico. A maioria dos alunos apresenta uma boa noção de musicalidade, percecionando

com alguma facilidade a dinâmica inerente à mesma e sua possibilidade de relação com o movimento, são criativos e revelam uma boa capacidade de improvisação/criação. Conhecem as Unidades temáticas de movimento e recorrem a diferente vocabulário de movimento nas suas criações. São maioritariamente criativos tendo uma positiva noção das etapas e formas de composição. Por outro lado, alguns alunos devem melhorar a sua espontaneidade e aprender a libertarem-se mais, desprendendo-se da timidez e da vergonha. Podem ainda melhorar a coordenação movimento/respiração, a projeção do olhar e em manter a intenção.

Para esta fase foi essencial uma reflexão diária do trabalho, contemplada no Diário de Bordo (planificações, objetivos, observações, ideias à composição e resultados obtidos, assim como, através de uma Tabela de Observação/Avaliação Formativa, englobando as diferentes temáticas trabalhadas nas aulas, onde se retrata uma avaliação qualitativa geral do desempenho cognitivo e comportamental de cada aluno.

Aspetos menos positivos foram a atitude dos alunos, ao longo de todo o ano no sentido em que, apesar da motivação e empenho, dispersavam e desconcentram-se com grande facilidade, considerando que este aspeto afeta o desenvolvimento dos trabalhos colocando as potencialidades dos alunos aquém do que eles potencialmente podiam atingir.

Como balanço final deste Estágio posso concluir que os alunos adquiriram e consolidaram as competências criativas, alargando os seus limites de criação e as suas capacidades interpretativas, terminando todos os alunos, à exceção de um com uma avaliação qualitativa de Bom, no final do 3º período. Procurei sempre promover o sentido de autonomia e responsabilidade, promovendo a cooperação e a interação, ao mesmo tempo que procurei desenvolver nos alunos a sensibilidade e consciência crítica e reflexiva, promovendo momentos de observação e análise de movimento. Foi determinante transformar a disciplina num espaço experimental, fomentando as fases do processo de Composição Coreográfica e, ao mesmo tempo, por um lado a exploração do seu próprio movimento e por outro lado o contacto com linguagens técnicas de movimento diversificadas. Os conteúdos abordados foram seguindo uma abordagem progressiva focando-se na aquisição das competências definidas pela Academia, para este ano, havendo um trabalho focado essencialmente nos conhecimentos específicos da Composição Coreográfica, nomeadamente nos métodos de estruturação coreográfica como cânone, estrutura cíclica, ambivalência, repetições, etc.

A Coreografia Final resultado de todo o processo de Estágio, surge no final do trabalho, num DVD, como anexo final do trabalho.

3.5.2. Participação noutras atividades:

As quatro horas destinadas à **participação noutras atividades** foram divididas por 5 atividades, decorridas durante o ano letivo.

Ao longo do 1º período letivo acompanhei o desenvolvimento da coreografia do 5º vocacional “Exposição sobre rodas – “Dançar os afetos”, estando presente na organização da sua apresentação no dia 12 de Dezembro de 2014 aos Encarregados de Educação e familiares dos alunos. Na “Exposição sobre rodas – “Dançar os afetos” os alunos dos vários anos do curso de dança, desenvolveram uma coreografia sobre os afetos e a amizade. No caso da turma com a qual se estabeleceu relação direta em estágio, o trabalho dos afetos incidiu no trabalho coreográfica desenvolvido em torno da temática do mendigo.

Quadro nº 6:

Atividade Exposição sobre rodas – Dançar os afetos

Atividade	Exposição sobre rodas - Dançar os afetos
Data	12 de dezembro de 2014
Local	AMVP
Objetivos	Sensibilizar os alunos para as temáticas afeto, interajuda e cooperação. Promover a motivação e o desenvolvimento da sensibilidade estética, expressiva e artística. Proporcionar uma experiência artística que estimule um trabalho de reflexão, crítica e criação a partir de um tema.
Participantes	Todos os alunos de iniciação do curso de dança
Público-alvo	Comunidade Escolar
Professores dinamizadores	Alexandra Mendes, Ana Francês, Bárbara Teixeira.
Professores Colaboradores	Joana Espanha, Raquel Rua, Ilda Castro e Ana Julieta.
Avaliação	Tendo em conta a natureza do evento, a escolha das peças coreográficas permitiu que os objetivos fossem cumpridos. Feedbacks muito positivos relativamente ao nível performativo dos alunos.

No 2º período letivo, participei no evento “jovens coreógrafos”, no dia 19 de fevereiro de 2015, estando responsável no evento pela ordenação e organização dos alunos participantes. A Atividade teve início às 14h00 e a duração de 7 horas. Nesta atividade os alunos da área de dança tiveram a oportunidade de apresentar coreografias, criadas a solo ou em grupo, da sua autonomia. Esta atividade pretende promover a capacidade criativa dos alunos da AMVP, premiando a melhor coreografia e melhor intérprete.

Quadro n° 7:**Atividade 4º Concurso Jovens Coreógrafos.**

Atividade	4º Concurso Jovens Coreógrafos
Data	19 de março de 2015
Local	Cine-Teatro Eduardo Brazão
Objetivos	Incentivar, apoiar e divulgar trabalhos coreográficos dos alunos do curso de dança
Participantes	Alunos do Curso Vocacional de Dança
Público-Alvo	Comunidade Escolar
Professores dinamizadores	Ana Francês e Joana Espanha
Professores Colaboradores	Alexandra Mendes, Andrea Mesquita, Bárbara Teixeira, Cátia Esteves, Cristina Martins, João Pinto, Mário Gonçalves, Raquel Rua.
Avaliação	Os objetivos foram cumpridos. Deverá dar-se continuidade a esta atividade no próximo ano letivo.

Por fim, no 3º período, como elemento do grupo de Dança da AMVP, fui ainda colaborante na organização da apresentação “Exposição sobre rodas – “Dançar os afetos” no dia 29 de Abril, Dia Mundial da Dança à Comunidade Escolar. As coreografias apresentadas neste dia foram as mesmas apresentadas no 1º período letivo.

Quadro n° 8:**Atividade Comemorações do Dia Mundial da Dança.**

Atividade	Atividade Comemorações do dia Mundial da Dança
Data	Data 29 de abril de 2015
Local	Local AMVP
Objetivos	Objetivos Dar a conhecer à comunidade escolar o trabalho desenvolvido pelos alunos do 2º e 3º ciclo do curso vocacional de dança.
Participantes	Participantes Alunos do 2º e 3º ciclos do curso vocacional de dança
Público-Alvo	Público-alvo Comunidade escolar
Professores dinamizadores	Professores dinamizadores Alexandra Mendes, Ana Francês, Andrea Mesquita, Bárbara Teixeira, Cátia Esteves, Joana Espanha, João Pinto, Mário Gonçalves, Marina Vasques e Raquel Rua.
Avaliação	Os objetivos foram alcançados

No 3º período letivo acompanhei também o grupo de estágio à Bélgica, a Neerpelt, para o Concurso Europeu de música para jovens em Neerpelt (Anexo G), onde os alunos

Dançaram dois excertos do bailado “Giselle”, na disciplina de TDC, cuja adaptação foi da responsabilidade do Professor João Pinto. Estive responsável pelo Bungalow feminino dos alunos do 5º vocacional.

Quadro nº 9:

Atividade European Music Festival for Young People – Neerpelt.

Atividade	European Music Festival for Young People - Neerpelt
Data	De 1 a 4 de maio de 2015
Local	Neerpelt (Bélgica)
Objetivos	Publicitar a AMVP e, em particular, o Curso Vocacional de Dança. * Promover uma experiência artística internacional
Participantes	Alunos do 9ºano do curso de dança.
Público-Alvo	Alunos da AMVP
Professores dinamizadores	João Pinto e Bárbara Teixeira
Colaboração /Interdisciplinaridade	Restantes professores que acompanharam os alunos no festival.
Avaliação	Os objetivos foram cumpridos com bastante sucesso. O curso apresentou uma peça coreográfica com muito boas críticas por parte da organização e público do festival.

A última atividade da AMVP, em que estie presente, quer na organização, quer na estruturação, foi o Espetáculo final “Ynari, e as cinco tranças” (Anexo H), juntamente com os professores Mário Gonçalves e Alexandra Mendes.

Quadro nº 10:

Atividade Espetáculo de Dança

Atividade	Espetáculo de Dança
Data	26 e 27 de junho de 2015
Local	Auditório Municipal de Gaia
Objetivos	Desenvolver estruturas coreográficas criadas especialmente para este evento. Promover o Curso Vocacional de Dança.
Participantes	Todos os alunos do curso de dança (Pré; 1ºciclo; 2ºciclo e 3ºciclo)
Público-Alvo	Comunidade Escolar
Professores dinamizadores	Professores Alexandra Mendes, Ana Francês, Andrea Mesquita, Bárbara Teixeira, Cátia Esteves, Joana Espanha, João Pinto, Mário Gonçalves, Marina Vasques, Raquel Rua.
Avaliação	Tendo em conta a natureza do espetáculo, a escolha das peças coreográficas permitiu que os objetivos fossem cumpridos.

4. CONCLUSÃO/REFLEXÃO CRÍTICA

Tendo esta prática de Estágio profissional como temática a Estética do Desporto como ponto de partida para um trabalho de Composição Coreográfica, é com sentimento de satisfação e de dever cumprido que se termina esta etapa do Mestrado em Ensino de Dança. Com base na promoção e exploração de linguagens próprias, simbólicas e expressivas, partindo-se da desconstrução de movimentos técnicos e táticas desportivas para a Dança, numa busca de simbiose permanente, conclui-se o Estágio com a apresentação informal da coreografia “Dançando os Desportos” que se apresenta como suporte audiovisual neste relatório, fazendo-se uma avaliação positiva de todo o processo.

Com foco numa constante reflexão sobre o objeto de trabalho, a adaptação e abertura a novas situações de criação, novos estímulos e a procura por novas soluções, foram sempre uma prioridade no trabalho, promovendo-se um método de ensino/aprendizagem flexível e adaptativo, que teve como resultado final um o objeto artístico supramencionado.

Como balanço final de todo este processo, é inevitável um agradecimento especial ao acolhimento afável por parte da escola cooperante, a AMVP, à direção da Academia e à diretora Pedagógica do Departamento de Dança, que manifestaram sempre uma relação colaborativa e muito positiva no contacto direto com a estagiária. Apesar de a Estagiária já ter lecionado na Academia, no ano letivo anterior, houve uma grande abertura para o projeto, o que permitiu uma integração plena nas várias modalidades do estágio e apoio incondicional mesmo nos momentos mais difíceis. A relação com a Professora Cooperante, Professora Alexandra Mendes, foi sempre de grande cumplicidade num processo de partilha inicial e que, inevitavelmente com o decorrer do processo das atividades pedagógicas, foi permitindo à estagiária desenvolver o trabalho de forma mais autónoma, apesar do seu acompanhamento e apoio constante, no que diz respeito às decisões de ordem metodológica, pedagógica e relacional com o público-alvo. É importante agradecer aos Professores Mário Gonçalves e Marina Vasques, pela disponibilidade que mostraram ao longo do ano letivo, quer no decorrer das aulas, quer no apoio para a construção/organização das aulas e pela disponibilização de material teórico que apoiou toda esta prática pedagógica. Assim, existiu sempre das duas partes (professora estagiária e professora cooperante/professores titulares) disponibilidade para resolver situações e para colaborar no que fosse necessário.

Todas as atividades foram definidas e preparadas com o conhecimento da Professora Orientadora (Professora Ana Silva Marques) e Professora Cooperante, tendo sido possível uma integração plena na organização escolar, que permitiu o bom funcionamento das

atividades. Assim a organização da prática pedagógica, tendo por base os princípios do regulamento de estágio, e o programa de Técnica de Dança Contemporânea II, foi bem organizada e estruturada, cumprindo-se efetivamente com os objetivos propostos. Por outro lado, o facto da disciplina em causa só estar contemplada no horário, uma vez por semana veio dificultar o cumprimento das horas estipuladas para a lecionação, o que teve repercussões na coreografia criada. Teria sido pertinente um maior aprofundamento da área desportiva Atletismo e maior número de horas para ensaio para uma maturação na execução técnica dos passos e na interpretação, apesar da carga horária ter sido cumprida, já que houve a possibilidade de marcar mais aulas para ensaios fora do horário efetivo dos alunos.

A planificação das aulas de participação acompanhada e lecionação, assim como a projeção da obra coreográfica, foram sempre acompanhadas por registos escritos, que permitiram uma observação, reflexão e avaliação mais eficaz e precisa.

A Estética desportiva foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho, mas foi pela exploração da criatividade, pelas formas, pelos métodos e pela interpretação que desenvolvemos todo o trabalho coreográfico e por isso, o objetivo principal proposto foi atingido, na medida em que, os alunos, foram sensibilizados para uma nova temática que esteve na base de todo o processo criativo e que ao mesmo tempo, permitiu a aquisição das competências definidas. Tendo em consideração os objetivos e conteúdos previstos na disciplina de Composição Coreográfica, os alunos adaptaram-se às novas pesquisas para o movimento, ampliando as suas possibilidades de movimentos. Interpretaram os movimentos técnicos desportivos com um novo sentido e intenção, explorando novas formas expressivas e de comunicação. Para além de abrirem a mente a uma nova perspetiva de criação, maioritariamente conseguiram com sucesso, explorar nas suas improvisações e criações individuais, a pares ou em grupo, elementos técnicos novos, novas formas de movimento, novas formas de explorar o espaço, as relação, as dinâmica e a intenção.

A busca constante pela interdisciplinaridade Desporto/Dança e especificamente a experimentação prática desportiva, permitiu um conhecimento real e concreto, que facilitou depois a exploração e desconstrução desses movimentos, numa ampla e diversificada performance que passou pela utilização de voz, imagens; improvisações e a criação de novas formas de relação, quer com os colegas, quer com objetos, que não faziam parte dos seus quotidianos.

Durante o processo de Composição Coreográfica houve sempre o recurso a diferentes estímulos, promovendo-se a exploração e experimentação, a partir de exercícios de improvisação e criação e a reflexão crítica, numa busca pela sensibilização Estética e artística,

tendo como base os três eixos fundamentais para o ensino vocacional (criação, interpretação e análise), definidos por Smith-Autard (2002).

Como professora da disciplina foi imprescindível estar atenta às individualidades de cada aluno, proporcionando condições favoráveis para a criação e ser disponível para a implementação de estratégias de ensino eficazes. Foi ainda importante demonstrar sempre motivação ao longo do processo criativo, mesmo que isso não fosse uma realidade, por algumas situações que foram surgindo, sendo fundamental uma reflexão pessoal ao longo do processo, que permitiu o crescimento e a maturidade individual enquanto futura professora, quer a nível pedagógico, quer a nível metodológico, quer ao nível relacional.

Foi um trabalho bastante enriquecedor e muito gratificante antes de tudo pelo ambiente criado nas aulas e pelo vínculo afetivo construído. O trabalho superou as expectativas, mais pelo entusiasmo, partilha, interajuda e entrega dos alunos ao longo do processo, tendo-se em consideração que este ano letivo foi bastante preenchido e trabalhoso para estes alunos já que tiveram presentes em diversos eventos, no 3º período, como o Espetáculo de Neerpelt na Bélgica, o Espetáculo da Academia, o Espetáculo de Dança, o Dia Mundial da Dança, entre outros. Apesar do processo criativo ter passado por situações de exploração individual ou em pequenos grupos, temos que evidenciar que, é de valorizar o trabalho da turma, o trabalho de todo o grupo, que resultou pela conjugação e articulação de diversas ideias, mas principalmente pela disponibilidade e abertura à proposta temática de estágio.

Após o desenvolvimento deste estágio acredita-se que não existe uma metodologia única para o ensino, e que é possível criar a partir de distintos conceitos e estímulos criar. As estratégias, métodos e modelos podem ser variados e dependem da individualidade de todos os intervenientes no processo. Percebe-se assim a importância do papel de cada professor, que é único pela forma como aborda, como instrui, pela sua linguagem, pela sua capacidade de comunicar e pela sua forma de ensinar. A sua assinatura pessoal, aliada às características dos alunos espaço a mais ou bailarinos, influenciam todo o processo de aprendizagem e consequentemente o processo criativo.

É importante que o ensino da Dança não seja estanque e que o espaço à sua reflexão promova a criação de novas abordagens coreográficas, sempre em resposta a novas linhas de pensamento criativo que com certeza permitirão a variedade e qualidade do ensino especializado da Dança.

Após o desenvolvimento deste estágio acreditamos que se aferiu que não existe uma metodologia única para o ensino na Composição Coreográfica, já que os seus processos de ensino aprendizagem são diversificados e renovados. Além disso, verificamos que o estímulo

para a criação vai conduzir todo o processo criativo numa linha de pensamentos e que a seleção deste tem um impacto importante determinante para o no desenvolvimento de todo o processo criativo. A estagiária conclui com este trabalho esta etapa de Formação Académica com grande satisfação evidenciando ter sido muito interessante e oportuno a associação das temáticas Dança e Educação Física, com as quais tanto se identifica, e considera que as aprendizagens concretizadas no que respeita à Estética do Desporto e Composição Coreográfica a enriqueceram pessoalmente e profissionalmente.

Numa perspetiva futura e tendo em consideração os resultados obtidos, o seu interesse ficou ainda mais aguçado por este tema, considerando que o mesmo, de uma forma mais específica, pode conduzir a um trabalho rico e diversificado ao nível da criação coreográfica, quer como estímulo, quer como ponto de partida para uma formação Estética. Este trabalho não se conclui aqui, já que reconhecemos que os atributos provenientes de áreas distintas, no âmbito artístico, possibilitam alargar diversas experiências criativas, que poderão resultar em objetos artísticos ricos e esteticamente diversificados. Neste sentido, e numa perspetiva futura, tendo em conta a experiência que se considerou tão importante e estimulante para a Estagiária espera-se que esta abordagem, ampliada com realização deste Estágio, possa ser um impulso para o desenvolvimento de trabalhos futuros, quer ao nível da investigação científica no âmbito do ensino de Dança, quer ao nível profissional e artístico no âmbito da criação e Composição Coreográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Livros:

- Adorno, T. (1970). *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70.
- Arruda, A. (2011) *Tendências para a Educação Integral*. Fundação Itaú Social, Fundo das Nações Unidas para a Infância. São Paulo: Unicef.
- Bagdan, R. & Biklen, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Barbosa, A. M. (1991) *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspetiva
- Batalha, A. (2004). *Metodologia do ensino da dança*. Edição. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Bayer, R. (1993) *História da Estética*. Lisboa: Editorial Estampa
- Beardsley, M. & Hospers, J. (1997) *Estética: historia y fundamentos*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Constantino, J. M. (2007) *Os valores educativos do desporto. Representações e realidades*. In Bento J.O. & Constantino J. M. *Em defesa do desporto – Mutações e valores em conflito*. Coimbra: Almadino Edições, SA.
- Duarte, JR. (1988). *Fundamentos Estéticos da Educação*. Campinas. São Paulo: Papyrus.
- Gehrs, A. (2008) *Corpo-Dança-Educação. Na contemporaneidade ou da construção de corpos fractais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Goldman, A. (2005). *The Routledge Companion to Aesthetics*. Londres: Routledge.
- Kant, I. (2010). *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitário
- Lacerda T. (2004) *Acerca da natureza da experiência estética desencadeada pelo encontro com o desporto e do seu contributo para a educação estética do ser humano*. Porto: FADEUP
- Lacerda, T. & Elsa Gonçalves (2009). *Educação estética, dança e desporto na escola*. Porto: Universidade do Porto
- Marinho (2007). *Valor estético do futebol*. Monografia de licenciatura em Desporto e Educação Física, FADEUP;
- Marques, I (2003) *Dançando na Escola*. São Paulo: Cortez.
- Marques, I. (1999). *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. Cortez. São Paulo;
- Mertler, C. (2006). *Action Research: Teachers as Researchers in the Classroom*. California: Sage Publications.

- Monsur (s.d.) Sobre o movimento, educar o movimento e dançar. In Calazans J.; Simone G, Jacyan (2003) *Dança e educação em movimento*. São Paulo: Cortez Editora.
- Moreira, M. (2001). *Formar formadores pela investigação-acção: potencialidades e constrangimentos de um programa de formação*. Actas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. Braga.
- Osterhord (1991) *The Philosophy of sport: na overview*. Champaign: Illinois, stipes Publishing Company.
- Pacheco, J. (1999) *A diferenciação curricular no contexto das políticas curriculares*. In SPCE - *Investigar e formar em educação*. Aveiro: SPCE
- Pellegrini, A. (1988) *A Formação Profissional em Educação Física*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Read, H. (1982) *Educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Robinson, K. (1998) *Developing the arts in schools*. In ACARTE. *Educação pela arte: Pensar o futuro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sérgio, A. (2003) *Para uma nova dimensão do desporto*. Coleção Epistemologia e sociedade. Lisboa: Divisão Editorial Instituto Piaget.
- Smith-Autard, J.M. (2002). *The art of dance in education* (2ª ed.). London: A & C Black Publisher.
- Smith-Autard, J. M. (2004). *Dance composition - a practical guide to creative success in dance making*. Londres: A & C Black.
- Sousa, A. (2003) *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Instituto Piaget: Horizontes Pedagógicos.
- Vianna, A. (s.d.) *Tempos de Trabalho Corporal com Angel Vianna*. In Calazans J.; Simone G, Jacyan (2003) *Dança e educação em movimento*. São Paulo: Cortez Editora.
- Xavier, M. & Monteiro, E. (2012). *(Re)pensar o ensino da composição coreográfica. Corpos (im) perfeitos na performance contemporânea*. Livro de Atas. Ana Macara; Ana Paula Batalha & Kátia Mortari. Edição: Faculdade de Motricidade Humana.

Artigos

- Bannon, F. & Sanderson, P. (2000). Experience every moment: aesthetically significant dance education. *Research in Dance Education*. 1: 1, 9-26.
- Brás, J. & Bom, L. (2002) *Problemas de identidade académica e profissional da Educação Física na vertigem pós-moderna*. Revista Horizonte, Vol. XVII, nº 98 – 22-29

- Coelho, R., Kreft L. & Lacerda, T. (2004) *The aesthetic experience of the combat athletes in taekwondo FraisPlay*, *Revista de Filosofia Etica Y Derecho Del Deporte*, Vol. 2, nº 2
- Duarte, G. (2006) *O dançar na educação física escolar: a experiência estética no movimento humano*. UFSM/RS Edição: 2007 - Vol. 32 – nº 01
- Davenport, D. (2006) *Building a dance composition course: an act of creativity*. *Journal of Dance Education*. 6:1, 25-32.
- Fonseca, K. (2012) *Investigação-ação: Uma metodologia para Prática e Reflexão Docente*. *Revista Onis Ciência*, 1(2)
- Kreft (2012) *Sport as a drama*. *Journal of the Philosophy of Sport*, Champaign, Vol. 39, n. 2, p. 219-234
- Lacerda, T. (2009) *Educação estética, dança e desporto na escola*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 9(1), 105-114
- Lavender, L. (2006) *Creative process mentoring: teaching the “making” in dance-making*. *Journal of Dance Education*. 6:1, 6-13
- Marques, A. S. e Xavier, M. (2013). *Criatividade em Dança: Conceções, métodos e processos de Composição Coreográfica no Ensino da Dança*. *Revista Portuguesa de Educação Artística*. ISSN: 1647-905x
- Moreira, M. (2001). *Formar formadores pela investigação-acção: potencialidades e constrangimentos de um programa de formação*. *Actas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga.
- Saraiva, M. C. (2009) *Elementos para uma conceção do Ensino de Dança na escola: A perspectiva da Educação estética*. *Ver. Bras. Cienc. Esporte*. Campinas, v30, nº3, p. 157-171
- Saraiva, M. C. (2005) *O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação*. *Porto Alegre*, Vol. 11 nº 3, p. 219-242

Dissertações/Teses:

- Aguiar, M. F. C. (2013) *As emoções e o desenvolvimento da criatividade dos alunos de 3º ciclo, no âmbito da Composição Coreográfica, na Escola Vocacional de Dança das Caldas da Rainha*. Relatório Final de Estágio, ESD, Lisboa.
- Bergano, J. M. (2013) *A Composição Coreográfica na Academia de Dança Contemporânea na Academia de Dança Contemporânea de Setúbal dirigida ao ensino secundário*. Relatório Final de Estágio, ESD, Lisboa.

- Ferreira, M. (2007) *O valor Estético do desporto Paralímpico: estudo realizado com alunos Universitários de cursos de desporto com especialização na área da atividade física adaptada*. Dissertação de Licenciatura, Fadeup, Porto.
- Kunz (2003) *Dança e género na Escola: formas de ser e viver mediadas pela Educação Física*. Tese de Doutoramento em Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Lacerda, T. (2002) *Elementos para a construção de um Estética do Desporto*. Dissertação de Doutoramento, FCDEF-UP, Porto
- Marinho, D. (2007) *Valor estético do futebol*. Monografia de licenciatura em Desporto e Educação Física, FADEUP, Porto
- Ribeiro, C. L. (2011). *Péantepé. A criatividade no processo de composição*. Relatório de Projeto Pedagógico, Escola Superior de Dança, Lisboa.
- Santos (2006). *Dançoterapia integrativa: uma metodologia de intervenção nos comportamentos agressivos*. Tese de Doutoramento em Psicologia, Universidade de Évora, Évora.

Sites:

- Academia de Música de Vilar do Paraíso (s.d.). *Breve História*. Consultado em Março de 2015, em www.AMVP.pt
- Academia de Música de Vilar do Paraíso (s.d.). *Teatro Musical*. Consultado em Março de 2015, em www.AMVP.pt
- Consultado em Novembro de 2014, em <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/ensino-basico/metas-de-aprendizagem>,
- Consultado em Novembro de 2014, em http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Progr_educ_%20fis_reaj.pdf
- Conteúdos de Educação Física do 9º ano de Escolaridade, consultado em Setembro de 2014, <http://escolarainhadleonor.eu/plataforma/mod/resource/view.php?id=494>
- Conteúdos de Educação Física do 9º ano de Escolaridade, consultado em Setembro de 2014, em <http://www.aeproencaanova.pt/documentos/conteudos/9ano/edf.pdf>

APÊNDICES:

Apêndice A:

Questionário inicial



A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DANÇA: A ABRDAGEM ESTÉTICA DO DESPORTO COMO UMA POSSIBILIDADE NA ÁREA DA COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA, COM ALUNOS DO 5º VOCACIONAL



Questionário

Como sabes sou estagiária do Curso de Mestrado em Ensino de Dança, da ESD, do Instituto Politécnico de Lisboa, e preciso da tua colaboração para responderes a este inquérito por questionário. Com este questionário pretendo conhecer-te melhor e por isso, peço-te que respondas às perguntas com o máximo de honestidade possível, tendo em conta a tua experiência pessoal enquanto aluno/a da Academia. A tua participação é muito importante!

Os dados do questionário serão analisados com total sigilo e serão anónimos. Não existem respostas certas ou erradas! Os dados do questionário serão analisados com total sigilo, e não precisas de colocar o teu nome, pois não importa quem respondeu ao questionário, mas sim as informações contidas nele.

Obrigada.

Bárbara Teixeira.

A. A Técnica de Contemporâneo II como disciplina:	
1. Como caracterizas a disciplina de Dança Contemporânea II?	
2. Identificas-te com esta disciplina? Porquê?	
3. Que competências achas que adquires com esta disciplina, quando comparadas com outras disciplinas da área?	
4. Achas importante esta área na formação de bailarinos? Porquê?	
5. Achas que a criatividade é importante na tua formação de bailarino/a? Porquê?	
6. Consideras-te uma pessoa criativa? Porquê?	

A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DANÇA: A ABORDAGEM ESTÉTICA DO DESPORTO COMO UMA POSSIBILIDADE NA ÁREA DA COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA, COM ALUNOS DO 5º VOCACIONAL

7. Quais as tuas maiores dificuldades nesta disciplina? E facilidades?	
8. Das várias profissões relacionadas com a área da formação em Dança, com a qual ou quais gostavas de desenvolver no teu futuro profissional? <input type="checkbox"/> Bailarino/a Porquê: <input type="checkbox"/> Coreógrafo/a Porquê: <input type="checkbox"/> Professor/a Porquê: <input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____ Porquê:	
9. Qual é o teu coreógrafo português favorito? Porquê?	
10. Dos espectáculos de Dança que já assististe houve algum que te tivesse marcado mais? Porquê?	
11. O que consideras mais importante num espectáculo de dança? Porquê?	
12. Na actualidade, o que é que achas que um coreógrafo procura num bailarino?	
13. Com que outras áreas artísticas te identificas?	
B. Conhecimentos Desportivos:	
1. Gostas de Desporto? Porquê?	
2. Praticas ou já praticaste algum desporto?	
3. Gostas mais de Desportos colectivos ou individuais? Porquê?	
4. O que é para ti a Estética?	

Apêndice B:

Tratamento de dados do Questionário Inicial.

A técnica de Dança contemporâneo II como disciplina:

- 1) Os alunos majoritariamente referiram que esta disciplina é uma disciplina mais livre onde há a possibilidade de por em prática as aprendizagens técnicas aprendidas nas técnicas de dança. Também referiram que esta disciplina permite desenvolver o potencial criativo desenvolvido a partir de um estímulo referindo “tema, uma música, uma palavra” como alguns exemplos. Referem ainda que é uma forma de exprimir os sentimentos a partir do movimento e a oportunidade de explorar as capacidades específicas de cada corpo.
- 2) Todos os alunos, à exceção de um, referiram que se identificam com esta disciplina apontando várias razões: “(...) ser mais livre e mais divertida.”, (...) por me poder exprimir à minha maneira”, (...) posso criar novos movimentos, fugindo à realidade, havendo uma entrega maior à dança.” O aluno que referiu que não se identificava com a disciplina explicou que a causa é a timidez, que a faz ter dificuldades em se libertar.
- 3) São diversas as competências adquiridas nesta disciplina que os alunos referem. Apontam: o desenvolvimento da criatividade e da expressividade, uma área que permite a exploração dos movimentos de cada um, a autonomia e a liberdade e a capacidade interpretativa.
- 4) Todos os alunos responderam que esta área era importante na formação de um bailarino; no entanto, nenhum foi capaz de explicar com clareza o porquê.
- 5) Os alunos concordaram, na sua totalidade, com a importância da criatividade na formação dos bailarinos, referindo que só assim os bailarinos são completos.
- 6) Apenas dois alunos afirmaram que não se achavam pessoas criativas, referindo que sentem dificuldades em ser versáteis na criação dos movimentos e que têm dificuldades em exercícios de improvisação.
- 7) Os alunos referiram como maiores dificuldades nesta disciplina: a vergonha, a dificuldade nas técnicas de dança, a capacidade interpretativa, a falta de imaginação e a timidez. Como maiores facilidades referiram a capacidade criativa, a facilidade em criar sequências de movimentos e a imaginação.

- 8) Houve dois alunos que referiram que gostavam de ser professores de dança, cinco alunos referiram que gostavam de ser bailarinos e um disse que gostava de ser coreógrafo. A grande maioria afirmou que não se vê a trabalhar com a área da dança.
- 9) Os coreógrafos referidos pelos alunos foram: Paulo Ribeiro e a Professora Raquel Rua da Academia.
- 10) Os alunos referiram “Jim”, “Amaial” e “Lago dos cisnes” como os espetáculos de dança que mais os marcaram. É importante referir que a maioria dos alunos referiram que não houve nenhum espetáculo que os tenha marcado especialmente ou referiram que não iam ver muitos espetáculos de dança.
- 11) Foram diversos os aspetos apontados como os mais importantes: a sintonia entre os bailarinos, a capacidade interpretativa, uma boa relação com o público e a música.
- 12) Os alunos responderam que hoje em dia os coreógrafos procuram bailarinos versáteis, com capacidade de se adaptar a novos desafios, o talento e a plasticidade física.
- 13) Os alunos referiram a escrita, a pintura, o teatro, a música e o desenho como outras áreas artísticas com as quais se identificam.

Conhecimentos Desportivos:

- 1) Todos os alunos da turma referiram que gostam de desporto, referindo que: “o desporto ajuda-nos a sermos mais saudáveis”, “com a prática desportiva podemos ter uma imagem mais cuidada e bonita”, “ajuda a libertar a minha energia” e “faz-me bem ao corpo e à mente”.
- 2) Apenas 5 alunos referiram que já praticaram desporto fora da escola, entre os quais: natação, andebol, futebol e basquetebol.
- 3) Apenas dois alunos da amostra referiram que preferem desportos individuais a coletivos.
- 4) Os alunos referiram estética como “a parte visual das coisas”, “a apresentação de uma pessoa”, “é o bonito ou o que fica bem”, “o aspeto das coisas”, “a aparência” e “o exterior”. Os restantes alunos não responderam à questão.
- 5) Os alunos referiram como principais diferenças entre dança e desporto: o facto da “dança ser mais “repetitiva””, que “a dança exige uma maior dedicação”, que “a dança é sentida e o desporto não”, que “o objetivo principal da dança não é exercitar o corpo”, “a parte visual das duas áreas é distinta”.
- 6) Apenas um aluno respondeu negativamente à questão.
- 7) Apenas dois alunos responderam negativamente à questão. Referiram que seria interessante dançar com os materiais desportivos, seria um desafio divertido e que seria interessante pela

exploração de novos movimentos. Os alunos que responderam negativamente à questão referiram que são áreas distintas e que a dança é uma arte e o desporto não e que por isso essa área não poderia ser “dançavel”.

Apêndice B:

Diário de bordo da Prática de observação estruturada:

Diário de Bordo

Prática de Observação Estruturada

Relatório de Prática de Observação Estruturada		
Aula nº 1	Data: 17 de Setembro de 2014	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves		Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso		

Caracterização da turma/ procedimentos: Estiveram presentes todos os alunos que integram a turma à exceção de uma aluna que faltou porque foi ao médico. A aula começou e terminou à hora prevista.

Parte inicial:	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos entram e colocam-se num círculo para a realização da chamada e conversa inicial.• Após a chamada o professor sugere que seja lido um texto de Mauro Gouvêa. Este será o principal estímulo para o trabalho coreográfico deste primeiro período.• É feita uma discussão sobre o texto lido, nomeadamente sobre as ideias principais que este nos passa e chega-se a alguns conceitos importantes como: solidão, tristeza, sentimentos, sofrimento, ódio, mágoa, nostalgia, frustração. O professor sugere que estes conceitos sejam traduzidos em conceitos de movimento: Pesado, tenso, curvo, lento, desequilibrado, quedas, entre outros.
Aquecimento:	<ul style="list-style-type: none">• O professor sugere que seja realizado, a partir de um exercício de improvisação individual, a exploração de movimento livre, onde teriam de incluir a utilização de todo o espaço da sala. Este exercício é feito com o objetivo do domínio de todos os conteúdos do movimento abordados desde o 1º ano do vocacional.
	A) É proposto aos alunos que construam uma sequência de movimentos, partindo dos conceitos “mendigar e mendigo”, tendo em conta todas

<p>Parte Fundamental:</p>	<p>qualidades de movimento discutidas na fase anterior. Este exercício foi executado sem grandes deslocamentos pelo espaço e foi um exercício individual.</p> <p>B) O professor solicita que os alunos caminhem pelo espaço livremente e que posteriormente pensem num trajeto e o memorizem. Esse trajeto deveria ser constituído por retas e curvas, alternadas. Pede para que os alunos sejam fieis ao seu trajeto inicial e que estejam seguros em relação ao timing por que passam em cada espaço, estando atentos aos seus colegas e suas movimentações.</p>
<p>Fase final:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É sugerido aos alunos que executem os percursos pelo espaço e no final executem a sua sequência individual. A música é usada apenas como ambiente e não propriamente como um estímulo principal no trabalho. • Como trabalho de casa o professor solícita que todos tragam o seu percurso desenhado num papel.

Observações:

Apesar desta ser a primeira aula da turma com o Professor Titular, estes revelaram logo uma postura muito próxima. Assumiram uma atitude pouco correta, revelando-se muito faladores e colocaram questões pouco pertinentes para um 5º vocacional. Deverão apresentar uma postura mais madura, concentrada e atenta. Por outro lado demonstraram ser bastante disponíveis, criativos e com corpos particularmente plásticos e flexíveis, aceitando todos os desafios colocados. Aplicador e atentos foram sempre respondendo de forma eficaz e motivada às propostas realizadas e mostraram-se muito abertos e disponíveis na receção dos feedbacks dados pelo Professor. O professor foi sensibilizando os alunos para a velocidade e qualidade do movimento: “Posso ser pesado, mas rápido, posso ser leve e lento”. Ao longo do exercício estimulou os alunos a dançar com versatilidade e a pensar na dimensão dos movimentos, assim como na intencionalidade.

O Professor falou ainda do lado performático e da importância da execução técnica, mas também da interpretação e da emotividade.

Maioritariamente os alunos dominaram bem os conteúdos do movimento nas suas criações, no entanto, fica a faltar a dimensão performativa. Os corpos não estão prontos para começar nem terminar a apresentação, não conseguindo assumir a posição “parada” pedida pelo Professor. Há alguns alunos que se destacam pela positiva, quer pelo seu domínio

técnico, quer pela sua criatividade, quer pela sua capacidade interpretativa. Por outro lado, há um aluno que se destaca claramente pela negativa: apresenta falta de empenho, dificuldades na memorização, pouca criatividade e pouco domínio dos conteúdos; além disso foi um elemento perturbador, ao longo de toda a aula.

DIÁRIO DE BORDO

Prática de Observação Estruturada

Relatório de Prática de Observação Estruturada		
Aula nº 2	Data: 24 de Setembro de 2014	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves		Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso		

Caracterização da turma/ procedimentos: Estiveram presentes todos os alunos que integram a turma. A aula começou e terminou à hora prevista. Todos os alunos trouxeram os percursos desenhados em papel.

Parte inicial:	<ul style="list-style-type: none">• A chamada é feita num círculo.• Há uma conversa inicial sobre a aula.• O professor pede a todos os alunos que se coloquem na sua posição inicial. Solicita aos alunos que executem o seu trajeto, sendo que ao sinal de uma palma devem mudar o seu trajeto de reta para curva. O Professor permite que, caso necessário, os alunos possam ver o seu esquema do percurso, no papel trazido de casa.• Como segunda fase o professor pede aos alunos que repitam o trajeto mas agora em corrida.
-----------------------	---

<p>Parte Fundamental:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Foi pedido que os alunos se dividissem em grupos de 2 e que trocassem os papéis. O aluno sem papel, realizou o seu percurso e o colega foi verificando pelo papel se o percurso estava a ser bem executado. Maioritariamente os alunos não tiveram dificuldades em se orientar pelo espaço, havendo apenas algumas correções feitas, em relação a momentos específicos. • Os alunos reviram as suas sequências individuais sobre os mendigos, criadas na aula anterior. Posteriormente o Docente pede para que os alunos transformem a sua sequência usando como premissas a transposição, a repetição, o rewind e amplitude/velocidade do movimento.
<p>Parte final:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos no final da aula apresentaram individualmente os trabalhos criados.

Observações:

A aula correu com normalidade. Os alunos responderam positivamente às propostas do Professor. Apresentam no geral um bom ritmo de trabalho, apesar de serem conversadores e barulhentos. Ao longo da aula foram colocando algumas questões; no entanto, maioritariamente estas não eram pertinentes. O Professor foi dando feedbacks ao longo da aula e motivando os alunos para a aula.

Maioritariamente os alunos têm dificuldade na projeção do foco no movimento e devem melhorar a intenção enquanto dançam.

Uma das alunas demonstrou alguma dificuldade na orientação espacial, aspeto este a que o professor esteve atento, ajudando a aluna a ultrapassar as suas dificuldades.

DIÁRIO DE BORDO

Prática de Observação Estruturada

Relatório de Prática de Observação Estruturada		
Aula nº 3	Data: 1 de Outubro de 2014	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves		Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso		

Caracterização da turma/ procedimentos: Estiveram presentes todos os alunos que integram a turma. O Professor fez uma boa gestão o tempo da aula, respeitando a hora de saída. Os alunos chegaram ligeiramente atrasados à aula, tendo esta iniciado 10 minutos mais tarde.

Parte inicial	<ul style="list-style-type: none">• A aula iniciou, como maioritariamente em todas as aulas, numa roda, onde o professor fez a chamada e teve uma pequena conversa sobre o que seria realizado.• Houve uma rápida revisão dos percursos marcados na aula anterior. Inicialmente estes percursos foram feitos de forma contínua e posteriormente esses trajetos foram realizados com algumas pausas, sobretudo nas mudanças de direções, para que os alunos acertassem os timings exatos por que passavam, quer por um determinado espaço na sala, quer por um colega.
Parte Fundamental	<ul style="list-style-type: none">• Após a revisão das sequências individuais, o Professor sugeriu que os alunos pegassem nessa mesma sequência e a transformassem usando: Transposição de movimentos para outras partes, mudança de dinâmicas, alteração de amplitude de movimentos e a repetição.
Parte final	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos realizaram as duas sequências de movimento criadas.

Observações:

Os alunos responderam com maior maturidade aos exercícios propostos, que nas aulas anteriores, entregando-se mais às propostas realizadas. Houve uma maior libertação e entrega e conseqüentemente apresentaram maior vocabulário técnico e artístico nas suas improvisações e maior coerência nas suas criações coreográficas.

Revelaram mais uma vez uma atitude e postura pouco adequadas para uma aula, estando muitas vezes desconcentrados. Esta é uma turma heterogénea, havendo alunos com grandes potenciais criativos e técnicos e outros alunos que revelam grandes dificuldades e limitações.

Senti que os alunos necessitavam de maior tempo para a exploração da proposta dada na fase Parte Fundamental.

DIÁRIO DE BORDO

Prática de Observação Estruturada

Relatório de Prática de Observação Estruturada		
Aula nº 4	Data: 8 de Outubro de 2014	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves		Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso		

Caracterização da turma/ procedimentos: Estiveram presentes todos os alunos que integram a turma. O horário previsto para a aula foi cumprido.

Parte inicial	<ul style="list-style-type: none">• A maioria dos alunos não fez os trabalhos de casa.• Os alunos lembraram os percursos e as suas sequências individuais.
Parte Fundamental	<ul style="list-style-type: none">• A cada aluno o professor atribuiu um número. Por ordem crescente os alunos fazem as suas sequências.• Importância da interpretação de movimento (observação do grupo): cada aluno fez a sua sequência enquanto os restantes observaram.

	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos responderam bem à proposta do professor; mas, por vezes colocam questões impertinentes. Deviam pensar e tentar esclarecerem por si mesmos as dúvidas. • O professor sugere que no fim da sequência façam um movimento pendular. • Enfatiza a importância do “dar um início”: preparar o corpo para dançar. • Vai dando soluções práticas para algumas situações. • Revisão da sequência em que exploraram a repetição, a dinâmica, transposição e amplitude – 10 min. De exploração. • Os alunos mostraram aquilo que criaram (ao mesmo tempo).
Parte final	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos têm duas partes a sequência inicial e a sequência trabalhada – Executam a primeira sequência, fazem as trajetórias e todos ao mesmo tempo executam a sequência trabalhada.

Observações:

Os alunos estiveram mais concentrados nesta aula, mostrando um maior foco no trabalho. Estiveram empenhados nas tarefas propostas e participaram de forma ativa. O Professor defendeu uma Prática pedagógica autónoma, mas, por outro lado, sempre que sentiu necessidade foi dando soluções distintas para que os alunos fizessem essa experimentação prática. Sensibilizou os alunos para a importância da observação e reflexão crítica e enfatizou o caráter artístico e performativo que os alunos devem assumir desde a entrada na sala de aula.

DIÁRIO DE BORDO

Prática de Observação Estruturada

Relatório de Prática de Observação Estruturada		
Aula nº 5	Data: 15 de Outubro de 2014	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves		Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso		

Caracterização da turma/ procedimentos: A Maria Inês Faltou e duas das alunas encontram-se lesionadas. Hoje apenas participam na aula 9 alunos.

Parte inicial	<ul style="list-style-type: none">• A aula inicia com a chamada e com uma conversa sobre o mundo do espetáculo, estando todos num círculo.• O aquecimento é feito pela marcação da sequência que tem sido trabalhada durante as aulas. O professor vai fazendo umas chamadas de atenção em relação à atitude performática dos alunos.• O professor vai dando feedbacks em relação à sequência de movimentos, já que os alunos não respondem de uma forma imediata. Lembra que cada gesto tem que ter uma intensão e que se essa intensão não existe não há comunicação com o público.
Parte Fundamental	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos foram divididos em grupos de 2 e 3 elementos e ensinaram as suas sequências aos colegas.• Os alunos apresentaram as sequências aprendidas.
Parte final	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos refletem sobre as sequências observadas, nomeadamente a nível da construção da sequência (formas de composição) e sobre as capacidades interpretativas dos colegas.

Observações:

Os alunos mostraram pouca capacidade de concentração. Estiveram muito desconcentrados e desatentos; no entanto foram respondendo com facilidade às propostas.

Por outro lado alguns alunos apresentaram um movimento pouco fluído e sem intensão. Devem também dirigir o seu trabalho para a capacidade expressiva, já que, maioritariamente o corpo dança sem emoção. A exploração do seu movimento demonstrou-se mecânica e pouco sensorial. A maioria cria com facilidade e não tem dificuldade em trabalhar em grupo. São um grupo unido e colaborador.

Diário de Bordo

Prática de Observação Estruturada

Relatório de Prática de Observação Estruturada		
Aula nº 6	Data: 22 de Outubro de 2014	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves		Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso		

Caracterização da turma/ procedimentos: Todos os alunos estiveram presentes na aula, no entanto uma das alunas esteve a assistir.

Parte inicial	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciamos a aula, em roda, com a realização da chamada dos alunos e posteriormente o Professor falou da apresentação a ser realizada em princípio dia 13 de Dezembro de 2014 (apresentação do trabalho que está a ser criado nas aulas). • Os alunos fizeram o aquecimento relembrando a estrutura criada.
Parte Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos reviram as sequências de grupos. • Após a revisão das sequências os alunos apresentaram-nas todos ao mesmo tempo e depois apresentaram aos colegas. • Os alunos voltaram a repetir as sequências ao mesmo tempo. • Os alunos exploraram os seus trajetos assumindo uma nova postura como se fossem mendigos. O professor refere a importância de assumir uma postura de “eu não sei para onde vou”: um trajeto sem grande objetividade. Este trajeto deverá terminar no lugar do início da primeira sequência. O professor pede para que nestes percursos haja pequenas pausas.

	<ul style="list-style-type: none"> • Numa última fase os alunos repetiram toda a coreografia criada até então.
Parte final	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos deitam-se no chão e relaxam o corpo, fazendo o retorno à calma.

Observações:

Na última fase da sequência os alunos revelaram alguma dificuldade. Alguns ainda não sabem a sequência, revelaram dificuldade em respeitar os timings e pouca precisão no movimento. O professor chamou à atenção para a interpretação. A música será apenas o ambiente. Os alunos deverão melhorar a sua capacidade de comunicação, pensar menos em dançar “para si” e melhorar a projeção do movimento. O Professor pede para que os alunos pensem num objeto importante para a personagem referindo “O que é o algo meu quando eu não tenho nada?”, para trazer na próxima aula, objeto esse que tem que os ajudar nesta questão da intencionalidade. Por outro lado os alunos tem conseguido explorar material muito interessante, explorar ideias inovadoras e criativas. Devem melhorar o “sentir, perceber e a consciencialização da ação.

Apêndice D:

Grelhas de observação (exemplo).

Observação:		
Aula nº 1	Data: 17 de Setembro de 2014	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves		Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso		

Grelha de avaliação					
		Sim	Não	Às vezes	Não adequado
Metodologia e didática:	Cumprir o plano de aula				
	Disponibiliza ferramentas metodológicas diversificadas				
	Explora e utiliza diferentes estímulos				
	Estimula a criatividade e a imaginação				
	Explora a capacidade interpretativa e comunicativa				
	Desenvolve o sentido estético e artístico				
	Explora as componentes do movimento				

	Proporciona movimentos de improvisação				
	Cumpre as fases de uma aula de dança				
	Proporciona a exploração de movimentos técnicos				
	Explora a individualidade e as capacidades expressivas de cada um				
	Proporciona movimentos de reflexão e análise				
	Dá feedbacks precisos				
	Faz uma boa gestão temporal da aula				
	Dá exemplos e faz demonstrações				
	Promove o trabalho em grupo				
Relação pedagógica/Atitude dos alunos	Faz cumprir as regras da aula				
	Os alunos são interventivos, colaborantes e cooperantes				
	Os alunos respeitam o professor				
	O professor é disponível para ouvir os alunos				
	Dá autonomia aos alunos na concretização das tarefas				
	Há respeito mútuo				

	Os alunos estão motivados				
	Os alunos estão atentos				
	Os alunos são empenhados				
	Os alunos são concentrados e revelam um comportamento adequado				
Competências Coreográficas	Identificam tema/narrativa.				
	Reconhecem as etapas de composição.				
	Aplicam as etapas de composição.				
	Reconhecem as formas de composição.				
	Recorrem a diferentes formas de composição.				
	Identificam o vocabulário de movimento (corpo, ações, espaço, dinâmica e relações).				
	Utilizam diferente vocabulário de movimento nas suas criações, a partir dos movimentos desportivos abordados.				
	Selecionam e manipula o material explorado, de acordo com os estímulos dados.				

	Recorrem a diferentes espaços cénicos/adereços relacionados com a temática.				
	Recorrem a diferentes registos musicais nas suas criações.				
Interpretação	Utilizam a respiração na execução de movimento.				
	Utilizam e mantêm projeção no olhar/foco.				
	Utilizam e mantêm a intenção solicitada.				
	Improvisam a partir de uma ideia ou de um tema.				
	Executam o movimento definido de forma dirigida.				
	Executam o movimento no registo musical definido.				

Apêndice E:

Plano de aula (exemplo)

Plano de aula – Futebol		
Aula nº 1	Data: 7 de Janeiro de 2014	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves		Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso		

Objetivos Gerais:

- Promover a consciência espacial
- Motivar e desenvolver uma sensibilidade estética, expressiva e artística, fomentando a criação de novos públicos.
- Promover o uso de diferentes dinâmicas de movimento
- Desenvolver capacidade criativa, tendo como base as linhas de campo.
- Fomentar a comunicação não verbal e consequentemente as Unidades temáticas corpo e espaço.

Warm Up (1ªParte)				
Exercícios	Descrição do exercício	Objetivos do Exercício	Conteúdos	Estímulos
Exercício 1	<ul style="list-style-type: none"> Os alunos deslocam-se pelo espaço explorando o seu corpo como um todo e suas partes. Quanto o professor referir: <ol style="list-style-type: none"> Bola: os alunos exploram o nível baixo, Passe longo: exploram saltos diversos, Passe curto: exploram diferentes formas de deslize do corpo pelo chão. 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a consciência corporal Promover os movimentos não locomotores. Promover o uso de dinâmicas e qualidades concretas de movimento. 	<ul style="list-style-type: none"> Partes do corpo. Ações do corpo: movimentos não locomotores. Dinâmicas e qualidades de movimento. 	<ul style="list-style-type: none"> As partes do corpo. Usa todo o espaço da sala. Explora diferentes formas de saltar Explora o contacto de diferentes partes do corpo com o chão.
Exercício 2	<ul style="list-style-type: none"> Os alunos encontram um espaço próprio. Com as diferentes partes do corpo deverão executar movimentos 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a consciência corporal Promover ações do corpo. 	<ul style="list-style-type: none"> Partes do corpo. Ações do corpo: movimentos locomotores 	<ul style="list-style-type: none"> Pensa em todas as partes do corpo. Usa todos os níveis.

	<p>diversos como se estivessem a chutar uma bola.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Este mesmo exercício deverá ser realizado em progressão especial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover o uso de movimentos locomotores. • Promover o uso de dinâmicas e qualidades concretas de movimento. • Promover o contacto físico. • Desenvolver a consciência especial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dinâmicas e qualidades de movimento. • Espaço: Níveis, • Relação entre pares: contacto físico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Usa as diferentes dinâmicas. • Explora as direções. • Usa o espaço todo da sala
DESENVOLVIMENTO (2ª Parte)				

<p>Exercício 3 – As linhas laterais e finais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos imaginam que pelo espaço estão desenhadas no chão diversas linhas laterais e finais, de um campo de futebol. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exercita o corpo como um todo e suas partes. • Desenvolve a consciência corporal • Desenvolve a orientação especial. • Explora os movimentos locomotores e não locomotores. • Partes do corpo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ações do corpo • Movimentos não locomotores. • Pausas. • Dinâmicas de movimento (movimento flexível, lento, direto, legato, suspenso). 	<ul style="list-style-type: none"> • Usem o corpo todo • Estão em cima das linhas • Usem os níveis. • Explore as direções. • As linhas são perpendiculares
--	--	--	---	---

<p>Exercício 4 – Os desequilíbrios</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos deverão caminhar em cima dessas linhas imaginárias, usando todo o espaço da sala <ol style="list-style-type: none"> 1. Os alunos deverão caminhar em cima dessas linhas nas diferentes direções. 2. Os alunos deverão deslocar-se pelo espaço usando os diferentes níveis. 3. Os alunos voltam a caminhar pelo espaço, imaginando que estão sobre as linhas laterais e finais do campo de futebol. Ao longo do trajeto devem experimentar desequilíbrios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Explora os movimentos locomotores. • Explora a noção especial: níveis e direções. • Explora o equilíbrio estático e dinâmico. • Exercita o corpo como um todo e suas partes. • Desenvolve a consciência corporal • Desenvolve a orientação especial. • Explora os movimentos locomotores e não locomotores. • Partes do corpo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço • Ações: movimentos locomotores. • Corpo: totalidade, partes; • Ações: movimentos não locomotores e pausa • Dinâmicas de movimento (movimento flexível, lento, direto, legato, suspenso) 	<ul style="list-style-type: none"> • Usem o espaço todo • Não se esqueçam que estão em cima de linhas. • Usem todos os níveis • Atenção aos colegas • Usem diferentes direções. • São linhas perpendiculares. • Desequilíbrio de diferentes maneiras. • Usa diferentes apoios do corpo.
---	--	---	---	---

<ul style="list-style-type: none"> • Exercício 5 – A bola for a de jogo 	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos devem escolher um espaço próprio e ficar com os pés bem apoiados 1. Os alunos deverão tentar ir com as partes do corpo o mais longe possível. 2. Os alunos deverão manter diferentes pontos de apoio na linha imaginária e tentar ir o mais longe possível com diferentes partes do corpo, como se cada parte do corpo fosse uma bola de futebol. 3. Os alunos percorrerão os diferentes exercícios explorando livremente as 3 fases. 	<ul style="list-style-type: none"> • Explora os movimentos não locomotores. • Explora as partes do corpo. • Desenvolve a consciência corporal. • Promove o equilíbrio dinâmico e estático. 	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço: níveis e direções. • Ações: movimentos não locomotores. • Partes do corpo e corpo como um todo. 	<ul style="list-style-type: none"> • O mais longe possível • A bola vai viajando pelas partes do corpo. • Não se esqueçam que estão em cima de linhas. • Usem todos os níveis • Usem só a direção frente trás (dentro do campo e for a do campo) • Mantem sempre um apoio.
---	--	--	---	--

<p>Exercício 6 – As linhas de campo e o fora de jogo.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Explora os movimentos locomotores e não locomotores. • Explora os níveis e as direções. Desenvolve a consciência corporal • Desenvolve a orientação especial. • Explora o equilíbrio estático e dinâmico. • Exercita o corpo como um todo e suas partes. • Explora os movimentos locomotores e não locomotores. • Explora os níveis e as direções. 	<ul style="list-style-type: none"> • Corpo: totalidade, partes; • Ações: movimentos não locomotores e pausa Dinâmicas de movimento (movimento flexível, lento, direto, legato e suspenso). 	<ul style="list-style-type: none"> • Passem pelas 3 etapas. • Atenção aos colegas • Usem diferentes direções. • São linhas perpendiculares. • Desequilibra de diferentes maneiras. • Usem o espaço todo • Não se esqueçam que estão em cima de linhas. • Usem todos os níveis e direções • Usa diferentes apoios do corpo.
<p>CONCLUSÃO (3ª Parte)</p>				

Exercícios	Descrição do exercício	Objetivos do Exercício	Conteúdos	Estímulos
<ul style="list-style-type: none"> • Exercício 7 – Composição coreográfica 	<ul style="list-style-type: none"> • Com base nos exercícios explorados, os alunos individualmente deverão criar uma sequência de movimentos em que devem passar pelas 3 etapas: deslocação nas linhas finais e laterais, desequilíbrios e bola fora. 	<ul style="list-style-type: none"> • Movimenta as partes do corpo e desenvolve a consciência corporal • Explora a orientação espacial. • Desenvolve o equilíbrio estático e dinâmico • Explora os níveis e as direções • Desenvolve a criatividade • Desenvolve a capacidade de memorização. • Explora os movimentos locomotores e não locomotores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Corpo: segmentos, partes e articulações; • Espaço: níveis e direções • Ações motoras 	<ul style="list-style-type: none"> • Usem o espaço todo • Estão em cima de linhas. • Usem todos os níveis e direções • Passem pelas 3 etapas. • Atenção aos colegas • Usem as direções. • São linhas perpendiculares. • Desequilibra de diferentes maneiras. • Usa diferentes apoios do corpo.

Apêndice F:

Diário de Bordo da Prática de Participação Acompanhada

Relatório de Prática de Observação Acompanhada		
Aula nº 7 a 14	Data: 29 de Outubro a 17 de Dezembro de 2014	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves		Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso		
Nota introdutória: Nesta fase caracterizada pela observação/reflexão mas também pela prática pedagógica, resultantes da reflexão da etapa anterior, determinou-se com o professor titular Mário Gonçalves, quais as dificuldades mais evidentes dos alunos e que competências poderiam/deveriam ser aprofundadas nas aulas. A abordagem nesta etapa de Estágio realizou-se no sentido de preparar os alunos para a apresentação a ser realizada no final do Período.		
Procedimentos: Todos os elementos da turma estiveram presentes neste período de aula; no entanto houve duas alunas que apenas assistiram às aulas por estarem lesionadas. As aulas iniciaram maioritariamente na hora estipulada, com exceção de raras exceções, em que os alunos saíram mais tarde da aula anterior e terminaram sempre à hora prevista.		
Síntese/planificação, processos e atividades: Numa fase final desta etapa de Estágio, a aula foi partilhada, assumindo os dois professores uma posição ativa durante todos os exercícios da aula o que permitiu uma união de esforços para a obtenção de resultados mais eficazes e coerentes, exercícios esses sempre enquadrados nos objetivos a atingir, com base nas competências definidas para este nível de ensino e com o objetivo de continuar o trabalho coreográfico. Os alunos tiveram autonomia criativa (partindo de um estímulo fornecido) para comporem as suas soluções, com base nos <i>feedbacks</i> e nas orientações dadas pelos professores que tiveram um importante papel na compreensão ou consciencialização nos conteúdos a serem		

explorados. A continuação do trabalho coreográfico seguiu a mesma linha orientadora que na etapa anterior. A lecionação deste bloco de aulas foi partilhado de forma muito definida e, por vezes, um professor dirigia e o outro observava ou, então, ambos interagiam com a turma, prevalecendo a cooperação entre ambos. Houve ainda um momento neste período dedicado à aprendizagem de uma sequência de movimentos, criada pela Professora Estagiária, que foi utilizada também na “Exposição sobre rodas”

Tanto nos momentos de improvisação como na parte da criação, os professores iam circulando e orientando cada aluno/grupo de trabalho.

Observações sobre os alunos/clima de sala de aula:

Houve sempre um clima favorável à aprendizagem, ao longo da Prática de Participação Acompanhada; no entanto assumiram sempre uma postura com poucas regras, revelando-se alunos faladores, desconcentrados e desatentos. Por outro lado estes são alunos maioritariamente criativos, com facilidade que em exercícios de improvisações, quer em exercícios de criação.

Maioritariamente os alunos dominaram bem os conteúdos do movimento nas suas criações, no entanto, fica a faltar a dimensão performativa, a projeção do movimento e a expressividade. Os corpos não estão prontos para começar nem terminar apresentações, já que estes não são capazes de terminar o movimento ou começar a coreografia partindo numa posição quieta. Há alguns alunos que se destacam pela positiva, quer pelo seu domínio técnico, quer pela sua criatividade, quer pela sua capacidade interpretativa. Por outro lado, há um aluno que se destaca claramente pela negativa: apresenta falta de empenho, dificuldades na memorização, pouca criatividade e pouco domínio dos conteúdos; além disso foi um elemento perturbador, ao longo de toda a aula.

Os alunos são motivados, interessados e disponíveis, tendo vontade de aprender, apresentando uma boa energia. Demonstraram ter sentido de grupo (observando as colegas e unindo-se na energia e na ação) com uma maior noção do outro e demonstraram ser um grupo unido, revelando valores como a colaboração, a cooperação e a interajuda. Conseguiram apreender a análise que as professoras foram fazendo ao longo das aulas, assimilar e reproduzir com muito mais qualidade. Foram adquirindo os conteúdos e desenvolvendo as competências definidas para este período de trabalho

Apêndice G:

Diário de Bordo da Prática de Lecionação Autônoma:

Relatório de Prática de Lecionação Autônoma	
Data: 7 de Janeiro a 3 de Junho de 2015	Ano: 5º vocacional de dança
Professor Titular: Mário Gonçalves	Horário: 16:20 às 17:50
Local: Academia de Música de Vilar do Paraíso	
Nota introdutória: Na fase de Lecionação Acompanhada, decidimos seguir a mesma linha de trabalho iniciada pelo professor titular, respeitando a sua estrutura de trabalho no que respeita os seus objetivos e a sua metodologia de ensino.	
Procedimentos: Todos os elementos da turma estiveram presentes neste período de aula. As aulas iniciaram maioritariamente na hora estipulada, com exceção de raras exceções, em que os alunos saíram mais tarde da aula anterior e terminaram sempre à hora prevista.	
Síntese/planificação, processos e atividades: Os alunos mostraram-se maioritariamente empenhados ao longo das aulas, cooperantes e trabalhadores, apesar de continuar a haver nas aulas demasiada “brincadeira” e dispersão. Prevaleceu uma grande proximidade e empatia com os alunos em geral, obtendo-se resultados positivos e ao mesmo tempo prevaleceu o respeito, quer pelo professor, colegas ou pelas regras de aula. Os alunos mostraram-se ainda disponíveis na marcação de novas aulas, fora do seu horário e levaram sempre material específico para a aula, sempre que solicitado. Esta fase do Estágio esteve diretamente ligada ao Processo de Composição Coreográfica sobre a Estética Desportiva. O objetivo final de todo o processo foi, tal como estava previsto, desenvolver um projeto criativo, partindo das técnicas e táticas do Futebol, Basquetebol e Atletismo. Foram abordados exercícios de improvisação e solicitados momentos de criação de sequências de movimento (micro estruturas coreográficas), numa exploração do gesto, da forma e do movimento livre e expressivo, fomentando sempre o	

desenvolvimento quer das Unidades temáticas específicas da Dança Criativa, quer o desenvolvimento da consciência da estrutura e formas de compor.

A apresentação da coreografia final, realizou-se dia 3 de Junho de 2015 na AMVP. O Para a concretização desta coreografia final foi incentivado o trabalho individual, mas foi dado grande ênfase à relação e ao trabalho de grupo, permitindo o desenvolvimento da cooperação, do respeito e interajuda.

Esta terceira fase de estágio ocorreu em quatro fases de atuação. A primeira fase foi direcionada para a modalidade de Futebol, a segunda para o Basquetebol e a terceira para o Atletismo. A última, e quarta etapa destinou-se ao desenvolvimento da composição coreográfica e à concretização dos respetivos ensaios com vista à apresentação pública final. Em cada uma das três fases iniciais houve sempre uma primeira aula prática, no campo desportivo exterior da Academia, tendo sido explorados com os alunos, alguns exercícios de exercitação da prática desportiva da modalidade destinada a essa fase. Esses exercícios foram selecionados com o intuito de dar a conhecer aos alunos aspetos técnicos e táticos específicos de cada modalidade desportiva. Entretanto e durante as restantes aulas práticas de Dança, na disciplina de TDCII, houve espaço quer para a improvisação/exploração de movimento com base na modalidade em causa, quer para a criação e reflexão do processo de criação em desenvolvimento. A seleção de momentos da aula para a observação e reflexão crítica das criações de sequências de movimento esteve presente em algumas aulas, ao longo do processo criativo.

Ao longo das aulas os alunos foram sendo cada vez menos dirigidos, privilegiando-se uma metodologia baseada em exercícios de improvisação.

Com vista a uma melhor consolidação de alguns exercícios/sequências, procedeu-se à sua repetição de uma aula para outra, para que os alunos tivessem oportunidade de os incorporar e memorizar, aprimorando-os e executando-os com maior segurança e, conseqüentemente, melhor qualidade técnica e expressividade.

Ao longo das aulas foi sempre promovida a correção e reflexão recorrendo-se à demonstração e ao visionamento do material filmado.

Os alunos mostraram-se muito disponíveis na marcação de ensaios extra para a consolidação da coreografia realizada, que foi apresentada dia 3 de Junho na Academia.

Observações sobre os alunos/clima de sala de aula:

Os alunos demonstraram grande motivação em relação à temática e houve uma grande entrega ao longo do processo criativo.

Por outro lado, demonstraram falta de concentração e atenção, revelando-se alunos muito faladores.

Prevaleceu um bom ambiente e companheirismo entre colegas e a uma relação de abertura e confiança com a professora estagiária. A maioria dos alunos apresenta uma boa noção de musicalidade, percebendo com alguma facilidade a dinâmica inerente à mesma e sua possibilidade de relação com o movimento, são criativos e revelam uma boa capacidade de improvisação/criação. Conhecem as Unidades temáticas de movimento e recorrem a diferente vocabulário de movimento nas suas criações. São maioritariamente criativos tendo uma positiva noção das etapas e formas de composição. Por outro lado, alguns alunos devem melhorar a sua espontaneidade e aprender a libertarem-se mais, desprendendo-se da timidez e da vergonha. Podem ainda melhorar a coordenação movimento/respiração, a projeção do olhar e em manter a intenção. Revelaram-se alunos ágeis e desenrascados, com poder de iniciativa e bastante autónomos. Demonstraram-se também responsáveis na medida em que ensaiavam as sequências fora das aulas e cumpriam as solicitações feitas pela Professora. Tem facilidade em interagir entre eles e revelam boas qualidades técnicas. Ao longo do ano foram desenvolvendo competências como o escutar, o perceber e o sentir.

Os alunos adquiriram e consolidaram as competências criativas previstas para o 5º Vocacional, alargando os seus limites de criação e as suas capacidades interpretativas, terminando todos os alunos, à exceção de um com uma avaliação qualitativa de Bom, no final do 3º período.

ANEXOS:

Anexo A :

Legislação inerente ao Ensino Vocacional Artístico de dança do 2º e 3º ciclos

3916

Diário da República, 1.ª série—N.º 146—30 de julho de 2012

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Decreto do Presidente da República n.º 107/2012

de 30 de julho

O Presidente da República decreta, nos termos do artigo 133.º, alínea b), da Constituição, o seguinte:

É fixado, de harmonia com o artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 267/80, de 8 de agosto, na redação dada pela Lei Orgânica n.º 2/2000, de 14 de julho, o dia 14 de outubro de 2012 para a eleição dos deputados à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

Assinado em 25 de julho de 2012.

Publique-se.

O Presidente da República, ANÍBAL CAVACO SILVA.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Portaria n.º 225/2012

de 30 de julho

O Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos do ensino básico, reforçando, entre outros aspetos, a autonomia pedagógica e organizativa das escolas. Introduziu-se uma maior flexibilidade na organização das atividades letivas, designadamente na definição da duração, no tempo a atribuir a cada disciplina, dentro de limites estabelecidos — um mínimo por disciplina e um total de carga curricular a cumprir.

Importa então harmonizar, em conformidade, os planos de estudo dos cursos de ensino artístico especializado de nível básico, criados pela Portaria n.º 691/2009, de 25 de junho, alterada pela Portaria n.º 267/2011, de 15 de setembro, de forma a valorizar a especificidade curricular do ensino artístico especializado, assegurando uma carga horária equilibrada na qual, progressivamente, predomine a componente artística especializada.

Assim:

Ao abrigo do n.º 2 dos artigos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º, todos do Decreto-Lei n.º 310/83, de 1 de julho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 352/93, de 7 de outubro, e pelo Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, dos artigos 1.º, 11.º e 13.º do Decreto-Lei n.º 344/90, de 2 de novembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, e do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, manda o Governo, pela Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, o seguinte:

Artigo 1.º

Objeto e âmbito

1 — O presente diploma cria o Curso Básico de Dança, o Curso Básico de Música e o Curso Básico de Canto Gregoriano dos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e aprova os respetivos planos de estudo, constantes dos anexos I a VI da presente portaria, do qual fazem parte integrante.

2 — O presente diploma estabelece ainda o regime relativo à organização, funcionamento, avaliação e certificação dos cursos referidos no número anterior, bem como o regime de organização das iniciações em Dança e em Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

3 — As disposições constantes no presente diploma aplicam-se aos estabelecimentos de ensino público, particular e cooperativo.

Artigo 2.º

Organização do currículo

1 — Os planos de estudo integram:

a) Áreas disciplinares e disciplinas de formação geral, de acordo com o Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, que visam contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos alunos;

b) Áreas disciplinares e disciplinas de formação vocacional que visam desenvolver o conjunto de conhecimentos a adquirir e capacidades a desenvolver inerentes à especificidade do curso em que se insere;

c) Carga horária semanal mínima de cada uma das disciplinas;

d) Carga horária total a cumprir.

2 — Nos cursos básicos da área da Música são ministrados os instrumentos que constam do anexo VII da presente portaria, da qual faz parte integrante, sem prejuízo de outros poderem vir a ser lecionados, na sequência de proposta devidamente fundamentada formulada pelos estabelecimentos de ensino e homologada pelo membro do Governo responsável pela área da educação.

3 — Nos termos do disposto nas alíneas b) e c) do n.º 7 do artigo 9.º, e no âmbito da disciplina de Instrumento pode igualmente ser lecionado Canto.

4 — As cargas horárias dos planos de estudo são estabelecidas em função da natureza das disciplinas e das condições existentes na escola, em conformidade com o disposto nos anexos I a VI.

5 — Os conhecimentos e capacidades a adquirir e a desenvolver, no âmbito das componentes do currículo previstas na alínea a) do n.º 1, têm como referência os programas e as metas curriculares das disciplinas e áreas disciplinares em vigor para o ensino básico geral.

6 — Os programas e as metas curriculares das disciplinas que integram a componente de formação vocacional, à exceção da disciplina de Oferta Complementar, são homologados por despacho do membro do Governo responsável pela área da educação.

Artigo 3.º

Organização das iniciações no 1.º ciclo

1 — As iniciações em Dança e em Música destinam-se a alunos que frequentem o 1.º ciclo do ensino básico e têm uma duração global mínima de 135 minutos semanais.

2 — As iniciações em Dança integram disciplinas de conjunto como Técnica de Dança Clássica, Técnica de Dança Contemporânea e ou Dança Criativa.

3 — As iniciações em Música integram disciplinas de conjunto como Classes de Conjunto e Formação Musical e a disciplina de Instrumento, esta última com a duração mínima de 45 minutos, lecionada individualmente ou em grupos que não excedam os quatro alunos.

Artigo 4.º

Regimes de frequência

1 — Os Cursos Básicos de Dança, de Música e de Canto Gregoriano são frequentados em regime integrado, num

estabelecimento de ensino, ou em regime articulado, em dois estabelecimentos de ensino.

2 — Os Cursos Básicos de Música e de Canto Gregoriano podem ainda ser frequentados em regime supletivo, num estabelecimento de ensino, sendo a sua frequência restrita à componente de formação vocacional dos planos de estudo constantes dos anexos III a VI da presente portaria, da qual fazem parte integrante.

3 — Para efeitos do número anterior, é aplicada a tabela de correspondência entre o ano de escolaridade dos Cursos Básicos de Música e de Canto Gregoriano e o grau das disciplinas da componente de formação vocacional que integra os respetivos planos de estudo constante do anexo VIII à presente portaria, da qual faz parte integrante.

Artigo 5.º

Gestão do currículo

1 — Ao abrigo da sua autonomia as escolas organizam os tempos letivos na unidade que considerem mais conveniente, desde que respeitem as cargas horárias semanais, constantes dos anexos I a VI, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

2 — A organização dos planos de estudo obedece às seguintes regras de gestão de tempos letivos:

a) O tempo de reforço semanal de 45 minutos, de aplicação facultativa na área disciplinar de formação vocacional, pode ser utilizado em atividades de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas e gerido por período letivo;

b) Os tempos apresentados para as áreas disciplinares e ou disciplinas não vocacionais correspondem, salvo no que respeita à disciplina de Educação Moral e Religiosa, a tempos mínimos semanais;

c) Não podem ser aplicados apenas os mínimos, em simultâneo, em todas as áreas disciplinares e disciplinas, abrangidas pela alínea anterior, sem prejuízo de poderem ser feitos ajustes de compensação entre semanas;

d) Os ajustes de tempo que venham a ser necessários nas áreas disciplinares e ou disciplinas abrangidas pelas alíneas anteriores de modo a cumprir o total de tempo mínimo definido nos planos de estudo é determinado pela escola de ensino básico geral, quando o curso seja frequentado em regime articulado.

Artigo 6.º

Oferta Complementar

1 — Na componente de formação vocacional dos 2.º e 3.º ciclos do Curso Básico de Dança e do 3.º ciclo do Curso Básico de Música é dada às escolas de ensino artístico especializado a possibilidade de criarem disciplinas de Oferta Complementar, que podem ser anuais, bienais ou trienais.

2 — As disciplinas de Oferta Complementar anuais e bienais podem, consoante as suas características e a sua integração no currículo, ser lecionadas em qualquer dos anos de escolaridade do ciclo em que se integram.

3 — As disciplinas criadas devem ser harmonizadas com o projeto curricular de escola, integrado no respetivo projeto educativo, e ter uma natureza complementar relativamente às outras disciplinas da componente de formação vocacional do plano de estudo.

4 — As escolas devem informar a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, I. P. (ANQEP, I. P.), da proposta de disciplinas de Oferta Complementar que

pretendem oferecer, nos termos e condições constantes de orientações a transmitir por aquele organismo.

Artigo 7.º

Matrícula e renovação de matrícula

1 — A matrícula e sua renovação nos Cursos Básicos de Dança, de Música e de Canto Gregoriano regem-se pelas disposições aplicáveis ao ensino básico geral, com as especificidades constantes da presente portaria.

2 — Considera-se matrícula o ingresso pela primeira vez no Curso Básico de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano, bem como aquele que é efetuado após um ou mais anos sem que o aluno tenha efetuado a renovação da matrícula.

3 — A matrícula num dos cursos frequentado em regime de ensino articulado é efetuada nos dois estabelecimentos de ensino que ministram o plano de estudo correspondente.

4 — No caso referido no número anterior, no ato da matrícula ou da renovação da matrícula efetuada no estabelecimento de ensino que ministra as áreas disciplinares não vocacionais deve ser apresentado documento comprovativo da matrícula ou da renovação da matrícula efetuada no estabelecimento de ensino que ministra a componente de formação vocacional.

5 — As escolas de ensino básico geral devem aceitar os alunos que se matriculem nos Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano em regime articulado em escolas do ensino artístico especializado com as quais tenham estabelecido protocolo, independentemente da área de residência dos seus encarregados de educação e sem prejuízo da aplicação dos demais critérios de distribuição de alunos estabelecidos em regulamentação própria.

Artigo 8.º

Admissão de alunos

1 — Podem ser admitidos nos Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano os alunos que ingressem no 5.º ano de escolaridade.

2 — Para admissão à frequência dos Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano é realizada uma prova de seleção aplicada pelo estabelecimento de ensino responsável pela componente de formação vocacional.

3 — O resultado obtido, na prova referida no número anterior, tem carácter eliminatório.

4 — O modelo da prova de seleção e as regras da sua aplicação são aprovados e divulgados pela ANQEP, I. P.

5 — Podem ser igualmente admitidos alunos em qualquer dos anos dos Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano lecionados em regime integrado ou articulado, desde que, através da realização de provas específicas, o estabelecimento de ensino que ministra a componente de formação vocacional ateste que o aluno tem, em todas as disciplinas daquela componente, os conhecimentos e capacidades necessários à frequência do ano/grau correspondente ou mais avançado relativamente ao ano de escolaridade que o aluno frequenta.

6 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, excepcionalmente, podem ser admitidos alunos nos Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano em regime de ensino integrado/articulado, nos 6.º, 7.º ou 8.º anos de escolaridade desde que o desfasamento entre o ano de escolaridade frequentado e o ano/grau de qualquer

das disciplinas da componente de formação vocacional não seja superior a um ano e mediante a elaboração de planos especiais de preparação e recuperação que permitam a progressão nas disciplinas da componente de formação vocacional, com vista à superação do desfasamento existente no decurso do ano letivo a frequentar.

7 — Podem ser admitidos alunos em qualquer dos anos dos Cursos Básicos de Música ou de Canto Gregoriano lecionados em regime supletivo, desde que, através da realização de provas específicas, o estabelecimento de ensino ateste que o aluno tem, em qualquer das disciplinas da componente de formação vocacional, os conhecimentos e capacidades necessários à frequência em grau com desfasamento anterior não superior a dois anos relativamente ao ano de escolaridade que o aluno frequenta.

8 — Podem ser admitidos alunos, em regime supletivo, em condições distintas das expressas no número anterior, desde que os mesmos não sejam alvo de financiamento público.

9 — Mediante o reconhecimento do carácter de excepcionalidade do aluno pelo estabelecimento de ensino responsável pela leção da componente de formação vocacional, os alunos que, embora não tendo ainda concluído o 9.º ano de escolaridade, tenham obtido aprovação em todas as disciplinas da componente da formação vocacional dos Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano e desde que cumpridas as demais normas de acesso aplicáveis, podem frequentar, em regime integrado ou articulado, disciplinas dos cursos de nível secundário nas áreas da Dança e da Música.

10 — Nos casos previstos no número anterior, o aluno deve frequentar, no mínimo, três disciplinas das componentes de formação científica ou técnica-artística do plano de estudos do curso de nível secundário.

Artigo 9.º

Constituição de turmas e organização dos tempos escolares

1 — As turmas devem ser, prioritariamente, constituídas apenas por alunos que frequentam os Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano, em regime integrado ou articulado.

2 — Para efeitos do disposto no número anterior, as escolas do ensino básico geral devem integrar na mesma turma os alunos que frequentam, em regime integrado ou articulado, os Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano.

3 — Esgotadas todas as hipóteses de constituição de turmas, os alunos matriculados nos Cursos Básicos de Dança, de Música e de Canto Gregoriano em regime integrado ou articulado podem integrar outras turmas não exclusivamente constituídas por alunos do ensino artístico especializado, devendo, nesse caso, frequentar as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com a carga letiva adotada pela escola de ensino geral.

4 — Sob proposta dos estabelecimentos de ensino, pode ser excepcionalmente autorizada, mediante requerimento do órgão competente de direção ou gestão da escola dirigido aos serviços do Ministério da Educação e Ciência territorialmente competentes, a constituição de turmas, abrangidas pelo n.º 1 do presente artigo, com um número de alunos inferior ao previsto em regulamentação própria.

5 — Os horários das turmas devem ser elaborados permitindo que os alunos não fiquem sujeitos a tempos não

letivos intercalares, com exceção dos que correspondem ao período da refeição.

6 — Para efeitos do disposto no número anterior, as escolas do ensino básico geral articulam a elaboração dos horários com o estabelecimento de ensino responsável pela componente de formação vocacional.

7 — A organização dos tempos escolares da componente de formação vocacional dos Cursos Básicos de Música e de Canto Gregoriano deve tomar em consideração as seguintes regras:

a) É autorizado o desdobramento em dois grupos na disciplina de Formação Musical, exceto quando o número de alunos da turma seja igual ou inferior a 15.

b) A disciplina de Instrumento do Curso Básico de Música pode ser organizada para que metade da carga horária semanal atribuída seja lecionada individualmente, podendo a outra metade ser lecionada a grupos de dois alunos ou repartida entre eles, ou a totalidade da carga horária semanal atribuída é lecionada a grupos de dois alunos, podendo, por questões pedagógicas ou de gestão de horários, ser repartida igualmente entre eles.

c) Excepcionalmente pode ser autorizado, mediante requerimento do órgão competente de gestão ou direção da escola dirigido aos serviços do Ministério da Educação e Ciência territorialmente competentes, o funcionamento da disciplina de Instrumento em termos diferentes dos previstos na alínea b).

d) As disciplinas de Iniciação à Prática Vocal e de Prática Vocal do Curso Básico de Canto Gregoriano são lecionadas a grupos de dois a cinco alunos e a disciplina de Prática Instrumental é lecionada individualmente.

e) Podem ser lecionadas em simultâneo a alunos de diferentes anos/graus disciplinas cuja natureza pode implicar a integração de alunos provenientes de diversos níveis e ou regimes de frequência.

Artigo 10.º

Avaliação da aprendizagem

1 — A avaliação do aproveitamento escolar dos alunos dos Cursos Básicos de Dança, de Música e de Canto Gregoriano rege-se de acordo com as normas gerais aplicáveis ao ensino básico geral e pelas especificidades previstas na presente portaria.

2 — Os dois estabelecimentos de ensino envolvidos na leção dos planos de estudo dos cursos frequentados em regime articulado devem estabelecer os mecanismos necessários para efeitos de articulação pedagógica e de avaliação.

3 — A progressão nas disciplinas da componente de formação vocacional é independente da progressão de ano de escolaridade.

4 — O aproveitamento obtido nas disciplinas da componente de formação vocacional não é considerado para efeitos de retenção de ano no ensino básico geral, ou de admissão às provas finais de 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, a realizar nos 6.º e 9.º anos de escolaridade.

5 — A retenção, em qualquer dos anos de escolaridade, de um aluno que frequenta o Curso Básico de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano não impede a sua progressão na componente de formação vocacional.

6 — A obtenção, no final do terceiro período letivo, de nível inferior a 3, em qualquer das disciplinas da componente de formação vocacional dos Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano impede a pro-

KERSLEY / SINCLAIR (1997), [4.ª Ed.] *A Dictionary of Ballet Terms*, A & C

Pressão nessas disciplinas, sem prejuízo da progressão nas restantes disciplinas daquela componente.

7 — Os alunos que frequentam os Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano, em regime integrado ou articulado, e apresentem um desfasamento entre o ano de escolaridade que frequentam no ensino básico e os anos/graus que frequentam em disciplinas da componente de formação vocacional que funcionem em regime de turma podem, por decisão do estabelecimento de ensino artístico especializado, integrar o ano/graus dessa disciplina correspondente ao ano de escolaridade frequentado, sem prejuízo da necessidade de realização da prova constante do artigo 11.º

8 — O estabelecimento de ensino artístico especializado pode adotar medidas de apoio e complemento educativo aos alunos dos Cursos Básicos de Dança, de Música e de Canto Gregoriano frequentados em regime integrado ou articulado que não tiverem adquirido os conhecimentos essenciais em qualquer das disciplinas da componente de formação vocacional, de modo a permitir a progressão nessas disciplinas e a superar o desfasamento existente no decurso do ano letivo a frequentar.

Artigo 11.º

Provas para transição de ano/graus

1 — Os alunos dos Cursos Básicos de Dança, de Música e de Canto Gregoriano podem requerer, ao órgão competente de gestão ou direção do estabelecimento de ensino que ministra a componente de formação vocacional, a realização de provas de avaliação para transição de ano ou grau em disciplinas que integram aquela componente.

2 — As provas referidas no número anterior incidem sobre todo o programa do ano de escolaridade anterior àquele a que o aluno se candidata.

3 — Compete ao estabelecimento de ensino responsável pela componente de formação vocacional definir as regras, que constam no respetivo regulamento interno, a que deve obedecer a realização de provas de avaliação para a transição de ano/graus.

Artigo 12.º

Provas globais

1 — A avaliação das disciplinas de 6.º ano/2.º grau e 9.º ano/5.º grau, da componente de formação vocacional, pode incluir a realização de provas globais cuja ponderação não pode ser superior a 50 % no cálculo da classificação final da disciplina, sendo obrigatória nas disciplinas de Técnicas de Dança, Instrumento, Iniciação à Prática Vocal e Prática Vocal.

2 — A realização das provas globais, referidas no número anterior, deve ocorrer dentro do calendário escolar previsto para este nível de ensino, podendo ainda decorrer dentro dos limites da calendarização definida para a realização de provas finais e exames de equivalência à frequência e desde que em datas não coincidentes com provas, de âmbito nacional, que os alunos pretendam realizar.

3 — O departamento curricular competente ou estrutura equivalente deve propor ao conselho pedagógico ou equivalente a informação sobre as provas globais, da qual conste o objeto de avaliação, as características e estrutura da prova, os critérios gerais de classificação, o material permitido e a duração da mesma.

4 — Após a sua aprovação, a informação sobre as provas globais é afixada em lugar público da escola no decurso do 1.º período letivo.

5 — A não realização da prova global por motivos excecionais, devidamente comprovados, dá lugar à marcação de nova prova, desde que o encarregado de educação do aluno tenha apresentado a respetiva justificação ao órgão competente de gestão e direção da escola, no prazo de dois dias úteis a contar da data da sua realização, e a mesma tenha sido aceite pelo referido órgão.

Artigo 13.º

Condições especiais e restrições de matrícula

1 — Os alunos que frequentam os Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano em regime integrado ou articulado têm de abandonar este regime de frequência quando não consigam superar o desfasamento previsto no n.º 6 do artigo 8.º ou no n.º 8 do artigo 10.º da presente portaria.

2 — Os alunos que frequentam os Cursos Básicos de Música ou de Canto Gregoriano, em regime supletivo, ficam impedidos de renovar a matrícula neste regime de frequência quando o desfasamento referido no número anterior, em qualquer das disciplinas da componente de formação vocacional relativamente ao ano de escolaridade que frequentam, seja superior a dois anos.

3 — Os alunos que frequentam os Cursos Básicos de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano ficam impedidos de renovar a matrícula quando:

a) Não obtenham aproveitamento, em dois anos consecutivos, em qualquer das seguintes disciplinas: Técnicas de Dança, Formação Musical, Instrumento, Classes de Conjunto, Iniciação à Prática Vocal ou Prática Vocal;

b) Não obtenham aproveitamento em dois anos interpolados em qualquer das seguintes disciplinas: Técnicas de Dança, Instrumento, Iniciação à Prática Vocal ou Prática Vocal;

c) Não obtenham aproveitamento em duas disciplinas da componente de formação vocacional no mesmo ano letivo;

d) Se verifique a manutenção da situação do incumprimento do dever de assiduidade por parte do aluno, uma vez cumpridos por parte do estabelecimento de ensino os procedimentos inerentes à ultrapassagem do limite de faltas injustificadas previsto na lei.

4 — Para efeitos do disposto nas alíneas a) e b) do número anterior, é tomado em consideração o aproveitamento obtido, independentemente de poder ter ocorrido alteração do regime de frequência do curso em algum dos anos.

5 — Os alunos que, por motivo de força maior devidamente comprovado, se encontrem numa das situações referidas nas alíneas a), b) e c) do n.º 3 do presente artigo podem renovar a matrícula no Curso Básico de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano, mediante requerimento apresentado ao órgão competente de gestão ou direção do estabelecimento de ensino que ministra a componente de formação vocacional, desde que tal seja aprovado pelo conselho pedagógico ou equivalente.

Artigo 14.º

Conclusão e certificação

1 — Os alunos que concluem com aproveitamento o Curso Básico de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano têm direito a um diploma e a um certificado.

2 — Os alunos que frequentam o Curso Básico de Música ou de Canto Gregoriano, em regime supletivo, que obtenham aproveitamento em todas as disciplinas da componente de formação vocacional têm direito a um diploma e certificado dos referidos cursos mediante comprovativo da certificação do 9.º ano de escolaridade.

3 — Para os alunos em regime integrado ou articulado, a certificação da conclusão do ensino básico pode ser feita independentemente da conclusão das disciplinas da componente de formação vocacional, de acordo com a regulamentação em vigor para aquele nível de ensino.

4 — A conclusão de um Curso Básico de Dança, de Música ou de Canto Gregoriano implica a obtenção de nível igual ou superior a 3 em todas as disciplinas da componente de formação vocacional.

5 — A pedido dos interessados podem ainda ser emitidas, em qualquer momento do percurso escolar do aluno, certidões das habilitações adquiridas, as quais devem discriminar as disciplinas concluídas e os respetivos resultados de avaliação.

6 — A emissão do diploma, do certificado e das certidões referidas nos números anteriores é da competência:

a) Da escola pública ou particular e cooperativa com autonomia pedagógica, responsável pela componente de formação vocacional;

b) Da escola pública de vinculação, no caso da componente de formação vocacional ser ministrada numa escola do ensino particular e cooperativo com paralelismo pedagógico.

7 — Para efeitos do disposto no número anterior, deve a escola ser detentora de toda a informação relativa ao percurso escolar do aluno.

Artigo 15.º

Nível de qualificação dos cursos básicos

Os cursos básicos criados ao abrigo da presente portaria conferem o nível 2 do Quadro Nacional de Qualificações, regulamentado pela Portaria n.º 782/2009, de 23 de julho.

Artigo 16.º

Disposições transitórias

1 — Os alunos que reúnam as condições de renovação de matrícula, de acordo com a legislação em vigor no ano letivo 2011/2012, devem inscrever-se, no ano letivo 2012/2013, nas disciplinas da componente de formação vocacional, no ano ou grau imediatamente subsequente

ao último frequentado e desde que tenham obtido nível igual ou superior a 3 ou no ano ou grau em cuja frequência obtiveram nível inferior a 3.

2 — Até à homologação referida no n.º 6 do artigo 2.º, aplicam-se os programas atualmente em vigor com ajustamentos caso necessário.

Artigo 17.º

Norma revogatória

São revogados:

a) A Portaria n.º 691/2009, de 25 de junho, com as alterações introduzidas pela Portaria n.º 267/2011, de 15 de setembro;

b) A Portaria n.º 264/2010, de 10 de maio;

c) A Portaria n.º 36/2011, de 13 de janeiro;

d) O Despacho n.º 92/MEC/86, de 20 de maio;

e) O despacho n.º 25549/99, de 27 de dezembro;

f) O despacho n.º 18041/2008, de 4 de julho, retificado pela declaração de retificação n.º 138/2009, de 20 de janeiro.

Artigo 18.º

Produção de efeitos

A presente portaria produz efeitos a partir do ano letivo de 2012/2013.

A Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, *Isabel Maria Cabrita de Araújo Leite dos Santos Silva*, em 17 de julho de 2012.

ANEXO I

Curso Básico de Dança — 2.º Ciclo

(a que se referem os artigos 1.º, 2.º e 5.º)

Parte A

No âmbito da sua autonomia, as escolas têm liberdade de organizar os tempos letivos na unidade que considerem mais conveniente desde que respeitem as cargas horárias semanais constantes do quadro infra. Os tempos apresentados correspondem aos tempos mínimos por área disciplinar e disciplinas, pelo que não podem ser aplicados apenas os mínimos, em simultâneo, em todas as disciplinas. O tempo a cumprir é realizado pelo somatório dos tempos alocados às diversas disciplinas, podendo ser feitos ajustes de compensação entre semanas:

Componentes do currículo	Carga horária semanal (a) (b)		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Áreas disciplinares			
Línguas e Estudos Sociais	(c) 500	(c) 500	1000
Português.			
Inglês.			
História e Geografia de Portugal.			
Matemática e Ciências	(d) 350	(d) 350	700
Matemática.			
Ciências Naturais.			
Educação Visual	90	90	180

Componentes do currículo	Carga horária semanal (a) (b)		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Formação Vocacional	630	630	1260
Técnicas de Dança (e)	450	450	900
Música	90	90	180
Expressão Criativa	90	90	180
Educação Moral e Religiosa (f)	(45)	(45)	(90)
(g)	(45)	(45)	(90)
Tempo a cumprir (h)	1665/1710 (1710/1755)	1665/1710 (1710/1755)	3330/3420 (3420/3510)
Oferta Complementar (i)	(90)	(90)	(180)

(a) Carga letiva semanal em minutos referente a tempo útil de aula, ficando ao critério de cada escola a distribuição dos tempos pelas diferentes disciplinas de cada área disciplinar, dentro dos limites estabelecidos — mínimo por área disciplinar e total por ano ou ciclo.

(b) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com a carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

(c) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Português.

(d) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Matemática.

(e) Sob a designação de Técnicas de Dança incluem-se as seguintes técnicas: Técnica de Dança Clássica e Técnica de Dança Contemporânea. De acordo com o seu projeto pedagógico, os estabelecimentos de ensino artístico especializado podem desenvolver mais aprofundadamente uma das técnicas de dança, contudo devem assegurar o desenvolvimento das capacidades de base específicas das várias técnicas. Atendendo à sua natureza, a disciplina pode ser lecionada por mais de um professor, desde que tal não implique, no somatório dos horários dos professores da disciplina, mais que a carga letiva prevista para a leção da mesma.

(f) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos.

(g) Contempla mais 45 minutos de oferta facultativa, a serem utilizados na componente de formação vocacional, em atividades de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo esta carga letiva global ser gerida por período letivo.

(h) Se, da distribuição das cargas letivas das componentes de formação não vocacional, em tempos letivos semanais, resultar uma carga letiva inferior ao total de tempo mínimo a cumprir, subtraído o tempo semanal a cumprir na componente de formação vocacional, o tempo sobranete é utilizado no reforço de atividades letivas da turma nas componentes de formação não vocacional, pela escola de ensino básico geral, quando a frequência ocorrer em regime articulado.

(i) A carga letiva indicada corresponde à carga máxima da disciplina da componente de formação vocacional, podendo ser também aplicada na leção de duas disciplinas de Oferta Complementar. Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola. Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga letiva correspondente não é transferível para outras disciplinas.

Parte B

O plano de estudos apresenta, para referência e para efeito exemplificativo, a carga horária semanal organizada em períodos de 45 minutos, assumindo a sua distribuição semanal e por anos de escolaridade um caráter indicativo para as escolas:

Componentes do currículo	Carga horária semanal (a) (b)		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Áreas disciplinares			
Línguas e Estudos Sociais	(c) 12	(c) 12	24
Português.			
Inglês.			
História e Geografia de Portugal.			
Matemática e Ciências	(d) 9	(d) 9	18
Matemática.			
Ciências Naturais.			
Educação Visual	2	2	4
Formação Vocacional	14	14	28
Técnicas de Dança (e)	10	10	20
Música	2	2	4
Expressão Criativa	2	2	4
Educação Moral e Religiosa (f)	(1)	(1)	(2)
(g)	(1)	(1)	(2)
Tempo a cumprir	37/38 (38/39)	37/38 (38/39)	74/76 (76/78)
Oferta Complementar (h)	(2)	(2)	(4)

(a) A carga horária semanal refere-se ao tempo útil de aula e está organizada em períodos de 45 minutos, ficando ao critério de cada escola o estabelecimento de outra unidade com a consequente adaptação aos limites estabelecidos.

(b) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com a carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

(c) Do total da carga, no mínimo, 6 x 45 minutos para Português.

(d) Do total da carga, no mínimo, 6 x 45 minutos para Matemática.

(e) Sob a designação de Técnicas de Dança incluem-se as seguintes técnicas: Técnica de Dança Clássica e Técnica de Dança Contemporânea. De acordo com o seu projeto pedagógico, os estabelecimentos de ensino artístico especializado podem desenvolver mais aprofundadamente uma das técnicas de dança, contudo devem assegurar o desenvolvimento das capacidades de base específicas das várias técnicas. Atendendo à sua natureza, a disciplina pode ser lecionada por mais de um professor, desde que tal não implique, no somatório dos horários dos professores da disciplina, mais que a carga letiva prevista para a leção da mesma.

(f) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos.

(g) Contempla mais um tempo letivo semanal de oferta facultativa, a ser utilizado na componente de formação vocacional, em atividades de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo a sua carga horária global ser gerida por período letivo.

(h) A carga horária indicada corresponde à carga horária máxima da disciplina da componente de formação vocacional, podendo ser também lecionada em 45 minutos, ou a carga máxima indicada ser aplicada na leção de duas disciplinas de Oferta Complementar. Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola. Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga horária correspondente não é transferível para outras disciplinas.

ANEXO II

Curso Básico de Dança — 3.º Ciclo

(a que se referem os artigos 1.º, 2.º e 5.º)

Parte A

No âmbito da sua autonomia, as escolas têm liberdade de organizar os tempos letivos na unidade que considerem mais conveniente desde que respeitem as cargas horárias semanais constantes do quadro infra. Os tempos apresentados correspondem aos tempos mínimos por área disciplinar e disciplinas, pelo que não podem ser aplicados apenas os mínimos, em simultâneo, em todas as disciplinas. O tempo a cumprir é realizado pelo somatório dos tempos alocados às diversas disciplinas, podendo ser feitos ajustes de compensação entre semanas:

Componentes do currículo	Carga horária semanal (a) (b)			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do ciclo
Áreas disciplinares				
Português	200	200	200	600
Línguas Estrangeiras	225	225	225	675
Inglês. Língua Estrangeira II.				
Ciências Humanas e Sociais	200	200	225	625
História. Geografia				
Matemática	200	200	200	600
Ciências Físicas e Naturais	225	225	225	675
Ciências Naturais. Físico-Química.				
Educação Visual (c)	(90)	(90)	(90)	(270)
Formação Vocacional	720	810	990	2520
Técnicas de Dança (d) (e)	540	630	900	2070
Música	90	90	90	270
Práticas Complementares de Dança (e) (f)	90	90	-	180
Educação Moral e Religiosa (g)	(45)	(45)	(45)	(135)
(h)	(45)	(45)	(45)	(135)
Tempo a cumprir (i)	1845/1980 (1890/2025)	1935/2070 (1980/2115)	2115/2250 (2160/2295)	5895/6300 (6030/6435)
Oferta Complementar (j)	(90)	(90)	(90)	(270)

(a) Carga letiva semanal em minutos referente a tempo útil de aula, ficando ao critério de cada escola a distribuição dos tempos pelas diferentes disciplinas de cada área disciplinar, dentro dos limites estabelecidos — mínimo por área disciplinar e total por ano ou ciclo.

(b) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com a carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

(c) Disciplina de frequência facultativa, mediante decisão do encarregado de educação — e de acordo com as concretas possibilidades da escola — a tomar no momento de ingresso no Curso Básico de Dança do 3.º ciclo regulado pelo presente diploma. A opção tomada deve manter-se até ao final do ciclo.

(d) Sob a designação de Técnicas de Dança incluem-se as seguintes técnicas: Técnica de Dança Clássica e Técnica de Dança Contemporânea. De acordo com o seu projeto pedagógico, os estabelecimentos de ensino artístico especializado podem desenvolver mais aprofundadamente uma das técnicas de dança, contudo deverão assegurar o desenvolvimento das capacidades de base específicas das várias técnicas.

(e) Atendendo à sua natureza, a disciplina pode ser lecionada por mais de um professor, desde que tal não implique, no somatório dos horários dos professores da disciplina, mais que a carga letiva prevista para a leção da mesma.

(f) A carga letiva semanal da disciplina de Práticas Complementares de Dança pode ser reduzida para 45 minutos, sendo o tempo letivo remanescente gerido de forma flexível pela escola, dentro do mesmo período letivo. Esta alteração deve constar do horário dos alunos e ser dada a conhecer aos encarregados de educação.

(g) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos.

(h) Contempla mais 45 minutos de oferta facultativa, a serem utilizados na componente de formação vocacional, em atividades de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo esta carga letiva global ser gerida por período letivo.

(i) Se, da distribuição das cargas horárias das componentes de formação não vocacional, em tempos letivos semanais, resultar uma carga letiva inferior ao total de tempo mínimo a cumprir, subtraído o tempo semanal a cumprir na componente de formação vocacional, o tempo sobranete é utilizado no reforço de atividades letivas da turma nas componentes de formação não vocacional, pela escola de ensino básico geral, quando a frequência ocorrer em regime articulado.

(j) A carga letiva indicada corresponde à carga máxima da disciplina da componente de formação vocacional, podendo ser também aplicada na leção de duas disciplinas de Oferta Complementar. Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola. Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga letiva correspondente não é transferível para outras disciplinas.

Parte B

O plano de estudos apresenta, para referência e para efeito exemplificativo, a carga horária semanal organizada em períodos de 45 minutos, assumindo a sua distribuição semanal e por anos de escolaridade um caráter indicativo para as escolas:

Componentes do currículo	Carga horária semanal (a) (b)			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do ciclo
Áreas disciplinares				
Português	5	5	5	15
Línguas Estrangeiras	5	5	5	15
Inglês. Língua Estrangeira II.				
Ciências Humanas e Sociais	5	5	5	15
História. Geografia.				
Matemática	5	5	5	15
Ciências Físicas e Naturais	5	5	5	15
Ciências Naturais. Físico-Química.				
Educação Visual (c)	(2)	(2)	(2)	(6)
Formação Vocacional	16	18	22	56
Técnicas de Dança (d) (e)	12	14	20	46
Música	2	2	2	6
Práticas Complementares de Dança (e) (f)	2	2	-	4
Educação Moral e Religiosa (g)	(1)	(1)	(1)	(3)
(h)	(1)	(1)	(1)	(3)
Tempo a cumprir	41/44 (42/45)	43/46 (44/47)	47/50 (48/51)	131/140 (134/143)
Oferta Complementar (i)	(2)	(2)	(2)	(6)

(a) A carga horária semanal refere-se ao tempo útil de aula e está organizada em períodos de 45 minutos, ficando ao critério de cada escola o estabelecimento de outra unidade com a consequente adaptação aos limites estabelecidos.

(b) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com a carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

(c) Disciplina de frequência facultativa, mediante decisão do encarregado de educação — e de acordo com as concretas possibilidades da escola — a tomar no momento de ingresso no Curso Básico de Dança do 3.º ciclo regulado pelo presente diploma. A opção tomada deve manter-se até ao final do ciclo.

(d) Sob a designação de Técnicas de Dança incluem-se as seguintes técnicas: Técnica de Dança Clássica e Técnica de Dança Contemporânea. De acordo com o seu projeto pedagógico, os estabelecimentos de ensino artístico especializado podem desenvolver mais aprofundadamente uma das técnicas de dança, contudo devem assegurar o desenvolvimento das capacidades de base específicas das várias técnicas.

(e) Atendendo à sua natureza, a disciplina pode ser lecionada por mais de um professor, desde que tal não implique, no somatório dos horários dos professores da disciplina, mais que a carga letiva prevista para a leção da mesma.

(f) A carga horária semanal da disciplina de Práticas Complementares de Dança pode ser reduzida para 45 minutos, sendo o tempo letivo remanescente gerido de forma flexível pela escola, dentro do mesmo período letivo. Esta alteração deve constar do horário dos alunos e ser dada a conhecer aos encarregados de educação.

(g) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos.

(h) Contempla mais um tempo letivo semanal de oferta facultativa, a ser utilizada na componente de formação vocacional em atividades de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo a sua carga horária global ser gerida por período letivo.

(i) A carga horária indicada corresponde à carga horária máxima da disciplina da componente de formação vocacional, podendo ser também lecionada em 45 minutos, ou a carga máxima indicada ser aplicada na leção de duas disciplinas de Oferta Complementar.

Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola. Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga horária correspondente não é transferível para outras disciplinas.

ANEXO III

Curso Básico de Música — 2.º Ciclo

(a que se referem os artigos 1.º, 2.º e 5.º)

Parte A

No âmbito da sua autonomia, as escolas têm liberdade de organizar os tempos letivos na unidade que considerem mais conveniente desde que respeitem as cargas horárias semanais constantes do quadro infra. Os tempos apresentados correspondem aos tempos mínimos por área disciplinar e disciplinas, pelo que não podem ser aplicados apenas os mínimos, em simultâneo, em todas as disciplinas. O tempo a cumprir é realizado pelo somatório dos tempos alocados às diversas disciplinas, podendo ser feitos ajustes de compensação entre semanas:

Componentes do currículo	Carga horária semanal (a) (b)		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Áreas disciplinares			
Línguas e Estudos Sociais	(c) 500	(c) 500	1000
Português. Inglês.			

Anexo B:

Programa de Dança Contemporânea da AMVP:

CURSO BÁSICO DE DANÇA, 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

PROGRAMA DE TÉCNICAS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA I E II

Autores

Academia de Música de Vilar de Paraíso

Conservatório de Música David de Sousa

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	4
II. APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA	7
1. FINALIDADES	7
2. OBJETIVOS GERAIS	7
3. VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA I	7
4. VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA II	7
5. SUGESTÕES METODOLÓGICAS GERAIS	8
6. COMPETÊNCIAS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA I	8
7. COMPETÊNCIAS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA II	8
8. RECURSOS MATERIAIS	9
9. AVALIAÇÃO	9
III. DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA I	11
1. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	11
2. GESTÃO DA CARGA HORÁRIA	13
3. SUGESTÕES METODOLÓGICAS ESPECÍFICAS	13
IV. DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA II	15
1. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	15
2. GESTÃO DA CARGA HORÁRIA	15
3. SUGESTÕES METODOLÓGICAS ESPECÍFICAS	15

V. BIBLIOGRAFIA	17
VI. ANEXOS	19

I. INTRODUÇÃO

As atividades expressivo-motoras desde a Antiguidade foram sempre consideradas entre as mais educativas. Construída em conjunto com a música, a Dança como atividade expressivo-motora gratificante que é, a partir das suas imagens e a sua emotividade, auxilia os indivíduos, principalmente as crianças, no seu desenvolvimento cognitivo, psicológico, social e emocional. Possuindo um papel preponderante na vida auxilia na construção do eu, da sua imagem e identidade.

Assim sendo, a Dança é vista como parte integral da atividade humana em muitas culturas desde há muitos anos, na medida em que face às suas qualidades, é um singular veículo de expressão e comunicação, permitindo ao ser humano tornar-se mais consciente e alerta em relação ao espaço circundante. O nosso principal objetivo assenta em conduzir as crianças pelo caminho da autodescoberta, através dos vários elementos consagrados na dança, nos quais o movimento é a sua linguagem e o corpo o seu instrumento.

Pela dança é possível obter coordenação, equilíbrio, melhorar a função cardiorespiratória, reforçar a força muscular e criar uma consciência rítmica pessoal e de grupo. Favorece a socialização, redimensiona as manifestações egocêntricas e encoraja as crianças mais introvertidas. Desenvolve o intelecto, sentido crítico, sensibilidade expressiva e artística, auxiliando no sucesso escolar ao ser cruzada com outras áreas do conhecimento.

A disciplina de Técnicas de Dança Contemporânea constitui-se como umas das componentes essenciais da Dança, sendo mais uma ferramenta base de formação, tal como a Clássica e a Criativa.

Desenvolve, igualmente, qualidades físicas como a flexibilidade, a destreza, a coordenação, o equilíbrio; como também a artisticidade, a dinâmica de movimento e a perceção temporal e espacial.

Desenvolve uma versatilidade corporal e de movimento. Assume um papel fundamental na formação pela aprendizagem de uma outra postura e modificação corporal, da tomada de consciência de “liberdade controlada” de movimento, da “desconstrução” da verticalidade convencional e da exploração de variadas superfícies de contacto.

A Dança Contemporânea abre horizontes estéticos e artísticos da infindável amplitude de movimentos que o corpo pode realizar.

Para tal, torna-se impreterível, clarificar os estilos/técnicas a abordar neste nível de ensino, pelo que o nome da disciplina deve corresponder aos reais conteúdos e objetivos a atingir nas aprendizagens. É indispensável não só realizar um percurso pelas várias linguagens modernas, como também escolher de entre essa pluralidade as mais estruturantes para a evolução do aluno.

Pelo facto de não existir uma técnica de dança contemporânea, mas sim técnicas, considerou-se de grande importância incluir nos conteúdos programáticos diferentes técnicas modernas num percurso evolutivo e coerente, assim como a técnica de composição. Esta promove um espaço de pesquisa, de descoberta, de exploração e aplicação do corpo como instrumento do discurso artístico. Um trabalho manifestamente prático onde se desenvolvem estruturas coreográficas individuais e em grupo através de estímulos musicais, temas ou ideias, articulando todo o vocabulário de movimento e seus conceitos fundamentais adquiridos no 1º e 2º ciclo. Um processo criativo, de exploração sob a forma de improvisações orientadas. Um espaço de experimentação/criação, mas, igualmente, de discussão, onde se desenvolvem ideias e onde se articulam conhecimentos técnicos e artísticos para responder ao acto de criação coreográfica, da dança, do ato de comunicar, impressionar, observar, contemplar e criticar o objeto artístico.

O programa tem como objetivo fundamental orientar os professores no sentido de familiarizarem os alunos com a prática artística, nomeadamente a dança contemporânea. Pretende-se que os alunos consolidem os objetivos enunciados no 2º ciclo e adquiram novas competências técnicas e artísticas.

O programa deve ser apresentado de forma gradual e sistemática tendo em consideração e respeitando o nível de aprendizagem motor, psicológico e emocional em que os alunos se encontram. Todo o processo de aprendizagem tem como propósito a concretização dos objetivos propostos neste programa.

II. APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA

1. FINALIDADES

- 1.1. Atribuir ao aluno de um papel ativo e criativo na sua formação.
- 1.2. Disponibilizar com qualidade a dança “para todos”.
- 1.3. Desenvolver a noção de dança como forma de arte.
- 1.4. Motivar e desenvolver uma sensibilidade estética, expressiva e artística.
- 1.5. Fomentar a criação de novos públicos.
- 1.6. Desenvolver consciência corporal e motora.
- 1.7. Desenvolver sensibilidade musical.
- 1.8. Fomentar a comunicação e a socialização – ser social.
- 1.9. Alargar o âmbito vivencial, cruzando-o com o de outras áreas do conhecimento.

2. OBJETIVOS GERAIS

- 2.1. Compreender a diversidade de Técnicas de Dança.
- 2.2. Adquirir consciência corporal.
- 2.3. Desenvolver as capacidades motoras.
- 2.4. Desenvolver as noções de tempo, espaço e dinâmica
- 2.5. Desenvolver as capacidades interpretativas.
- 2.6. Desenvolver a terminologia do vocabulário técnico das diferentes técnicas.
- 2.7. Desenvolver o conhecimento do repertório contemporâneo.
- 2.8. Desenvolver a capacidade de memorização.
- 2.9. Realizar apresentações públicas de repertório criado especialmente para esta faixa etária.
- 2.10. Desenvolver o sentido artístico.
- 2.11. Dominar o vocabulário técnico.
- 2.12. Desenvolver o contato-improvisação.
- 2.13. Desenvolver e consolidar a noção de estrutura coreográfica.
- 2.14. Desenvolver a noção da existência de linguagens diversificadas de movimento (géneros e estilos).
- 2.15. Desenvolver a capacidade de análise crítica.

3. VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA I

- 3.1. Diversidade de técnicas de dança.
- 3.2. Consciência corporal e de movimento.
- 3.3. Capacidades motoras.
- 3.4. Noções de tempo, espaço e dinâmica.
- 3.5. Capacidades interpretativas.
- 3.6. Capacidade de memorização.
- 3.7. Terminologia
- 3.8. Repertório Contemporâneo.
- 3.9. Apresentações públicas.

4. VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA II

- 4.1. Coreografia
- 4.2. Interpretação
- 4.3. Análise crítica

5. SUGESTÕES METODOLÓGICAS GERAIS

As sessões terão um cariz prático, pretendendo criar uma dinâmica de participação ativa dos alunos na sala de aula. A metodologia a ser utilizada centra-se exclusivamente no aluno na forma de trabalho individual e/ou em grupo.

6. COMPETÊNCIAS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA I

- 6.1. Consciência Corporal e de Movimento
 - 6.1.1. Mantém a verticalidade da coluna vertebral
 - 6.1.2. Mantém o alinhamento dos ombros em relação às ancas
 - 6.1.3. Mantém o encaixe pélvico
 - 6.1.4. Controla o centro de gravidade
 - 6.1.5. Controla a posição dos membros superiores
 - 6.1.6. Controla a posição dos membros inferiores em paralelo
 - 6.1.7. Controla a posição dos membros inferiores em rotação externa
 - 6.1.8. Realiza corretamente as transferências de peso
 - 6.1.9. Realiza corretamente a oposição
 - 6.1.10. Controla a utilização do peso das partes do corpo e deste como um todo

6.1.11. Isola as diferentes partes do corpo de acordo com o exercício proposto

6.1.12. Utiliza corretamente os vários apoios

6.1.13. Executa a flexão dos pés

6.1.14. Executa a extensão dos pés

6.1.15. Executa a extensão das pernas

6.2. Capacidades Motoras

6.2.1. Flexibilidade – realiza os exercícios propostos para melhorar a amplitude do movimento.

6.2.2. Força - realiza os exercícios propostos para melhorar a força.

6.2.3. Resistência – realiza os exercícios sem demonstrar fadiga.

6.2.4. Coordenação – realiza as sequências de movimento articulando os vários segmentos corporais.

6.2.5. Destreza – realiza as sequências de movimento com agilidade.

6.3. Noções de tempo, espaço e dinâmica

6.3.1. Executa o exercício nos tempos musicais propostos

6.3.2. Mantém a distância correta em relação aos outros elementos

6.3.3. Posiciona-se corretamente no espaço

6.3.4. Desloca-se corretamente no espaço

6.3.5. Executa o exercício na dinâmica pretendida

6.4. Capacidades Interpretativas.

6.4.1. Utiliza adequadamente a respiração no movimento

6.4.2. Executa o exercício com o foco pretendido

6.4.3. Executa o exercício com projeção do olhar

6.4.4. Executa o exercício com expressividade

6.5. Capacidade de Memorização

6.5.1. Memoriza e responde com eficácia aos exercícios propostos

6.6. Terminologia.

6.6.1. Identifica o vocabulário

6.6.2. Compreende a mecânica do movimento

6.7. Apresentações Públicas.

6.7.1. Integra apresentações públicas no âmbito da disciplina

7. COMPETÊNCIAS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA II

7.1. Coreografia.

7.1.1. Caracteriza o modelo estético.

7.1.2. Identifica tema/narrativa.

7.1.3. Reconhece as etapas de composição.

7.1.4. Aplica as etapas de composição.

7.1.5. Reconhece as formas de composição.

7.1.6. Recorre a diferentes formas de composição.

7.1.7. Identifica o vocabulário de movimento (corpo, ações, espaço, tempo/dinâmica e relações).

7.1.8. Utiliza o diferente vocabulário de movimento nas suas criações.

7.1.9. Seleciona e manipula o material explorado.

7.1.10. Caracteriza o espaço cénico/adereços.

7.1.11. Recorre a diferentes espaços cénicos/adereços.

7.1.12. Recorre a diferentes registos musicais nas suas criações.

7.1.13. Aplica diferentes formas de registo.

7.2. Interpretação

7.2.1. Utiliza a respiração na execução de movimento.

7.2.2. Utiliza e mantém projeção no olhar/foco.

7.2.3. Utiliza e mantém a intenção solicitada.

7.2.4. Improvisa a partir de uma ideia ou de um tema.

7.2.5. Executa o movimento definido de forma dirigida.

7.2.6. Executa o movimento no registo musical definido.

7.3. Análise crítica.

7.3.1. Identifica os diferentes elementos da análise crítica e a sua organização.

7.3.2. Utiliza os diferentes elementos da análise crítica e a sua organização.

7.4. Apresentações Públicas.

7.4.1. Cria e integra em apresentações públicas.

8. RECURSOS MATERIAIS

8.1. Estúdio de dança obedecendo às normas legisladas.

8.2. Sistema áudio.

8.3. Instrumentos musicais para acompanhamento de aulas.

8.4. Materiais didáticos.

8.5. Televisão, leitor de DVD, projetor de vídeo.

8.6. Possibilidade de auditório para apresentações públicas.

9. AVALIAÇÃO

A avaliação dos alunos será organizada tendo em conta as normas legisladas:

Participação ativa: as características de participação das aulas serão avaliadas pela: assiduidade, pontualidade e empenho na realização das situações de aprendizagem.

Realização de teste prático no final de cada período.

Avaliação relativa às estruturas coreográficas realizadas ao longo do período.

Realização de uma Prova Global prática no final deste ciclo de estudos.

Em anexo apresentam-se a tabela do professor com as competências a serem avaliadas e a respetiva cotação, bem como a ficha a entregar ao aluno e encarregado de educação no final de cada período para que possam analisar o seu desempenho.

III. DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA I

Todos os conteúdos do 2º ciclo deverão estar adquiridos e consolidados, incluindo-se como objeto do 3º ciclo e conjugando-se numa maior complexidade de léxico e componente métrica e rítmica.

1. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

1.1. Body Isolations

- 1.1.1. Cabeça
- 1.1.2. Ombros
- 1.1.3. Braços

1.2. The Back

- 1.2.1. Roll
- 1.2.2. Curve
- 1.2.3. Contração
- 1.2.4. Tilt
- 1.2.5. Arch

- 4ª posição
- diferentes dinâmicas
- apoios
- com e sem ajuda de mãos.

1.2.6. Release – fora do eixo: frente/lado/
e com espiral

1.2.7. Espirais – conjugação leg extension

1.2.8. Bounces / Rebounds – conjugação com diferentes apoios e consequentes níveis.

1.2.9. Turns around the Back – em 4ª

- com coordenação de braços.
- conjugado com back leg extension.

1.3. Leg / Feet (com mais complexidade, diferentes apoios e níveis)

1.3.1. Flex & Point / Flex & Stretch

1.3.2. Leg Extensions e Leg Lift – em círculo.

- com inclinações do tronco.

- conjugação com diferentes apoios e

consequentes níveis.

1.3.3. Leg swing

1.3.4. Sitting Falls

1.3.5. Transferências de Peso

1.4. Centro

1.4.1. Deep Stretches of the back – bounces, curve, arch (deep arch), release, espirais, contração

1.4.2. Foot exercise – combinação com braços e brushes e diferentes dinâmicas

1.4.3. Knee Bendings e Bounces – em todas as posições

- curve, tilt, arch

1.4.4. Kicks /Brushes/Beats – mais combinação e coordenação

- com contração

1.4.5. Leg swings & circle – combinação com diferentes partes do corpo

1.4.6. Lunges

1.4.7. High leg Stretches / Leg Extension – em paralelo e turned-out

- lunges

- transferências de peso

1.4.8. Rises

1.4.9. Turn

1.4.10. Body Arch

1.4.11. Transferências de Peso/ Shifting Body Weight Turn

1.4.12. Rebounds & Drops

1.4.13. Fall e recover

1.4.14. Small Jumps – paralelo e turned out.

- com beat.

1.4.15. Jumps – de duas pernas para duas.

- de duas para uma.

- de uma para duas.

- de uma para a mesma.

- de uma para outra.

1.5.Deslocamentos. (mais complexidade, diferentes velocidades, direções, coordenação.)

1.5.1. Walk /Run

1.5.2. Triplet frente, lado, trás – tilt, espiral, ½ turn, full turn, mudança de direção

1.5.3. Prances.

1.5.4. Step-draw.

1.5.5. High Leg Extension – com tilt, com jump

1.5.6. Tilt.

1.5.7. Skip

1.5.8. Leaps

1.6.Sequência

1.6.1. Individual e/ou em grupo

2. GESTÃO DA CARGA HORÁRIA

As aulas de Dança Contemporânea serão ministradas de acordo com o plano de estudos em vigor.

3. SUGESTÕES METODOLÓGICAS ESPECÍFICAS

3.1.Organização das Aulas.

3.1.1. Ativação cárdio-pulmonar – Preparar os discentes para a atividade a realizar através de um aquecimento muscular e cárdio-respiratório, bem como aquisição da concentração do grupo, utilizando já o vocabulário do tema da aula.

3.1.2. Desenvolvimento – Consiste num conjunto de exercícios no sentido de interligar a linguagem de movimento a ser abordada na aula, procurando a diversidade de dinâmicas de movimento, relações espaciais e de tempo.

3.1.3. Conclusão / Relaxamento – Momento de reflexão e de recuperação do batimento cardíaco. Esta fase pode terminar sob a forma de uma microestrutura visando os conteúdos lecionados e/ou sob a forma de exercícios que visem o desenvolvimento de algumas capacidades motoras.

3.2.Competências do Docente.

3.2.1. Motivar e sensibilizar nos alunos o gosto pela prática da dança.

- 3.2.2. Criar um ambiente confortável, seguro, mas desafiante e exigente.
- 3.2.3. Saber planificar e avaliar o percurso e desenvolvimento das suas aulas, bem como dos seus alunos.
- 3.2.4. Utilizar diferentes estratégias criativas e inovadoras no seu método de ensino.
- 3.2.5. Participar ativamente nas atividades escolares.
- 3.2.6. Promover a interdisciplinaridade entre as diversas áreas do conhecimento.
- 3.2.7. Realizar ações de formação no sentido de aperfeiçoar a sua metodologia.

3.3. Atividades de Enriquecimento Curricular.

- 3.3.1. Idas a espetáculos.
- 3.3.2. Visualização de vídeos de dança.
- 3.3.3. Visitas de estudo a escolas de dança e companhias.
- 3.3.4. Oportunidade de trabalhar a dança estabelecendo relações com as restantes áreas curriculares.
- 3.3.5. Contacto direto com intérpretes, criadores e todos os que estão ligados à produção de espetáculos de dança.
- 3.3.6. Acesso a uma bibliografia estimulante que apoie o trabalho a desenvolver.

3.4. Parcerias e Protocolos.

- 3.4.1. Com as escolas de ensino regular favorecendo uma maior articulação e diálogo no sentido de contribuir para uma melhor gestão dos recursos humanos e materiais na administração e organização escolar.
- 3.4.2. Com escolas congéneres, visando uma permuta de conhecimentos.

3.5. Recursos Materiais (reportar ao capítulo II. Alínea 6.)

IV. DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA II

Os mesmos enunciados para o 2º Ciclo da disciplina de dança criativa mais:

1. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

- 1.2.Criação de estruturas coreográficas utilizando de uma forma criativa e consciente os conceitos de relação, espaciais, temporais e de dinâmica de movimento.
- 1.3.Criação de estruturas coreográficas com diferentes géneros e estilos.
- 1.4.Caracterização e exploração de espaços cénicos (urbano, rural, interior, exterior, simétrico, assimétrico, periférico, central, entre outros).
- 1.5.Criação e aplicação de macro e micro estrutura coreográfica.
- 1.6.Exploração dos elementos de produção, de apoio à criação do espetáculo (música, adereços e figurinos).
- 1.7.Trabalho de diferentes elementos de análise crítica: elementos do movimento; relações; composições e sentido e significado.

2. GESTÃO DA CARGA HORÁRIA

As aulas de Criação Coreográfica serão ministradas de acordo com o plano de estudos em vigor.

3. SUGESTÕES METODOLÓGICAS ESPECÍFICAS

3.2.Organização das Aulas.

- 3.2.1. Ativação cárdio-pulmonar – Preparar os discentes para a atividade a realizar através de um aquecimento muscular e cárdio-respiratório, bem como aquisição da concentração do grupo, utilizando já o vocabulário do tema da aula.
- 3.2.2. Desenvolvimento – Consiste num conjunto de exercícios no sentido de interligar a linguagem de movimento a ser abordada na aula, procurando a diversidade de dinâmicas de movimento, relações espaciais e de tempo.
- 3.2.3. Conclusão / Relaxamento – Momento de reflexão e de recuperação do batimento cardíaco. Esta fase pode terminar sob a forma de uma microestrutura visando os conteúdos lecionados e/ou sob a forma de exercícios que visem o desenvolvimento das capacidades motoras.

3.3.Competências do Docente.

- 3.3.1. Motivar e sensibilizar nos alunos o gosto pela prática da dança.
- 3.3.2. Criar um ambiente confortável, seguro, mas desafiante e exigente.
- 3.3.3. Saber planificar e avaliar o percurso e desenvolvimento das suas aulas, bem como dos seus alunos.
- 3.3.4. Utilizar diferentes estratégias criativas e inovadoras no seu método de ensino.
- 3.3.5. Participar ativamente nas atividades escolares.
- 3.3.6. Promover a interdisciplinaridade entre as diversas áreas do conhecimento.
- 3.3.7. Realizar ações de formação no sentido de aperfeiçoar a sua metodologia.

3.4.Atividades de Enriquecimento Curricular.

- 3.4.1. Idas a espetáculos.
- 3.4.2. Visualização de vídeos de dança.
- 3.4.3. Visitas de estudo a escolas de dança e companhias.
- 3.4.4. Oportunidade de trabalhar a dança estabelecendo relações com as restantes áreas curriculares.
- 3.4.5. Contacto direto com intérpretes, criadores e todos os que estão ligados à produção de espetáculos de dança.
- 3.4.6. Acesso a uma bibliografia estimulante que apoie o trabalho a desenvolver.

3.5.Parcerias e Protocolos.

- 3.5.1. Com as escolas de ensino regular favorecendo uma maior articulação e diálogo no sentido de contribuir para uma melhor gestão dos recursos humanos e materiais na administração e organização escolar.
- 3.5.2. Com escolas congéneres, visando uma permuta de conhecimentos.

3.6.Recursos Materiais (reportar ao capítulo II. Alínea 6.)

V. BIBLIOGRAFIA

- AUTARD, J. (1976), “Dance Composition”, A&C Black, London.
- BALCELLS, M. (2000): “Expresion Corporal y Danza”, Inde Publicaciones, España.
- BELTRÁN, L. (2002): “Pensar a Dança é Pensar a Vida”, in *O Professor*, nº76, III série, Janeiro/Junho, pp.14 – 15.
- CHAPLIN, L.; *et all* (2000), “The Moment of Movement – Dance Improvisation”; Dance Books, UK.
- HOROSKO, M. (1991), “Martha Graham – the evolution of her dance theory and training, 1926//1991, “ a capella books, Chicago review press, incorporated;
- JOYCE, M. (1984), “Dance Technique for Children”, Mayfield Publishing Company. Palo Alto;
- MACDONAGH, D. (1971), “The rise and fall and rise of Modern Dance”, New American Library, New York;
- OSSONA, P. (1984), “La educacion por la danza“, Ediciones Paidós, Barcelona;
- ROBINSON, J. (1990), “L’aventure de la danse moderne en France (1920/1970)“, Editions Bougé, Janvier;
- RODRIGUES, L. (1998): “Dança na escola: Proposta Metodológica com base nas Acções Motoras”, in *VI Congresso Galego de Educación Física*, vol. II, Universidade da Corunã – Servicio de Publicacions.
- ROUQUET, O. (s/d), “Les techniques d’analyse du mouvement et le danseur“, avec la collaboration de la Fédération Française de Danse;
- SOFRAS, P. (2006): “Dance Composition Basics”; Human Kinetics, E.U.A.
- SOUSA, A. (2003): “Educação Pela Arte e Artes na Educação”; vol II – Drama e Dança, Horizontes Pedagógicos
- SOUSA, A. (s/d); “A Dança Educativa na Escola”; vol. II, Básica Editora.
- XAREZ, L; *et all* (1992): “A dança no 1º Ciclo do Ensino Básico”; in *Boletim SPEF*, nº5/6, Verão/Outono de, pp. 97-106.
- YOCOM, R; *et all* (1980): “Modern Dance – Techniques and Teaching”; Dance Horizons, New York.

Conteúdos Programáticos

Dança Contemporânea – 3º Ciclo

Dança Contemporânea – Nível VII

<p>Solo</p>	<ul style="list-style-type: none">• Body Isolations <p>Cabeça</p> <p>Ombros</p> <p>Braços</p> <ul style="list-style-type: none">• The Back (4º posição, diferentes apoios, dinâmicas e coordenação de braços)
--------------------	---

<p>- introd. da 4ª pos.</p> <p>- diferentes dinâmicas</p> <p>- apoios</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Roll • Curve • Contração • Tilt • Arch Upper Back – com ajuda das mãos. • Release – fora do eixo: frente/lado <ul style="list-style-type: none"> - com espiral e coordenação de braços • Espirais – preparação para leg extension • Bounces / Rebounds – conjugação com diferentes apoios e consequentes níveis. • Turns around the Back – introdução à 4ª <ul style="list-style-type: none"> • Leg / Feet • Flex & Point /Flex & Stretch • Leg Extensions e Leg Lift – em círculo. • Leg swing • Sitting Falls • Transferências de peso
---	---

<p style="text-align: center;">Centro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Deep Stretches of the back – bounces, curve, arch, release, espirais, contração • Foot exercise – combinação com braços e brushes e diferentes dinâmicas • Knee Bendings e Bounces – em todas as posições <ul style="list-style-type: none"> - curve, tilt • Brushes/Beats – mais combinação e coordenação com contração • Leg swings & circle – combinação com diferentes partes do corpo • Preparação para Lunges • High leg Stretches / Leg Extension – em paralelo e turned-out • Rises • Body Arch • Transferências de Peso/ Shifting Body Weight Turn • Rebounds & Drops • Fall e recover • Small Jumps – paralelo e turned out. • Jumps – de duas pernas para duas. <ul style="list-style-type: none"> - de duas para uma. - de uma para duas. - de uma para a mesma. - de uma para outra.
--	---

<p style="text-align: center;">Deslocamentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Walk /Run – mais combinação e coordenação com mudanças de velocidade • Triplet – frente, com tilt, com espiral, lado e com ½ turn • Prances. • Step-draw. • High Leg Extension – sem jump, com retiré e com jump a 45° • Skip • Leaps para a frente
<p style="text-align: center;">Sequência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Individual e/ou em grupo • Contact improvisation

Dança Contemporânea – Nível VIII

	<ul style="list-style-type: none"> • Body Isolations Cabeça Ombros Braços • The Back. Roll Curve Contração • Tilt • Arch Upper Back – com ou sem ajuda de mãos. • Release – fora do eixo: frente/lado - com coordenação de braços
--	--

<p style="text-align: center;">Solo</p> <p>- introd. da 4ª pos.</p> <p>- diferentes dinâmicas</p> <p>- apoios</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espirais – conjugação leg extension • Bounces / Rebounds – conjugação com diferentes apoios e consequentes níveis. • Turns around the Back – em 4ª posição <ul style="list-style-type: none"> - com braços • Leg / Feet (com mais complexidade, diferentes apoios e níveis) • Flex & Point /Flex & Stretch • Leg Extensions e Leg Lift <ul style="list-style-type: none"> – em círculo. - com inclinação do tronco e diferentes dinâmicas • Leg swing. • Sitting Falls • Transferências de Peso
	<ul style="list-style-type: none"> • Deep Stretches of the back – bounces, curve, arch, release, espirais, contração • Foot exercise – combinação com braços e brushes <ul style="list-style-type: none"> - diferentes dinâmicas • Knee Bendings e Bounces – em todas as posições <ul style="list-style-type: none"> - curve tilt, arch • Kicks /Brushes/Beats – mais combinação e coordenação <ul style="list-style-type: none"> - com contração

	<ul style="list-style-type: none"> • Leg swings & circle – combinação com diferentes partes do corpo • Prep para lunges • High leg Stretches / Leg Extension <ul style="list-style-type: none"> – em paralelo e turned-out - lunges • Rises • Body Arch - com hip swing • Transferências de Peso/ Shifting Body Weight Turn • Rebounds & Drops • Fall e recover • Small Jumps – paralelo e turned out. <ul style="list-style-type: none"> - com beat. • Jumps – de duas pernas para duas. <ul style="list-style-type: none"> - de duas para uma. - de uma para duas. - de uma para a mesma. - de uma para outra.
--	--

<p style="text-align: center;">Deslocamentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Walk /Run – mais combinação e coordenação com mudanças de velocidade • Triplet – ½ turn, e mudança de direção • Prances. • Step-draw. • High Leg Extension – com tilt, com jump • Tilt – com mudança de direção • Skip • Leaps de frente
<p style="text-align: center;">Sequência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Individual e/ou em grupo • Contact improvisation

Dança Contemporânea – Nível IX

<p style="text-align: center;">Solo</p> <p>- introd. da 4ª pos.</p> <p>- diferentes dinâmicas</p> <p>- apoios</p>	<ul style="list-style-type: none">• Body Isolations Cabeça Ombros Braços• The Back. Roll Curve Contração• Tilt• Arch Upper Back – com ou sem ajuda de mãos.• Release – fora do eixo: frente/lado - com coordenação de braços• Espirais – conjugação leg extension• Bounces / Rebounds – conjugação com diferentes apoios e consequentes níveis.• Turns around the Back – em 4ª posição - com braços - conjugado com back leg extension• Leg / Feet (com mais complexidade, diferentes apoios e níveis)• Flex & Point /Flex & Stretch• Leg Extensions e Leg Lift – em círculo.
--	---

	<ul style="list-style-type: none"> - com inclinações do tronco - conjugação com diferentes apoios e consequentes níveis. • Leg swings. • Sitting Falls • Transferências de Peso
	<ul style="list-style-type: none"> • Deep Stretches of the back – bounces, curve, arch, release, espirais, contração • Foot exercise – combinação com braços e brushes <ul style="list-style-type: none"> - diferentes dinâmicas • Knee Bendings e Bounces – em todas as posições <ul style="list-style-type: none"> - curve, tilt, arch • Kicks /Brushes/Beats – mais combinação e coordenação <ul style="list-style-type: none"> - com contração • Leg swings & circle – combinação com diferentes partes do corpo • Lunges • High leg Stretches / Leg Extension – em paralelo e turned-out <ul style="list-style-type: none"> - lunges - com transferência de peso • Rises <ul style="list-style-type: none"> ▪ Turns • Body Arch • Transferências de Peso/ Shifting Body Weight Turn • Rebounds & Drops

	<ul style="list-style-type: none"> • Fall e recover • Small Jumps – paralelo e turned out. - com beat. • Jumps – de duas pernas para duas. - de duas para uma. - de uma para duas. - de uma para a mesma. - de uma para outra.
Deslocamentos	<ul style="list-style-type: none"> • Walk /Run – mais combinação e coordenação com mudanças de velocidade • Triplet – ½ turn, full turn e mudança de direção • Prances. • Step-draw. • High Leg Extension – com tilt, com jump • Tilt • Skip • Leaps
Sequência	<ul style="list-style-type: none"> • Individual e/ou em grupo • Contact improvisation

Anexo D

Plano de Atividades da AMVP 2014/2015

Plano Anual de Atividades 2014/2015



Setembro

Dia/Hora	Evento
8 9:30	Receção aos alunos Local: AMVP - Auditório 2 Organização: AMVP
9 8:30	Visita de Estudo Local: Aveiro Organização: AMVP
9 8:30	Visita de Estudo - Parque da Lavandeira Local: Parque da Lavandeira Organização: disciplina de Ed. Física
10 17:30	Concerto - GP-AMVP - Gaia World Music Local: Estação de S. Bento (Metro) Organização: Câmara Municipal de V. N. de Gaia
12 22:15	Concerto - GP-AMVP - Gaia World Music Local: Claustros do Mosteiro de Grijó Organização: Câmara Municipal de V. N. de Gaia
26	Dia Europeu de Línguas Local: AMVP Organização: departamento de Línguas
28 17:00	Concerto de Encerramento - Gaia World Music Local: Cais de Gaia Organização: Câmara Municipal de V. N. de Gaia

Outubro

Dia/Hora	Evento
1 21:30	Dia Mundial da Música - Ópera "4 Portas do Céu" Local: Auditório Paroquial de Oliveira do Douro Organização: Grupo disciplinar de Canto e Classes de Conjunto
3 21:00	Concerto - GP-AMVP Local: Escola Sophia de Mello Breyner Organização: AMVP e Escola Sophia de Mello Breyner
3	Masterclass Nutrição Local: AMVP Organização: curso de Dança



Plano Anual de Atividades 2014/2015



ACADEMIA DE MÚSICA
DE VILAR DO PARAÍSO

6 19:00	Apresentação do Curso de Jazz Local: AMVP - Auditório 3 Organização: curso de Jazz e Música Moderna
6 a 10	Avaliação Nutricional com Augusto Rodrigues Local: AMVP Organização: curso de Dança
13 a 17	"Día de la Hispanidad" Local: AMVP (Sala de aula) Organização: disciplina de Espanhol
17 15:00	Ida ao teatro "A viúva e o papagaio" Local: Teatro do Campo Alegre Organização: disciplina de Português
24 21:30	Exposição de Aquarelas - Júlio Costa Local: AMVP - Auditório 3 Organização: AMVP e Júlio Costa
27 a 31	"Halloween" Local: AMVP (Sala de aula) Organização: disciplina de Inglês
31 19:00	Audição de Guitarra Local: AMVP Organização: Classe do Prof. Avelino Pinto

Novembro

Dia/Hora	Evento
1 21:00	Festa de Halloween Local: AMVP Organização: curso de Teatro Musical
5 19:00	Audição de Guitarra Local: AMVP Organização: Classe da Prof. Ana Sofia Silva
7 21:00	Segundas jornadas de Otorrino Pediátrico Local: Clube de Leça Organização: Centro Hospitalar Gaia Espinho
7 21:30	Visita de Estudo - Ensaio Geral - "FALL" Local: Rivoli - Porto Organização: curso de Dança



2

Plano Anual de Atividades 2014/2015



8 11:00	Concerto de Palmo e meio Local: AMVP - Auditório 2 Organização: AMVP
8 21:30	Paraíso Solidário Local: Cine-Teatro Eduardo Brazão Organização: AMVP e Centro Social de Vilar do Paraíso
8 21:30	I Jantar de Beneficência - Cruz Vermelha Portuguesa Local: Villa Sandini Hotel Organização: Cruz Vermelha e AMVP
10 a 14	Semana do dia Mundial da Ciência Local: AMVP Organização: departamento de Ciências Exatas
11 a 12	Laboratório Aberto Local: AMVP Organização: disciplinas de Ciências, Matemática e Físico-Química
11 19:00	Audição de Saxofone Local: AMVP Organização: Classe do prof. Filipe Fonseca
13 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
18 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
21 18:00	Audição de Guitarra Local: Casa Museu Teixeira Lopes Organização: disciplina de Guitarra Clássica
22 21:30	Concerto - GP-AMVP (Entrega de diplomas da Escola EB2/3 de Olival) Local: Auditório de Olival Organização: AMVP e Escola EB2/3 de Olival
26 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
27	Celebração do <i>Thanksgiving</i> Local: AMVP Organização: disciplina de Inglês

Plano Anual de Atividades 2014/2015



ACADEMIA DE MÚSICA
DE VILAR DO PARAÍSO

27 18:30	Concerto de Sta. Cecília Local: AMVP Organização: grupo disciplinar de Sopros
28 21:30	Concerto de Solidariedade - Bombeiros Voluntários de Valadares Local: Salão Nobre - BVV Organização: AMVP e BVV
28 21:30	Visita de Estudo - "O Quebra-nozes" Local: Coliseu do Porto Organização: curso de Dança
29 11:15	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
29 14:30	Audição de Violoncelo Local: AMVP Organização: classe da Prof. Ana Oliveira
30	8º Encontro de Violas d'arco 2014 Local: Europarque Organização: prof. Carina Rocha

Dezembro

Dia/Hora	Evento
1 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
1 17:30	Audição de Harpa Local: AMVP - Auditório 2 Organização: disciplina de Harpa
2 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
3 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
4 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP

Plano Anual de Atividades 2014/2015



ACADEMIA DE MÚSICA
DE VILAR DO PARAÍSO

5 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
5	Workshop "Song and Performance" Local: A definir Organização: curso de Teatro Musical
5 21:00	Entrega de Diplomas - Quadro de Excelência Local: AMVP Organização: AMVP
6 11:00	Concerto Intercâmbio - AMVP/Paços de Brandão Local: AMVP Organização: disciplina de Guitarra Clássica
6 11:30	Audição de Violino e Violeta Local: AMVP Organização: disciplinas de Violino e Violeta
8 18:00	Concerto - Banda Sinfónica Portuguesa Local: Casa da Música Organização: AMVP e Academia de Música de Costa Cabral
8 a 16	Exposição de postais de Natal Local: AMVP (Corredores) Organização: disciplinas de Francês, Alemão e Inglês
9 19:00	Audição de Natal Local: AMVP Organização: AMVP
9 a 16	Feira do Livro Local: AMVP Organização: disciplina de Português
9 a 15	Aulas abertas de Dança Local: AMVP Organização: curso de Dança
9 21:00	Audição de Natal - Canto Local: AMVP Organização: disciplina de Canto
10 a 16	"Exposição sobre rodas" Local: AMVP Organização: curso de Dança

Plano Anual de Atividades 2014/2015



ACADEMIA DE MÚSICA
DE VILAR DO PARAÍSO

16	Corta-Mato Local: AMVP Organização: disciplina de Ed. Física
18	Visita de Estudo – 'Branca de Neve no Gelo' Local: Mar Shopping Organização: curso de Teatro Musical
18 21:30	Concerto de Natal - GP-AMVP Local: Auditório Municipal de Gaia Organização: Grupo de Percussão da AMVP

Janeiro

Dia/Hora	Evento
10 21:30	Concerto de Ano de Novo Local: Auditório Municipal de Gaia Organização: AMVP
17 11:00	Concerto de Palmo e Meio Local: AMVP - Auditório 2 Organização: AMVP
26 a 30	Dia da Índia Local: AMVP Organização: disciplina de Inglês
30 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
31 10:30	Audição de Guitarra Local: AMVP Organização: professor Avelino Pinto

Fevereiro

Dia/Hora	Evento
6 21:30	Concerto de Aniversário da AMVP Local: Auditório Municipal de Gaia Organização: AMVP
7 21:30	4º Ciclo de Conversas Amplas Local: Auditório Municipal de Gaia Organização:



Plano Anual de Atividades 2014/2015



9 19:00	Audição de Guitarra Local: AMVP Organização: classe da Prof. Ana Sofia Silva
11 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
12 19:00	Audição de Flauta de Bisel Local: AMVP Organização: professor João Rocha
13 21:30	Concerto - Orquestra Clássica e Orquestra de Sopros Local: A definir Organização: professores Filipe Pinho e Ernesto Coelho
13 19:00	Concerto de S. Valentim Local: AMVP Organização: disciplina de Canto e curso de Teatro Musical
13	Dia de S. Valentim Local: AMVP Organização: disciplinas de Inglês e Francês
14 11:00	Concerto de Intercâmbio AMVP/AMPB Local: Academia de Música de Paços de Brandão Organização: AMVP e AMPB
20	Visita de Estudo - Santiago de Compostela e Museu do Homem Local: Santiago de Compostela Organização: disciplinas de Geografia, Ciências, Físico-Química e Espanhol
21	Ação solidária através de sensibilização artística Local: AMVP Organização: curso de Dança
23 18:00	Audição de Guitarra Local: Solar Condes de Resende Organização: disciplina de Guitarra Clássica
28	Ação solidária através da sensibilização artística Local: AMVP Organização: curso de Dança

Plano Anual de Atividades 2014/2015



ACADEMIA DE MÚSICA
DE VILAR DO PARAÍSO

Março

Dia/Hora	Evento
2 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
7 11:15	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
7	Ação solidária através da sensibilização artística Local: AMVP Organização: curso de Dança
9 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
10 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
10 18:00	Audição de Flauta de Bisel Local: AMVP - Auditório 1 Organização: professor João Rocha
11 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
12 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
13 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
14 11:15	Audição de Páscoa Local: AMVP Organização: AMVP
14	Ação solidária através da sensibilização artística Local: AMVP Organização: curso de Dança



Plano Anual de Atividades 2014/2015



ACADEMIA DE MÚSICA
DE VILAR DO PARAÍSO

16 19:00	Audição de Páscoa Local: AMVP Organização: AMVP
17 19:00	Audição de Páscoa Local: AMVP Organização: AMVP
18 19:00	Audição de Páscoa Local: AMVP Organização: AMVP
18 13:30	Ida ao Teatro "Auto da Barca do Inferno" Local: Teatro Sá da Bandeira Organização: disciplina de Português
19 a 22	Semana Cultural Local: AMVP Organização: AMVP
21 a 28	Guitarrismos VI Local: AMVP Organização: disciplina de Guitarra Clássica
21 10:30	Audição de Guitarra Local: AMVP Organização: professor Avelino Pinto

Abril

Dia/Hora	Evento
10 14:00	Visita de Estudo - Museu dos Transportes e Comunicações Local: Alfândega do Porto Organização: disciplinas de História e Geografia
15 18:00	Concerto Temático - Música para Filmes Local: AMVP Organização: disciplina de Guitarra Clássica
16 a 19	Festival Blá Lá Lá Local: A definir Organização: Grupo disciplinar de Canto e Classes de Conjunto
16	Dia Mundial da Voz Local: AMVP Organização: disciplina de Canto e curso de Teatro Musical



Plano Anual de Atividades 2014/2015



ACADEMIA DE MÚSICA
DE VILAR DO PARAÍSO

17 19:00	Audição de Canto Local: AMVP Organização: disciplina de Canto
18 22:30	Ópera - "As Palavras na Barriga" Local: A definir Organização: Grupo disciplinar de Canto e Classes de Conjunto
19 18:00	Ópera - "As Palavras na Barriga" Local: A definir Organização: Grupo disciplinar de Canto e Classes de Conjunto
20 a 25	Semana de Sopros Local: A definir Organização: grupo disciplinar de Sopros
24 19:00	Tertúlia com Convidados Local: AMVP Organização: curso de Teatro Musical
26 18:00	Concerto - Orquestras de Guitarras Local: Escola Joaquim Gomes Ferreira Alves Organização: disciplina de Guitarra Clássica
27 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
29	Comemoração do Dia Mundial da Dança Local: AMVP Organização: curso de Dança
29 a 03/05	Viagem a Londres Local: Londres Organização: curso de Teatro Musical

Maio

Dia/Hora	Evento
1 a 4	Festival Europeu de Música para Jovens de Neerpelt Local: Neerpelt, Bélgica Organização: AMVP
6 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP



11

Plano Anual de Atividades 2014/2015



ACADEMIA DE MÚSICA
DE VILAR DO PARAÍSO

6 13:30	Ida ao Teatro - "Leandro Rei da Helíria" Local: Teatro Sá da Bandeira Organização: disciplina de Português
7 13:30	Ida ao Teatro - "Leandro Rei da Helíria" Local: Teatro Sá da Bandeira Organização: disciplina de Português
7 19:00	Audição de Guitarra Local: AMVP Organização: Classe da Prof. Ana Sofia Silva
8 13:30	Ida ao Teatro - "Leandro Rei da Helíria" Local: Teatro Sá da Bandeira Organização: disciplina de Português
9 11:00	Concerto de Palmo e Meio Local: AMVP - Auditório 2 Organização: AMVP
12 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
18 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
19	Visita de estudo à Pedreira do Galinha e Grutas de S.Mamede Local: S. Mamede Organização: disciplinas de Ciências, Físico-Química e Geografia
22	Concerto da Orquestra Clássica e Orquestra de Sopros Local: A definir Organização: professores Filipe Pinho e Ernesto Coelho
23 10:30	Audição de Guitarra Local: AMVP Organização: professor Avelino Pinto
26 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
29 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP

Plano Anual de Atividades 2014/2015



30 a 31	Concurso de piano Local: AMVP Organização: disciplina de Piano
----------------	---

Junho

Dia/Hora	Evento
1 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
2 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
3 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
4 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
5 21:00	Concerto de Verão Local Local: AMVP Organização: disciplina de Canto e curso de Teatro Musical
5 19:00	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
6 10:15	Audição Geral Local: AMVP Organização: AMVP
15 a 30	Torneio de Futebol Local: AMVP Organização: disciplina de Ed. Física
19	Visita de Estudo - Oceanário e Pavilhão do Conhecimento Local: Lisboa Organização: AMVP
22 a 23	Ciclo de concertos de Música de Câmara Local: AMVP Organização: grupo disciplinar de Teclas e Percussão



Plano Anual de Atividades 2014/2015



ACADEMIA DE MÚSICA
DE VILAR DO PARAÍSO

27 (a confirmar)	Espetáculo de Fim de Ano Letivo - Dança Local: A definir Organização: curso de Dança
28 (a confirmar)	Espetáculo de Fim de Ano Letivo - Dança Local: A definir Organização: curso de Dança

Julho

Dia/Hora	Evento
4 21:00	Festa de Fim de Ano Letivo Local: Grande Auditório do Europarque Organização: AMVP
11 (a confirmar)	Espectáculo de Fim de Ano de Teatro Musical Local: A definir Organização: curso de Teatro Musical
12 (a confirmar)	Espectáculo de Fim de Ano de Teatro Musical Local: A definir Organização: curso de Teatro Musical
13 a 17	Curso de Verão de Dança Local: AMVP Organização: curso de Dança
13 a 17	"Férias com Teatro Musical" Local: AMVP Organização: curso de Teatro Musical

Anexo D:**Plano de Atividades de Dança 2014/2015****CALENDARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES – DANÇA 2014 / 2015**

Mês	Dia	Hora	Designação
Setembro	1	10h30	Reunião Geral de Professores
	8		Início do Ano Letivo para o Regime Integrado e Articulado
	15		Início do Ano Letivo para o 1ºCiclo e Pré-escolar
	28		30 dias de Música – Câmara Municipal de Gaia (Danças tradicionais)
Outubro	3		Workshop Nutrição (pais e alunos do 5º ao 9º ano)
	6,7,8,9 e 10		Avaliação Nutricional (5º,6º,7º,8º e 9º anos), com Augusto Rodrigues
	27 a 1 novembro		Reuniões intercalares (integrado)

Novembro	A definir		Paraíso Solidário
	A definir		Visita de estudo – ver programação cultural
Dezembro	1 a 6		Semana de Avaliações
	9 a 15		Aulas abertas
	11	21h	Reunião de avaliação (articulado -básico e secundário)
	16		Termo 1º Período
	17 a 19		Reuniões de avaliação (integrado)
	19	15h30	Reunião avaliação Iniciação
	12	19h	“Exposição sobre roda” - apresentação do trabalho desenvolvido pelos alunos 1ºciclo

<p>Janeiro</p>	<p>5</p> <p>12 a 16 ou</p> <p>19 a 23 ou</p> <p>26 a 30 ou</p> <p>31</p>		<p>Início 2º Período</p> <p>Workshop com professores convidados (5º, 6º e 7ºanos) – AMVP é que suporta os custos</p> <p>Concurso Jovens Coreógrafos/Entrega de Diplomas</p> <p>Cine-Teatro Eduardo Brazão</p>
<p>Fevereiro</p>	<p>4, 5 e 6</p> <p>ou</p> <p>11, 12 e 13</p> <p>7 ou 14</p> <p>A definir</p> <p>16 a 19</p> <p>13,18 a 19</p> <p>21 de fevereiro a 21 de março</p> <p>(4 sábados)</p>		<p>Intercâmbio com Escola de Dança do Conservatório Nacional (8º e 9ºAno)</p> <p>Intercâmbio com Academia de Dança de Setúbal (8º 9ºAno)</p> <p>Concerto de Aniversário da AMVP</p> <p>6º Concerto da Pulmonale</p> <p>Interrupção Carnaval</p> <p>Reuniões avaliações intercalares (integrado)</p> <p>Ação solidária através da sensibilização artística – Trabalho com a comunidade e alunos AMVP 8º e 9ºanos.</p> <p>NOTA: o 9ºano tem uma visita de estudo a Espanha dia 20 de fevereiro</p>

Março	11 a 17		Semana de Avaliações
	16 a 20		Semana de Aulas Abertas
	18	21h	Reuniões de avaliação (articulado – básico e secundário)
	21		Termo 2º Período
	21 a 28 (não são necessários tantos dias para dança)		Provas de acesso para o curso vocacional de dança
	23 a 25		Reuniões de avaliação (integrado)
	26	10h30	Reuniões de avaliação - Iniciação

Abril	7		Início 3º Período
	29		Comemoração do Dia Mundial da Dança
Mai	1 a 4		Festival Bélgica (9ºano)
	19	9h30	Exame nacional português 6º ano
	21	9h30	Exame nacional matemática 6º ano

Junho	1 a 5		Provas Globais (6º e 9ºanos)
	1 a 5		Semana de Avaliações
	6		Termo 3º Período – 9º, 11º e 12º
	27		Termo 3º Período – restantes anos
	8 e 9		Reuniões de avaliação – 9º ano (integrado)
	8	21h	Reuniões de avaliação básico articulado
	11 e 12		Reuniões de avaliação – 6º ano (integrado)
	29	18h30	Reuniões de avaliação - Iniciação
	29 a 1julho ou 6 a 8 julho		Reuniões de avaliação – 5º, 7º e 8º ano (integrado)
	15	9h30	Exame nacional português 9º ano
19	9h30	Exame nacional matemática 9º ano	

<p>Julho</p>	<p>A definir</p> <p>2 a 5</p> <p>ou</p> <p>9 a 12</p> <p>13 a 17</p> <p>24</p>		<p>Espetáculo Final de Ano AMVP</p> <p>Montagens para o Espetáculo de Dança</p> <p>Espetáculo de Dança</p> <p>Curso de verão</p> <p>Reunião Geral de Professores</p>
---------------------	--	--	--

Anexo E:

Grelha de avaliação dos alunos (exemplo)

	Competências	Nome do aluno	
		Pontuação Aluno	% competencia
Domínios 80%	Consciência Corporal e de Movimento (30%)		0,0%
	Capacidades Motoras (10%)		0,0%
	Percepção Temporal, Espacial e Dinâmica (10%)		0,0%
	Capacidades Interpretativas (20%)		0,0%
	Capacidades de Memorização (2,5%)		0,0%
	Terminologia (2,5%)		0,0%
	Estrutura Coreográfica (20%)		0,0%
	Análise Crítica (5%)		0,0%
	Socioafetivo (20%)		0,0%
Nota Final			0,00%

Anexo F:**Grelha de Avaliação Intercalar (Documento fornecido pelo Professor Mário Gonçalves) - 1º Período**

Alunos	Domínio socioafetivo (30%)	Domínio cognitivo/motor (70%)		Observações
		Desempenho em sala de aula	Avaliações formais	
Ana Luís Guimarães	MB	MB		A Ana Guimarães, demonstra imenso potencial e criatividade, pode melhorar o trabalho em diferentes dinâmicas. Tem excelente musicalidade e grande empenho nas tarefas propostas.
Ana Luísa Paiva	B	S		A Ana Luísa Paiva é uma aluna interessada e empenhada, tem boa relação com os colegas e professor, demonstrando muito interesse pela matéria em estudo. Pode melhorar a sua extensão do movimento e dinâmica.
Bárbara Vagaroso	MB	MB		A Bárbara Vagaroso é uma excelente aluna, muito interessada e empenhada. É muito criativa e demonstra imenso potencial que começa a explorar.
Bárbara Sofia Correia	B	B		A Bárbara Correia é uma aluna que demonstra interesse pela matéria dada, tem muito boa capacidade de memorização, podendo melhorar a sua prestação em

				grupo, começando a procurar a uniformização do movimento, tentando não ser individualista.
Beatriz Silva	B	S		A Beatriz é uma aluna interessada e empenhada. Tem boa musicalidade e coordenação motora, podendo explorar mais a extensão do movimento.
Beatriz Baptista	B	S		A Beatriz Baptista é uma aluna interessada. Tem boa musicalidade, podendo explorar mais a extensão do movimento, a dinâmica e procurar ser mais criativa nos seus trabalhos de composição.
Daniela Quaresma	B	B		A Daniela Quaresma é uma aluna muito interessada e empenhada, tem boa qualidade de movimento e musicalidade. Pode ser mais criativa nos seus trabalhos.
Lucas Costa	B	B		O Lucas Costa é um aluno muito interessado mas pouco empenhado. Para atingir melhores resultados deve estar mais atento nas aulas e mais concentrado nas tarefas propostas.
Maria Inês Araújo	S	B		A Maria Araújo demonstra muita vontade em evoluir, é uma aluna interessada e empenhada, podendo melhorar a sua dinâmica de movimento.

Mariana Almeida	B	S		A Mariana é uma aluna interessada, podendo ser mais empenhada. Tem boa musicalidade, podendo explorar mais a extensão dos movimentos, a sua dinâmica e interpretação, procurando ser mais criativa nos seus trabalhos.
Patrícia Moreira	MB	B		A Patrícia é uma aluna que demonstra muito empenho. É bastante participativa e concentrada, tendo muita imaginação. Pode melhorar a extensão e definição de movimento.
Tomas Queirós	MB	MB		O Tomás é um aluno muito interessado e empenhado, tem boa musicalidade e excelente criatividade.

Anexo G:**Grelha de Avaliação Intercalar - 2º Período:**

Alunos	Domínio Socioafetivo (20%)	Domínio cognitivo (80%)		Observações
		Desempenho em sala de aula	Avaliações formais	
Ana Luís Guimarães	MB	B	-----	A Ana Guimarães, demonstra imenso potencial e criatividade, tem excelente musicalidade e boa expressão.
Ana Luísa Paiva	B	B	-----	A Ana Luísa Paiva é uma aluna interessada e empenhada, demonstra interesse pelos conteúdos, podendo ser mais expressiva nas propostas dadas.
Bárbara Vagaroso	B	B	-----	A Bárbara Vagaroso tem imenso potencial criativo e expressivo, pode melhorar a sua atenção em sala de aula e controlar o seu comportamento expansivo.
Bárbara Correia	B	MB	-----	A Bárbara Correia é uma aluna que demonstra muito interesse pelos conteúdos a abordar. Tem um excelente relacionamento com os colegas e professor. Pode melhorar o seu controlo pelas extremidades, tendo excelente musicalidade.
Beatriz Silva	B-	B-	-----	A Beatriz é uma aluna interessada e empenhada. Tem boa musicalidade, podendo ser

				mais expressiva nas propostas dadas.
Beatriz Baptista	B-	B-	-----	A Beatriz é uma aluna interessada e empenhada. Tem boa musicalidade, podendo ser mais expressiva nas propostas dadas.
Daniela Quaresma	B	B	-----	A Daniela Quaresma é uma aluna muito interessada e empenhada, este periodo demonstrou evolução no trabalho de qualidades de movimento, tendo excelente musicalidade.
Lucas Costa	B-	B-	-----	O Lucas Costa é uma aluno muito interessado podendo ser mais empenhado nas propostas dadas em aula. Pode melhorar a sua atenção em sala de aula, podendo assim evoluir mais positivamente.
Maria Inês Araújo	B	B-	-----	A Maria Araújo é uma aluna interessada e empenhada, demonstra interesse pelos conteúdos, podendo ser mais expressiva nas propostas dadas.
Mariana Almeida	B-	B-	-----	A Mariana é uma aluna interessada e empenhada. Este periodo demonstra evolução na aquisição de conteúdos, podendo estar mais concentrada nas propostas dadas e ser mais

				expressiva. Tem boa musicalidade.
Patrícia Moreira	B-	B	-----	A Patrícia é uma aluna que demonstra muito empenho, tendo imenso potencial e criatividade, tem excelente musicalidade e boa expressão.
Tomás Queirós	B	MB	-----	O Tomás é um aluno muito interessado e empenhado, tem boa musicalidade e tem tido uma evolução muito positiva ao longo deste período. Deve continuar a trabalhar, para atingir ainda melhores resultados.

Anexo H:**Grelha de Classificação final das Técnicas de Dança Contemporânea**

Alunos	Avaliação Contínua 70%	Prova Global 30%	Avaliação Final 100%	Avaliação Final Em valor
Ana Luís Guimarães	86	71	82	4
Ana Luísa Paiva	59	52	57	3
Bárbara Vagaroso	82	76	80	4
Bárbara Correia	78	73	77	4
Beatriz Silva	55	41	51	3
Beatriz Baptista	50	54	51	3
Daniela Quaresma	73	62	70	4
Lucas Laborim	53	46	51	3
Maria Inês Araújo	87	77	84	4
Mariana Almeida	62	44	57	3
Patrícia Moreira	86	80	84	4
Tomás Machado	93	82	90	5

Anexo I:

Programa de Educação Física do 3º ciclo, nas modalidades de Basquetebol, Futebol e Atletismo:

8.º e 9.º ANOS - Parte do Nível Avançado

O aluno:

1 - Coopera com os companheiros, quer nos exercícios, quer no jogo, escolhendo as acções favoráveis ao êxito pessoal e do grupo, admitindo as indicações que lhe dirigem, e aceitando as opções e falhas dos seus colegas e dando sugestões que permitam a sua melhoria.

2 - Aceita as decisões da arbitragem, identificando os respectivos sinais e trata com igual cordialidade e respeito os companheiros e os adversários, evitando acções que ponham em risco a sua integridade física, mesmo que isso implique desvantagem no jogo.

3 - Adequa a sua actuação quer como jogador, quer como árbitro, ao objectivo do jogo, à função e ao modo de execução das principais acções técnico-tácticas e às regras do jogo.

4 - Em situação de *jogo 7 x 7 ou 11 x 11*:

4.1 - Logo que recupera a posse da bola, reage de imediato, colaborando na organização das acções ofensivas. **Enquadra-se ofensivamente**, controlando a bola, e realiza a acção mais adequada, com oportunidade, de acordo com a sua leitura do jogo:

4.1.1 - **Penetra**, protegendo a bola, fintando ou driblando **para finalizar ou fixar** a acção do adversário directo e/ou outros defensores.

4.1.2 - **Remata**, se conseguir posição vantajosa.

4.1.3 - **Passa** a um companheiro em desmarcação para a baliza ou em apoio, utilizando, conforme situação, **passes rasteiros ou passes por alto**.

4.1.4 - Após passe a um companheiro próximo, **desmarca-se** (“sai”) **no mesmo corredor ou em diagonal** para outro corredor (sentido contrário ao passe), de acordo com a posição do companheiro e adversários, criando nova linha de passe mais ofensiva.

4.1.5 - **Devolve a bola**, colocando-a à frente do receptor (de forma a permitir a continuidade da acção ofensiva), se a recebeu de um **companheiro** próximo que, entretanto, abriu linha de passe.

4.2 - **Desmarca-se**, para oferecer linha de passe **para penetração ou remate ou linha de passe de apoio** (de acordo com a movimentação geral), procurando criar situações de superioridade numérica favoráveis à continuação das acções ofensivas da sua equipa, garantindo a largura e a profundidade do ataque.

4.3 - Logo que a sua equipa perde a posse da bola, reage de imediato procurando **impedir a construção das acções ofensivas**, realizando com oportunidade e de acordo com a situação, as seguintes acções:

4.3.1 – **Pressiona** o jogador em posse da bola, reduzindo o seu espaço ofensivo.

4.3.2 - Colabora com um companheiro **criando situações de superioridade numérica defensiva** sobre o portador da bola.

4.3.3 - **Fecha as linhas de passe** mais ofensivas impedindo a recepção da bola.

4.3.4 - **Realiza as dobras** quando os companheiros são ultrapassados por atacantes em penetração.

4.3.5 - Ajusta a sua posição defensiva, ocupando a posição do companheiro que realizou a acção anterior (**compensação**).

4.4 - *Como guarda-redes*, **enquadra-se** com a bola para impedir o golo. Ao **recuperar** a bola, **passa** a um jogador desmarcado.

5 - Realiza com correcção e oportunidade, *no jogo e em exercícios critério*, os padrões técnicos das acções: **a) recepção e controlo da bola, b) remate, c) remate de cabeça, d) condução da bola, e) drible, f) passe, g) finta, h) desmarcação, i) marcação, j) pressão, l) intercepção e m) desarme.**

PROGRAMA ALTERNATIVO

4 - Em situação de *jogo 7 x 7 ou 11 x 11*:

4.1.6 - Após passe a um companheiro próximo, **desmarca-se** em trajectória circular, **cruzando** para um dos outros corredores, pela frente ou por trás do companheiro, de acordo com a posição dos jogadores, criando nova linha de passe, mais ofensiva.

4.1.7 - Devolve a bola de imediato ("**tabelinha**"), colocando-a à frente do receptor (de forma a permitir a continuidade da acção ofensiva), se a recebeu de um companheiro próximo, que entretanto abriu linha de passe.

4.3 - Logo que a sua equipa perde a posse da bola, reage de imediato procurando **impedir a construção das acções ofensivas**, realizando com oportunidade e de acordo com a situação, as seguintes acções:

4.3.1 - **Pressiona, em marcação individual**, o jogador em posse da bola, colocando-se entre o jogador e a sua baliza, a uma distância variável, consoante ele se encontra mais longe ou mais perto da baliza, dificultando as suas acções ofensivas.

4.3.2. - *Idem 7º ano*

4.3.3 - **Marca** o jogador sem bola, aumentando a pressão à medida que a bola se aproxima do seu adversário directo ou esse se aproxima do companheiro com bola, tentando impedir situações de superioridade numérica ofensiva.

9.º ANO - Parte do Nível Avançado

O aluno:

1 - Cooperar com os companheiros, quer nos exercícios, quer no jogo, escolhendo as acções favoráveis ao êxito pessoal e do grupo, admitindo as indicações que lhe dirigem, aceitando as opções e falhas dos seus colegas e dando sugestões que favoreçam a sua melhoria.

2 - Aceita as decisões da arbitragem, identificando os respectivos sinais e trata com igual cordialidade e respeito os companheiros e os adversários, evitando acções que ponham em risco a sua integridade física, mesmo que isso implique desvantagem no jogo.

3 - Adequa a sua actuação, quer como jogador quer como árbitro, ao objectivo do jogo, à função e modo de execução das principais acções técnico-tácticas e às regras do jogo.

4 - Em situação de *jogo 5 x 5*, coopera com os companheiros para alcançar o objectivo do jogo o mais rápido possível:

4.1 - Na reposição da bola em jogo ou na recuperação da bola pela sua equipa **no seu meio-campo defensivo:**

4.1.1 - **Desmarca-se** de imediato, abrindo linhas de passe ofensivas, contribuindo para o equilíbrio ofensivo (**ocupação racional do espaço de jogo**) da sua equipa e **finalização rápida**, em vantagem numérica e/ou posicional.

4.1.2 - Se é portador da bola, **opta pela forma mais rápida de progressão:**

4.1.2.1 - **Passa rápido**, utilizando a linha de passe mais ofensiva. Após passe, **desmarca-se** garantindo a progressão da equipa em equilíbrio ofensivo.

4.1.2.2 - **Dribla** progredindo rapidamente pelo corredor central para finalizar debaixo do cesto ou, na impossibilidade de o fazer, e se não tem linha de passe imediata, **procura**, enquanto dribla, uma **linha de passe que aproxime a bola do cesto**.

4.1.3 - **Explora situações de 3 x 2 ou 2 x 1**, conjugando as suas acções com a dos companheiros para uma finalização rápida, optando por passe ou drible consoante a posição dos defesas e utilizando a técnica de lançamento mais adequada à situação.

4.2 - Se a equipa não finaliza rapidamente tirando vantagem de situações em superioridade numérica ou posicional, **ocupa uma posição que permita o ataque em cinco abertos** dando continuidade às acções ofensivas da sua equipa:

4.2.1 - Sem posse de bola, conforme a posição dos companheiros e dos defesas e segundo o critério de maior ofensividade, **desmarca-se** abrindo linhas de passe:

- **nos espaços aclarados** pelas movimentações dos companheiros,

- **em corte**, para a bola ou para o cesto,

- **aclarando** em movimento rápido.

4.2.2 - Ao entrar na posse da bola, enquadra-se ofensivamente numa **atitude de tripla ameaça:**

4.2.2.1 - **Desenquadra o seu adversário directo** (1 x 1) para finalizar e, na impossibilidade de o fazer, mantém o drible ou passa a um companheiro em corte em posição mais ofensiva.

4.2.2.2 - Se a penetração em drible é interrompida pela acção de um defensor, e não tem condições favoráveis ao lançamento, **passa** rápido e oportunamente a um companheiro.

4.2.2.3 - **Após passe, corta** para o cesto para abrir nova linha de passe, repondo o equilíbrio ofensivo, se não recebe a bola durante o seu movimento.

4.2.3 - Participa activamente no **ressalto ofensivo**, sempre que há lançamento, procurando recuperar a bola. Se a recupera, **lança** novamente se tem condição favorável, **ou passa** a um companheiro desmarcado para finalizar ou dar continuidade às acções ofensivas da sua equipa.

4.3 - Logo que perde a posse da bola, **assume uma atitude defensiva**, dirigindo-se de imediato ao seu adversário directo, colocando-se entre a linha da bola e o cesto, procurando recuperar a posse da bola ou dificultar as acções ofensivas:

4.3.1 - Na defesa do jogador com bola, coloca-se entre a bola e o cesto (**enquadra-se**), dificultando o passe, o drible e o lançamento.

4.3.2 - Se é ultrapassado pelo jogador em drible, **recupera o enquadramento defensivo**.

4.3.3 - Na defesa do jogador sem bola, **procura interceptar o passe e/ou dificultar a abertura de linhas de passe** colocando-se entre o jogador e a bola.

4.3.4 - Se o companheiro é ultrapassado pelo seu adversário directo, **ajuda-o** tentando dificultar a acção ofensiva do atacante (**entreajudar**).

4.3.5 - Ao lançamento, coloca-se entre o adversário directo e o cesto para participar com vantagem (em antecipação) no **ressalto defensivo**.

5 - Realiza com correcção e oportunidade *no jogo e em exercícios critério*, as acções: a) **drible**, b) **passe-recepção**, c) **lançamento**, d) **ressalto**, e) **fintas**, f) **enquadramento ofensivo**, g) **posição básica defensiva**, h) **enquadramento defensivo**, e ainda i) **deslizamento** e j) **sobremarcação**.

PROGRAMA ALTERNATIVO

4.4 - Logo que perde a posse da bola, assume de imediato atitude defensiva recuando para o seu meio-campo mantendo a visão da bola, tratando-se de **defender H x H em meio-campo**, ou dirigindo-se de imediato ao seu adversário directo se se trata de **defesa individual todo o campo**:

4.4.1 - **Pressiona o jogador com bola** mantendo, através de sucessivos deslocamentos, o enquadramento defensivo, impedindo ou condicionando a progressão (desviando-o para posições pouco ofensivas), o passe e a finalização (obrigando a passe não penetrante ou lançamento em situação desfavorável).

4.4.2 - Se é ultrapassado pelo jogador em drible, **recupera** rapidamente o enquadramento e posição defensiva básicos.

4.4.3 - Na defesa do jogador sem bola em linha de primeiro passe, **sobremarca** (fecha) a linha de passe, na defesa do jogador sem bola do lado contrário (em linha de segundo passe), posiciona-se por forma a poder **interceptar** passes e **ajudar** os seus colegas mais próximos nas suas acções defensivas.

4.4.4 - Se o companheiro é ultrapassado pelo jogador da sua responsabilidade, **dá um tempo de ajuda**, recuperando de seguida a defesa do seu jogador.

4.4.5 - Ao lançamento, coloca-se entre o adversário directo e o cesto para participar com vantagem (em antecipação) no **ressalto defensivo**, dificultando e, se possível, impedindo a participação do adversário no ressalto.

5 - Realiza com correcção e oportunidade, *no jogo e em exercícios critério*, as acções referidas anteriormente e ainda, **11) pressão e 12) desvio**.

9.º ANO - Parte do Nível Avançado

O aluno:

1 - Coopera com os companheiros, aceitando e dando sugestões, de acordo com as exigências técnicas e regulamentares, que favoreçam a melhoria das suas acções, cumprindo as regras de segurança, bem como na preparação, arrumação e preservação do material.

2 - Aplica criteriosamente o regulamento específico dos saltos, corridas e lançamentos, quer como praticante, quer como juiz, e em todas as situações que o exijam.

3 - Efectua uma **corrida de velocidade, com partida de tacos**. Acelera até à velocidade máxima, realizando apoios activos sobre a parte anterior do pé com extensão completa da perna de impulsão e termina sem desaceleração nítida, com inclinação do tronco à frente nas duas últimas passadas.

4 - Em **corrida de estafetas (4 x 60 m, 4 x 80 m, 4 x 100 m)**, entrega o testemunho, sem desaceleração nítida na zona de transmissão, utilizando a técnica descendente e ou ascendente, e recebe-o em aceleração sem controlo visual.

5 - Efectua **uma corrida de barreiras (50 m a 100 m), com partida de tacos**, mantendo o ritmo das três passadas entre as barreiras durante toda a corrida, passando as barreiras com trajectória rasante, mantendo o equilíbrio, sem acentuada desaceleração.

6 - **Salta em comprimento com a técnica de “voo na passada”, com corrida de balanço ajustada**. “Puxa” as pernas para a frente e os braços (paralelos) para a frente e para baixo, na parte final do voo, inclinando o tronco à frente para recepção na caixa de saltos.

7 - **Salta em altura com a técnica de Fosbury Flop**, aumentando a velocidade da corrida na entrada da curva e inclinando o corpo para o interior desta. Acompanha a impulsão enérgica e vertical com a elevação activa dos ombros e braços. “Puxa” energicamente as coxas com extensão das pernas (corpo em “L”) na fase descendente do voo, para recepção de costas no colchão com braços afastados lateralmente.

8 - **Lança o peso de 3 kg/4 kg**, de um círculo de lançamentos, com a pega correcta, encadeando o deslizamento com o lançamento. Desliza (de costas) com o ritmo de apoios “curto e longo” rasante ao solo. Roda e avança a bacia do lado do peso com extensão da perna, empurrando o engenho com extensão total dos segmentos e flexão da mão, trocando de pés, após a saída do peso, em equilíbrio.

9 - **Salta em triplo salto com corrida de balanço de seis a dez passadas e impulsão na tábua de chamada**. Realiza correctamente o encadeamento dos apoios - 1.º salto em pé coxinho, 2.º salto para o outro pé e o último com a técnica de passada, com queda a dois pés na caixa de saltos.

10 - **Lança o dardo, após seis a dez passadas de balanço**, executando correctamente a pega e o ritmo das cinco passadas finais. Avança a bacia e o ombro do lado do dardo (bloqueio do movimento sobre o eixo do pé da frente), no momento do último apoio, mantendo o cotovelo e o dardo à retaguarda, para forte acção de

“chicotada” do braço (por cima do ombro), trocando a posição dos pés na parte final, mantendo-se em equilíbrio.

Anexo J:**Poema Mauro Gouvêa (2007)**

Mendigo

O chão frio da calçada
é onde faço meu leito
e com fome me deito
toda madrugada.

Ponho-me de mãos estendidas
com os olhos no vazio
enquanto secretamente me rio
quando escandalizam minhas feridas.

Sou chaga aberta nas ruas
coberto de panos rasgados
recolhendo alguns trocados
cobiçando coisas tuas.

Não finjas que não me vês estendido
nem desvies os olhos de minha figura
não reproves minha falta de compostura
pois sou o que poderias ter sido.

Mauro Gouvêa

Anexo K:

Cartaz do Espetáculo de Dança da AMVP 2014/2015



ESPETÁCULO FINAL DE DANÇA DA AMVP

AS CINCO TRANÇAS DE YNARI

26 JUNHO 2015 | 21H30

27 JUNHO 2015 | 16H00 E 21H30

AUDITÓRIO MUNICIPAL DE GAIA



ACADEMIA DE MÚSICA DE VILAR DO PARAÍSO



Anexo K:

Registos Audiovisuais.